

# Revista de Espiritualidade



VII Congresso de Espiritualidade

## As fontes da alegria

**ACTAS DO CONGRESSO**  
(18-20/10/2019)

# REVISTA DE ESPIRITUALIDADE

## SUMÁRIO

ALPOIM ALVES PORTUGAL	
<i>«As fontes da alegria»</i> . . . . .	3
JOÃO LUÍS CÉSAR DAS NEVES	
<i>As Bem-aventuranças na actualidade</i> . . . . .	5
MANUEL JOSÉ RODRIGUES DE SOUSA	
<i>A alegria gerada pela palavra. A visitação de Maria</i> . . . . .	19
ALEXANDRE FREIRE DUARTE	
<i>A experiência pascal do encontro: Fonte da alegria cristã</i> . . . . .	35
MARIA JOSÉ MARIÑO	
<i>A alegria em situações limite ou o limite como lugar de graça</i> . . . . .	65
PAULO DOS SANTOS	
<i>A experiência fundante de amar e ser amado.</i> . . . . .	77
JOÃO RICARDO COSTA REGO	
<i>A beleza contemplada pelo olhar de S. João da Cruz</i> . . . . .	101
PAINEL – A ALEGRIA DO ANÚNCIO	
MANUEL ANTÓNIO DA ROCHA FONTES SANTOS	
<i>Nas comunidades cristãs</i> . . . . .	125
LUÍSA E ANTÓNIO MARQUES DE CARVALHO	
<i>Na família.</i> . . . . .	133
LÍGIA PEREIRA	
<i>Na escola</i> . . . . .	149

## **REVISTA DE ESPIRITUALIDADE**

Publicação Trimestral

### **Proprietário e Editor**

EDIÇÕES CARMELO  
Convento de Auessadas  
Apartado 141  
4634-909 MARCO DE CANAVESES  
NIF: 506441725

### **Gerente**

Alpoim Alves Portugal

### **Detentor 100% do Capital**

Ordem Padres Carmelitas Descalços

### **Director**

P. Alpoim Alves Portugal

### **Conselho da Direcção**

P. Pedro Lourenço Ferreira  
P. Agostinho dos Reis Leal  
P. Manuel Fernandes dos Reis  
P. Joaquim da Silva Teixeira  
P. Vasco Nuno da Costa

### **Sede da Redacção**

Convento de Auessadas  
Apartado 141  
4634-909 MARCO DE CANAVESES  
Tel. 255 531 354 – Fax 255 531 359  
E-Mail: [editorial@carmelo.pt](mailto:editorial@carmelo.pt)

Assinatura Anual (2019) .....	€ 20,00
Europa .....	€ 27,00
Fora da Europa .....	€ 46,00
Este número avulso .....	€ 10,00

Impressão: ARTIPOL - ÁGUEDA | Tiragem: 400 exemplares

Depósito Legal: 56907/92 - Registo na ERC: 121035

## «AS FONTES DA ALEGRIA»

ALPOIM ALVES PORTUGAL

Nos dias 18 a 20 de Outubro de 2019, realizou-se em Fátima, Domus Carmeli, o VII Congresso de Espiritualidade organizado pela Ordem e Congregações do Carmelo em Portugal. Foi uma espécie de resposta ao apelo constante do Papa Francisco e o seu convite à alegria vista por ele como fruto e sinal visível de santidade de vida na Igreja e no mundo. De modo especial, as primeiras Exortações Apostólicas do seu ministério pastoral e escrito testemunham isso mesmo quando põem em destaque, e logo na primeira linha, essa palavra mágica, «alegria»: «A Alegria do evangelho» (sobre o anúncio do Evangelho no mundo actual - 2013), «A Alegria do amor» (sobre o amor na família - 2016), «Alegrai-vos e exultai» (sobre o chamamento à santidade no mundo actual - 2018). Mas esta virtude da alegria também não desaparece dos seus outros escritos.

Os institutos de inspiração carmelita e teresiana decidiram, pois, conectar e caminhar com o magistério do Papa Francisco a partir das realidades que lhes tocam, e nos tocam, viver a todos e descobrir nelas essa torrente de vida alegre tão característica do carisma de Teresa de Jesus e João da Cruz. Na vida das suas comunidades religiosas, na sua doutrina e escritos, nunca deixou de marcar uma presença forte o tema da alegria. Onde encontravam eles as raízes, em que fontes espirituais bebiam, para saciarem a sua sede de felicidade e de Vida que o Deus Criador gerou neles? Por onde podemos

nós, hoje, carmelitas, e não carmelitas, caminhar para essa meta que a todos é proposta de alcançar? Onde poderemos todos saciar essa sede da alegria de Deus que sempre está em crescendo no íntimo de cada um como um fogo que não deixará nunca de arder e de queimar até que mergulhe no mar imenso da Felicidade, até entrar na «adega interior do adubado vinho» para onde o Amado nos chama?

Ao longo deste fim-de-semana fomos escutando belíssimas propostas de percursos a seguir, de ritmos a tomar, de «bagagem» a transportar, para chegarmos à tal meta desejada que Deus mesmo nos oferece. Assim, pudemos escutar temas como «As bem-aventuranças na actualidade», por João César das Neves, onde mostra o anunciador das bem-aventuranças como aquele que vem pessoalmente, e não quem traz uma «receita de vida, solução milagrosa para a miséria»; ou «A Alegria gerada pela Palavra. A visitação de Maria», por Mário José Rodrigues de Sousa, recordando-nos que Lucas escreveu «o evangelho da alegria e onde o episódio da visitação é paradigmático da alegria gerada pela presença da Palavra, que reconfigura a vida e lhe dá um horizonte de esperança»; ou «A experiência pascal do encontro: fonte da alegria cristã», por Alexandre Freire Duarte, mostrando que «O falar pode convencer, mas o viver converte, ou seja: o que conduz os demais à aceitação de Deus é o vivermos uma, e numa, alegria que é totalmente inseparável do estarmos deslocados de nós mesmos e descolonizados do nosso “ego”»; ou «A alegria em situações limite ou o limite como lugar da graça», pela Ir. Maria José Mariño, sobretudo desde a bela escultura do Cristo crucificado que sorri; ou «A experiência fundante de amar e ser amado», afirmando categoricamente que «O maior remédio de todos é o AMOR!»; e ainda, «A beleza contemplada pelo olhar de S. João da Cruz», por João Ricardo Costa Rego, onde a contemplação da natureza, todas as coisas, ficaram revestidas da própria «formosura» de Deus. E finalmente, damos ainda lugar às reflexões apresentadas no painel «A alegria do anúncio nas Comunidades cristãs, na Família e na Escola».

Para terminar só me resta recordar a exortação de S. Paulo aos Filipenses (4, 4): «Alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos! Seja conhecida de todos os homens a vossa bondade».

# AS BEM-AVENTURANÇAS NA ACTUALIDADE <sup>1</sup>

JOÃO LUÍS CÉSAR DAS NEVES

## 1. Busca da felicidade

O que são bem-aventuranças? A resposta a esta questão é fácil: bem-aventuranças são caminhos para a felicidade. É esse o significado da palavra. Bem aventuranças é aquilo que nos faz bem-aventurados, que nos torna felizes.

Isto liga-nos aos dois elementos centrais da essência do ser humano. O ser humano, todo o ser humano, quer a felicidade. É tudo aquilo que queremos, e só aquilo que queremos. Mas, ao mesmo tempo, o ser humano não tem a felicidade, e sabe que não tem. Busca algo que não encontra; sabe que no fim vai morrer. Este é o núcleo central da nossa condição.

### *A) O DRAMA HUMANO*

Este é o drama humano, o terrível drama humano: buscamos ansiosamente algo que não temos, e duvidamos que alguma vez realmente venhamos a ter. Somos o único ser que se encontra nessa condição. De todos os entes que conhecemos, nós somos os únicos que são assim. Todas as coisas à nossa volta estão enquadradas na sua vida. Um rio, uma vaca, uma árvore, fazem parte da paisagem,

<sup>1</sup> Conferência proferida por João Luís César das Neves, no VII Congresso de Espiritualidade, “As fontes da Alegria”, no dia 18 de Outubro de 2019 às 18:00 horas.

estão bem na sua identidade. Nós, os humanos, andamos sempre inquietos, em busca de algo.

Este terrível drama pode ser apresentado de forma mais pungente se, em vez de falarmos de bem-aventurança, falarmos de salvação. Precisamos de ser salvos. A busca da felicidade pode ser apresentada com o facto de o ser humano se sentir perdido e precisar de salvação. Salvação da doença, da miséria, da violência, mas também da ignorância, da fraqueza, da maldade. Os seres humanos buscam intensamente a salvação.

Todo o esforço da humanidade é uma busca da felicidade. Isso é verdade na labuta do dia-a-dia, nas paixões amorosas como nas questões profissionais; nos temas do dinheiro, da honra, do sexo ou da sociedade, como é verdade nos esforços dos políticos, nas teorias dos filósofos e nos oráculos dos profetas. Todas as religiões e filosofias são caminhos para a felicidade, ofertas de salvação. Esta questão da busca da felicidade está por detrás de todos os esforços, não apenas religiosos e filosóficos, mas também culturais, políticos, económicos e até diplomáticos e militares. O ser humano, por mais que tenha, continua ansiosamente em busca de algo que não conhece bem, mas que sabe que tem de ter.

### ***B) TEXTOS DE REFERÊNCIA***

Onde está essa felicidade que tanto buscamos? O que é que cada época pensa que é ser feliz? Podemos procurar isso em muito lado, porque no fundo, como se disse, toda a actividade humana é uma busca da felicidade. Em particular, podemos procurar isso nos textos mais marcantes da cultura.

Para muitos, esses textos são religiosos: Bíblia, Alcorão, os Vedas, Buddhavacana, Tao-te-ching, os Analectos. Como vimos, a religião é explicitamente a definição da felicidade. Mas em certas culturas, em certas sociedades, para certas pessoas, porém, a religião é laica, e muitos, mesmo religiosos, encontram os termos da definição da felicidade em textos de outro tipo. Na Constituição nacional, nos programas partidários, nos estudos científicos, em novelas e

romances, muitos encontram a sua felicidade ou, pelo menos, aquilo que acreditam poder levar à felicidade.

### **C) HISTÓRIAS INFANTIS**

Uma das formas mais interessantes de responder à pergunta de definição da felicidade é considerar as histórias que contamos às nossas crianças. Os filhos são o grupo mais decisivo da sociedade, e as histórias infantis os melhores instrumentos de formar o carácter dos futuros adultos. E aquilo que é mais central no carácter é a felicidade. Por isso as histórias infantis são muito reveladoras de uma cultura.

Cada época e cultura tem as suas histórias infantis, que a representam muito bem. Quais são as principais histórias infantis? Há quem use a *Bíblia* e outros textos religiosos como histórias que se contam às crianças. Foi assim, durante muito tempo na nossa cultura. Outra fonte de histórias nessa época é a *Legenda Aurea*, um livro com biografias dos santos escrito em 1260 pelo Beato Jacobus de Varagine (1230–1298), sendo depois completado por outros autores. Foi o livro mais lido a seguir à Bíblia na Europa da Baixa Idade Média.

### **D) CONTOS DE FADAS TRADICIONAIS**

Hoje não são essas, porém, as nossas histórias infantis. Aquilo a que chamamos histórias infantis são os contos de fadas. Cada cultura tem as suas, mas existem alguns protótipos. Um dos esforços etnográficos mais famosos foi o realizado pelos irmãos Grimm, Jacob Ludwig Karl (1785–1863) e Wilhelm Carl (1786–1859), que no século XIX recolheram os contos tradicionais da Alemanha. O seu livro de histórias (*Kinderund Hausmärchen*) foi publicado em dois volumes; o primeiro, publicado em 20 de dezembro de 1812, continha 86 histórias e o segundo, com 70 histórias veio em seguida, em 1814<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Outro esforço semelhante é a recolha do americano Thomas Bulfinch (1796–1867) com a sua obra *Bulfinch's Mythology*, publicada em três volumes: *The Age of Fable, or Stories of Gods and Heroes* (1855); *The Age of Chivalry, or Legends of King Arthur* (1858); *Legends of Charlemagne, or Romance of the Middle Ages* (1863).



Não há dúvida que os contos de fadas tratam sobretudo de bem-aventurança. Aliás, eles terminam sempre dizendo que «viveram felizes para sempre». Esse é o ideal de felicidade. Ora esses contos de fadas têm uma definição de felicidade muito clara: normalmente partem de uma pessoa pobre (Branca de Neve, Cinderela, João Valentão), que depois de aventuras casa com o príncipe ou uma princesa e chega ao palácio.

Assim, pode dizer-se, a felicidade dos contos de fadas é o palácio: ser príncipe, ser princesa, ricos, belos, poderosos, portanto felizes.

## **2. A actualidade**

Esta é a tradição muito antiga dos contos infantis. E que tal na actualidade? Será que é igual? O que há de especial na actualidade?

### ***A) UM TEMPO NORMAL***

Todos os tempos acham sempre que são especiais; ou especialmente bom, ou especialmente mau. É habitual ouvir dizer: «as bem-aventuranças do Evangelho são o contrário das bem-aventuranças deste tempo». Mas isso é verdade em todos os tempos. Nós, por muito que nos incomode, somos um tempo normal. Podemos ver que somos um tempo normal, precisamente nos contos de fadas. Afinal, os nossos contos de fadas são os do costume.

### ***B) CONTOS DE FADAS ACTUAIS***

A actualidade tem muito mais contos de fadas que antes. Mas hoje, neste mundo da internet e dos telemóveis quais são os contos de fadas? É muito curioso constatar duas características básicas.

Antes de mais, notamos que os contos são os mesmo de sempre. Podemos ver isso na Disney, que é a empresa que no último século

mais histórias tem contado às crianças. Os filmes da Disney são, quase todos, adaptações de contos tradicionais. Logo a primeira longa metragem foi «Branca de Neve e os sete anões» em 1937. Depois adaptaram quase todas as histórias clássicas desse estilo. O filme mais recente, «Maléfica: Mestre do Mal» (*Maleficent: Mistress of Evil*), de Outubro de 2019 é mais uma adaptação de «A Bela Adormecida», uma das histórias dos Grimm.

É muito raro nos filmes da Disney haver histórias com temas originais e, mesmo nos poucos que o são (como *Fantasia* 1940, *À procura de Nemo* 2003, *Rei Leão* 1994 e 2019 ou *WALL-E* 2008), o estilo é o mesmo dos contos tradicionais.

Para lá dos antigos contos, temos outros mais recentes, que, apesar de originais, todos adaptam a linha tradicional, cheios de reis, princesas, reinos reconquistados, casamentos em que todos são felizes para sempre.

Isso é evidente na saga «A Guerra das estrelas» (*StarWars*), que começou em 1977 e teve em 2019 o nono filme. Também «O Senhor dos Anéis»<sup>3</sup>, o «Hobbit»<sup>4</sup>, baseados nos livros de J.R.R. Tolkien (1892 –1973) ou os episódios televisivos d'«A Guerra dos Tronos», baseados nos livros de George R. R. Martin (1948-...) <sup>5</sup> estão cheios de princesas, heróis e dragões.

Noutro estilo, os livros e filmes de «Harry Potter», de J. K. Rowling (1965-...) <sup>6</sup> ou os filmes de super-heróis da Marvel e da DC, adaptação de banda desenhada, seguem o tipo dos contos de fadas e estão cheios de reis, como *Super-homem*, *Thor*, *Aquaman*, «Mulher maravilha» (*Wonder Woman*) e «Pantera Negra» (*Black Panther*). Igualmente os jogos de computador seguem o estilo dos contos de fadas, em particular os jogos de interpretação de personagens online

<sup>3</sup> *The Lord of the Rings*, publicados em 1954, 1954 e 1955 e adaptados ao cinema por Peter Jackson em 2001, 2002 e 2003.

<sup>4</sup> *The Hobbit*, publicado em 1934 e depois adaptado ao cinema, também por Jackson, em 2012, 2013 e 2014.

<sup>5</sup> *A Song of Ice and Fire*, escritos em 1996, 1998, 2000, 2005, 2011, ainda faltando dois volumes, e adaptados à televisão na HBO de 2011 a 2019.

<sup>6</sup> Sete livros de 1997 a 2007, adaptados em oito filmes de 2001 a 2011, e nova série após 2016.

e em massa para multijogadores (massively multiplayer online role-playing game, MMORPG) como o *World of Warcraft*, lançado em 2004 pela Blizzard Entertainment.

Apesar de serem as mesmas histórias, existem, porém, algumas diferenças. Primeiro, é de notar que muitas destas histórias não são só para crianças, ou até não podem ser para crianças. A maior parte dos filmes que acima referi não são filmes infantis; por exemplo, o grau de violência de *A Guerra dos Tronos* não é nada recomendável a jovens e adultos, quanto mais a crianças. Ou seja, hoje os adultos são consumidores habituais de contos de fadas. Chamam-se «obras de fantasia, ficção científica, etc», mas são simplesmente contos de fadas para crescidos.

### C) FALTA DE CREDIBILIDADE

Por outro lado, hoje esses contos são muito menos plausíveis do que antes. Hoje não existem cavaleiros, reis nem rainhas, e os poucos que há, não têm poder ou riqueza. Em países democráticos já não existe essa concentração de posses, fama e poder que os contos de fadas sempre implicam. É verdade que alguns dos super-heróis como o *Batman* ou o *Homem de Ferro* são milionários, que é versão moderna do poderoso, mas não são mais plausíveis por isso.

O pior de tudo é que essas histórias já sejam sequer possíveis. Antigamente os contos eram credíveis, hoje não. Antigamente, quando não havia jornais, televisão ou *internet*, a maioria das pessoas, que era muito pobre, acreditava que se deixasse de o ser, por exemplo casando com um príncipe ou uma princesa, seríamos felizes para sempre. Claro que havia aqueles poucos que eram realmente príncipes, princesas, rainhas e reis, ricos e poderosos, que sabiam que isso não dava a felicidade, mas eram poucos. E sempre houve sábios a dizer que a vida das elites não era feliz. Apesar disso era credível que um dia podíamos atingir a felicidade dessa maneira.

Hoje a grande maioria das pessoas vive como antes os pobres sonhavam vir a viver há uns séculos, e todos temos comodidades que

ninguém tinha há 100-200 anos atrás, como hospitais e electricidade. Mas não nos sentimos mais felizes.

Além disso, graças à comunicação social, todos nós, não só sabemos da vida miserável que levam os ricos, famosos e poderosos. Hoje todos sabemos com absoluta certeza que estas coisas não trazem a felicidade.

### 3. Felicidade de Jesus

A felicidade que todos os contos de fadas apresentam é o palácio, onde se pode viver feliz para sempre. O que é que há no palácio? Há riqueza, o poder e a fama. Ora isto constitui, simplesmente as três tentações do demónio a Jesus no deserto (Mt 4, 1-11; Mc 1, 14-15; Lc 4, 14-15): transformar pedras em pão (riqueza); saltar do pináculo do Templo e sobreviver (fama) e conquistar todos os reinos do mundo (poder). Basta esta referência para entender que a visão de Jesus não é a dos contos de fadas. Jesus tem outras bem-aventuranças.

#### *A) BEM-AVENTURANÇAS E MALDIÇÕES*

Quando nós falamos das bem-aventuranças de Jesus, normalmente referimo-nos ao Sermão da Montanha e, nesse, apresentamos a versão de S. Mateus no capítulo 5. Essa versão, que tem oito bem-aventuranças, é belíssima e deve ser usada. Mas não é a única. Existe uma outra, em S. Lucas no capítulo 6, que só tem quatro bem-aventuranças, mas inclui uma segunda parte: depois das bem-aventuranças vêm as maldições.

«Mas ai de vós, os ricos, porque recebestes a vossa consolação! Ai de vós, os que estais agora fartos, porque haveis de ter fome! Ai de vós, os que agora rides, porque gemereis e chorareis! Ai de vós, quando todos disserem bem de vós! Era precisamente assim que os pais deles tratavam os falsos profetas». (Lc 6, 24-26)

É curioso notar que as maldições de Jesus são precisamente aquilo que se passa nos palácios. Nos palácios estão os ricos, estão os fartos, os que riem, os elogiados. Pelo contrário, aqueles a quem Jesus chama bem-aventurados são exactamente o inverso disto:

«Felizes vós, os pobres, porque vosso é o Reino de Deus. Felizes vós, os que agora tendes fome, porque sereis saciados. Felizes vós, os que agora chorais, porque haveis de rir. Felizes sereis, quando os homens vos odiarem, quando vos expulsarem, vos insultarem e rejeitarem o vosso nome como infame, por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos e exultai nesse dia, pois a vossa recompensa será grande no Céu. Era precisamente assim que os pais deles tratavam os profetas».  
(Lc 6, 20-23)

### ***B) UM DISPARATE***

O caminho para a felicidade é ser pobre, ter fome, chorar e ser perseguido. Mas isto é evidentemente um disparate. Tentemos dizer isto a alguém e veremos logo como seremos recebidos. Nós católicos repetimos as bem-aventuranças, e dizemos que são excelentes, mas será que acreditamos mesmo nisso? Achamos mesmo que é bom ser pobre, ter fome, chorar e ser perseguido?

Normalmente, como se disse, preferimos a versão de S. Mateus, que parece menos dura:

«Ao ver a multidão, subiu a um monte e, depois de Se ter sentado, aproximaram d'Ele os discípulos. Tomando então a palavra começou a ensiná-los, dizendo: “Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos Céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque possuirão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os puros de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos Céus.

Bem-aventurados sereis quando vos insultarem e perseguirem e, mentindo, disserem todo o tipo de calúnias contra vós, por minha causa. Alegrai-vos e exultai, porque grande será a vossa recompensa nos céus. Foi assim que perseguiram os profetas antes de vós». (Mt 5, 1-12)

Esta versão é mais fácil de digerir. Primeiro porque os pobres aqui são em espírito, o que facilita muito. Depois a fome e sede é de justiça. Mantém-se as outras duas bem-aventuranças: chorar e ser perseguido; e temos quatro novas bem-aventuranças: os mansos, os misericordiosos, os puros de coração e os pacificadores, que são questões compreensíveis. Esta versão é muito mais aceitável

Mas não se pode cancelar a versão de S. Lucas e, afinal, as duas versões, no fundo, dizem a mesma coisa. Quem pode acreditar que o caminho para a felicidade é fazer estas coisas?

### ***C) MORALIDADE***

Existe ainda um aspecto adicional a ter em conta: as bem-aventuranças de Lucas não são propriamente morais. Em S. Mateus temos indicações claras de comportamento: ser pobre em espírito, ter fome e sede de justiça, ser manso, misericordioso, puro de coração e pacificador. Mas em S. Lucas não se trata tanto de comportamentos sugeridos, mas de condições sociais: ser pobre, ter fome, chorar e ser perseguido. Isto são coisas que acontecem a alguns e não acontece a outros. Alguns são pobres, têm fome, choram e são perseguidos, mas outros não. Não é uma opção moral, um estilo de vida, mas um estatuto social. É muito difícil transformar isto num programa de vida e, mais do que isso, convencer alguém que esse programa dá a felicidade. Como se disse, isto parece um disparate.

## **4. Presença da felicidade**

Penso que se discutirmos as coisas a este nível, estamos a enganar-nos e a enganar os outros. As bem-aventuranças do Sermão

da Montanha não têm de ser tomadas como um programa moral ou uma descrição sócio-económica. Elas apontam para outro lado.

### ***A) O ELEMENTO DECISIVO***

Para compreender do que se trata, falta um pequeno elemento que faz toda a diferença. Para entender isto, antes de vos falar «das» bem-aventuranças, é preciso entender «a» bem-aventurança.

Porque, para lá do Sermão da Montanha, existem muitos outros passos do Evangelho onde Jesus fala de felicidade. E um deles é especialmente claro: «Felizes os olhos que vêem o que estais a ver. Porque, digo-vos, muitos profetas e reis quiseram ver o que vedes e não o viram, ouvir o que ouvís e não o ouviram!» (Lc 10, 23-24; cf. Mt 13, 16-17). Esta frase foi dita na conversa que Jesus teve com os 72 discípulos que voltavam da sua missão e estavam fascinados com o que conseguiram fazer.

Repare-se, antes de mais, que se trata de uma bem-aventurança, exactamente na forma das anteriores: «Felizes ...». Mas aqui não temos detalhes a complicar: vai directamente ao assunto. O assunto é Jesus. A bem-aventurança é Jesus, Aquele que «muitos profetas e reis quiseram ver (...) e não o viram, ouvir (...) e não o ouviram» é Ele. Note-se a referência aos reis, que estão no palácio, o palácio da falsa bem-aventurança dos contos.

Este elemento é a chave de compreensão das bem-aventuranças. Esse elemento é o próprio Jesus. Esse elemento também estava em ambas as versões do Sermão da Montanha, as versões oficiais das bem-aventuranças: na versão de S. Lucas é dito «por causa do Filho do Homem» (Lc, 6, 22), e na versão de S. Mateus está «por minha causa» (Mt, 6, 11).

Este é o aspecto decisivo: aquilo que nos traz a felicidade é a vida de Jesus, é a pessoa de Jesus. O caminho é Jesus: «Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida. » (Jo 14, 6). Se não entendermos isto, não entendemos nada de felicidade.

### ***B) O OPOSTO DA BUSCA***

Isto faz-nos entender como estamos longe de todas as outras descrições do caminho para a felicidade. A religião cristã é precisamente o oposto da busca da felicidade. Não é o ser humano à procura da felicidade, mas a felicidade que veio do Céu à procura do ser humano.

Jesus diz isso noutra bem-aventurança do Evangelho: «Feliz é aquele que não se escandalizar de mim» (Mt 11. 6; Lc 7, 23). Esta é a resposta à minha afirmação anterior de que as bem-aventuranças parecem um disparate. Afirmar que as bem-aventuranças são um disparate é escandalizar-se de Jesus. De facto parecem, mas a felicidade é compreender que não são um disparate. Compreender que com Jesus até a pobreza, a fome, as lágrimas e a perseguição são caminho de felicidade. Como o mostraram os santos, aqueles que não se escandalizaram d'Ele.

### ***C) MISSÃO DO MESSIAS***

Esta última frase, «Feliz é aquele que não se escandalizar de mim» (Mt 11. 6; Lc 7, 23), surge quando João Baptista manda perguntar uma coisa estranha: «João chamou dois dos seus discípulos e enviou-os ao Senhor para lhe perguntar: “És tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?”» (Lc 7, 18-19; Cf., Mt 11, 3). Jesus responde:

“Ide comunicar a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos ficam limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam, os pobres são evangelizados. Feliz é aquele que não se escandalizar de mim”. (Lc 7, 22-23; cf, Mt 11, 4-6)

Esta resposta alude ao profeta Isaías, um dos profetas que quis ver e não viu, e ao texto que Jesus, no início do seu magistério, usa para se definir

“Veio a Nazaré, onde tinha sido criado. Segundo o seu costume, entrou em dia de sábado na sinagoga e levantou-se



para ler. Entregaram-lhe o livro do profeta Isaías e, desenrolando-o, deparou com a passagem em que está escrito:

«O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor.»

Depois, enrolou o livro, entregou-o ao responsável e sentou-se. Todos os que estavam na sinagoga tinham os olhos fixos nele. Começou, então, a dizer-lhes: «Cumpru-se hoje esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir.» (Lc 4, 16-21)

O assunto da felicidade, o único assunto da felicidade, é Jesus

#### ***D) O BEM-AVENTURADO***

Agora entendemos o sentido das bem-aventuranças. Jesus é o pobre em espírito, que chora, é manso, tem fome e sede de justiça, o misericordioso, o puro de coração, o pacificador e o perseguido. Quando Jesus apresenta as bem-aventuranças, apresenta-se a si como modelo. A felicidade é Jesus. Esse é o elemento novo.

Jesus não vem, antes de mais, trazer receita de vida, solução milagrosa para a miséria. Jesus vem pessoalmente

#### ***E) MORALIDADE***

Assim, vemos que a questão não é bem de ser moral, cumprir regras e mandamentos como os fariseus. Trata-se antes de amar a Cristo, seguir a Cristo, viver com Cristo. Relativamente ao mundo, esse só interessa por Cristo. Não interessa ser rico, farto, risonho ou elogiado, as tais bem-aventuranças do palácio. Jesus, com a sua normal atitude de ser radical e cortante nas expressões, põe as coisas no inverso: ser pobre, ter fome, chorar, ser perseguido, mas tudo, mas sempre, mas só «por causa do Filho do Homem».

### ***F) NA ACTUALIDADE***

O que é que isto quer dizer na actualidade? A maior parte das vezes isso dá origem a uma análise sociológica, económica, demográfica, para ver se os cristãos são mais ou menos, se a Igreja está a crescer ou a diminuir. De novo, esse não é o problema.

A questão que devemos colocar é: Jesus anda por aqui? Onde é que Ele está? Aí, onde quer que seja, com Ele, somos bem-aventurados. A questão não é ser bonzinho, mas andar com Jesus, como Jesus, por Jesus, em Jesus e para Jesus. Isso é muito mais do que ser bonzinho.

### ***G) A BEM-AVENTURADA***

O próprio Senhor o diz noutro passo do Evangelho em que apresenta mais uma bem-aventurança:

«Enquanto assim falava, uma mulher levantou a voz do meio da multidão e lhe disse: “Feliz o ventre que te trouxe e os seios que te amamentaram!” Mas Jesus respondeu: “Mais felizes são os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática”.» (Lc 11, 27-28)

Note-se que a mulher quer apresentar uma bem-aventurança de estatuto, uma bem-aventurança de palácio: “Aquela que te trouxe e te amamentou é bem-aventurada”. Se fosse assim, seria uma questão de situação, como os príncipes e as princesas dos contos de fadas. Jesus fala antes de ouvir a palavra de Deus e a pôr em prática. Repete isso no episódio paralelo:

«Estava Ele ainda a falar à multidão, quando apareceram sua mãe e seus irmãos, que, do lado de fora, procuravam falar-lhe. Disse-lhe alguém: «A tua mãe e os teus irmãos estão lá fora e querem falar-te.» Jesus respondeu ao que lhe falara: “Quem é a minha mãe e quem são os meus irmãos?” E, indicando com a mão os discípulos, acrescentou: “Aí estão minha mãe e meus irmãos; pois, todo aquele que fizer a vontade de

meu Pai que está no Céu, esse é que é meu irmão, minha irmã e minha mãe.”» (Mt 12, 46-50; Mc 3,31-35; Lc 8,19-21)

Isto não é menosprezo a Nossa Senhora, porque Ela é a mais bem-aventurada de todos, porque ninguém como Ela ouviu a palavra de Deus e a pôs em prática. Ela é a criatura mais bem-aventurada, que Deus pôs acima dos Anjos e dos santos, precisamente porque fez sempre tudo com Jesus, como Jesus, por Jesus, em Jesus e para Jesus. E nós hoje, além disso, podemos fazer tudo com Maria, como Maria, por Maria, em Maria e para Maria, como caminho que nos leva a Jesus.

## A ALEGRIA GERADA PELA PALAVRA. A VISITAÇÃO DE MARIA <sup>1</sup>

MÁRIO JOSÉ RODRIGUES DE SOUSA

«No princípio era a Palavra e a Palavra estava junto de Deus e a Palavra era Deus... e a Palavra fez-se carne: estabeleceu a tenda entre nós e contemplámos a sua glória» (Jo 1,1.14). Desta maneira começa João o testemunho que nos deixou sobre a vida de Jesus, apresentando-o como a Palavra através da qual todas as coisas vieram à existência, e remetendo, desta forma, para o livro do Génesis, onde Deus cria apenas e só pelo tremendo poder da sua palavra. S. João recorda-nos que a Palavra de Deus não é um conjunto de fonemas, mas o «princípio» sobre o qual todas as coisas foram estabelecidas e do qual todos receberam a vida divina (Jo 1,2s).

A palavra existe mesmo antes de ser pronunciada, mas ao ser dita transporta consigo a interioridade e a vida de quem a profere. De facto, a palavra não apenas expressa o coração; para poder ser exteriorizada, tem de ser acompanhada pela expiração, num «vento» (*pneûma*) que comunica a vida íntima de quem fala. Por isso, diz o prólogo que na Palavra «estava a vida» (Jo 1,4). A Palavra de Deus, na qual se manifesta e comunica a sua vida divina, é Jesus, que em determinado momento da história se fez carne, «estabelecendo a tenda entre nós». A expressão evoca a

<sup>1</sup> Conferência proferida por P. Mário José Rodrigues de Sousa, no VII Congresso de Espiritualidade, “As fontes da Alegria”, no dia 19 de Outubro de 2019 às 10:00 horas.

Tenda do Encontro (Ex 25,8), habitação de Deus no meio do seu povo, onde, por isso, se tornava presente a glória do Senhor. Pela encarnação, o encontro de Deus com o homem acontece através da dimensão corpórea de Jesus: a Palavra eterna encarnou na pobreza da palavra humana, para que o homem pudesse entender, ouvir e ver (cf. 1Jo 1,1) o projeto e o mistério da salvação. Por isso a comunidade, através do evangelista, pode excluir com alegria: «e nós contemplamos a sua glória!», e, mais adiante, João Batista afirma: «o amigo do noivo, que está presente e o *ouve*, exulta de alegria [lit.: com alegria se alegra] por causa da *voz* do noivo. Pois bem, esta minha alegria está completa» (Jo 3,29). A *voz* do noivo, ou seja, a sua palavra, é para João motivo de uma alegria imensa (como se expressa no pleonasma semita «com alegria se alegra»); mas note-se: é uma alegria que nasce não do facto de a palavra ser pronunciada, mas de a escutar e acolher – condição para que se realize um verdadeiro encontro. A alegria gerada pela Palavra é um tema particularmente enfatizado por S. Lucas, pelo que vos convido a deixarmo-nos guiar pelo terceiro evangelista.

## 1. Lucas, o evangelho da alegria

De facto, no evangelho de Lucas o tema da alegria cria uma espécie de inclusão em relação a toda a obra, pois esta começa com o anúncio a Zacarias de que lhe será concedido um filho e que «muitos se alegrarão com o seu nascimento» (Lc 1,14) e termina com a afirmação de que, depois da ascensão, os discípulos de Jesus «voltaram para Jerusalém com grande alegria e estavam continuamente no Templo a bendizer a Deus» (24,53). Mas para além desta moldura, que enquadra todo o evangelho, o tema da alegria é uma linha condutora, como é facilmente observável na seguinte lista:

1. O anjo anunciou a Zacarias que terá um filho «e muitos se alegrarão com o seu nascimento» (Lc 1,14);

2. O nascimento de João será também «alegria e júbilo» para o próprio Zacarias (Lc 1,14);
3. A saudação do anjo Gabriel a Maria: «Alegra-te!» (Lc 1,28);
4. João Batista «saltou de júbilo» no ventre de Isabel ao ouvir as palavras de Maria (Lc 1,44);
5. A alegria de Maria transborda e torna-se oração: Magnificat (Lc 1,46-55);
6. Os parentes e vizinhos de Isabel «alegravam-se com ela» (Lc 1,58);
7. O anjo anunciou aos pastores de Belém «uma grande alegria» (Lc 2,10);
8. Mais tarde as multidões se alegraram com as obras que viram (Lc 13,17);
9. Jesus animou os discípulos: «alegrai-vos nesse dia e exultai» (Lc 6,23);
10. Os 72 discípulos regressaram «com alegria» da sua missão (Lc 10,17);
11. Jesus revela aos 72, o verdadeiro motivo de alegria (Lc 10,20);
12. O próprio Jesus «exultou de alegria no Espírito Santo» (Lc 10,21);
13. As parábolas da misericórdia (Lc 15) terminam sempre com a referência à alegria (Lc 15,3-7.8-10.18-32);
14. Zaqueu recebeu Jesus com alegria (Lc 19,6);
15. Os discípulos alegraram-se na entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Lc 19,37);
16. O Evangelho de Lucas termina com as palavras: «Eles depois de se ajoelharem diante dele, voltaram para Jerusalém com grande alegria, e estavam continuamente no templo a bendizer a Deus» (Lc 24,52s).

A alegria, em todas estas ocorrências, é sempre resultado da intervenção de Deus e de se experimentar na carne a sua salvação: desde o anúncio do nascimento do percursor, a atmosfera de gozo e de alegria derrama-se sobre todas as páginas do terceiro evangelho. Nas narrações da infância a insistência é maior, o que sublinha que a alegria é fruto do nascimento de Jesus, da presença de Deus no meio dos homens, que é já antecipada na alegria que o nascimento de João Batista provocará em muitos (1,14). Trata-se, pois, de uma alegria provocada pela manifestação da salvação de Deus, que não só resgata Zacarias e Isabel da vergonha e do desgosto em que viviam, mas que transformará essa alegria em experiência de salvação para muitos, que, por João, se hão de preparar para acolher Jesus.

Esta alegria é de tal maneira intensa que se torna contagiante, como o revela o texto de Lc 1,58 referido a Isabel: a sua alegria com o nascimento do filho transborda para o coração dos «vizinhos e parentes»: «ouviram que o Senhor engrandecera sua misericórdia para com ela e alegraram-se com ela». A salvação de Deus é, pois, resultado da sua misericórdia. Neste sentido, é muito interpelativo o significado dos nomes das personagens que abrem o evangelho de Lucas: Isabel (*Deus jurou*), Zacarias (*o Senhor recordou-se*) e João (*o Senhor é misericordioso*). João é a manifestação de Deus que é fiel às suas promessas (*jurou*), que não se esquece do seu povo (*recordou-se*) e que, por isso, manifesta a sua misericórdia, enchendo o coração de alegria. Mas o significado destes nomes (Deus jurou, recordou-se, é misericordioso) só encontrará o seu significado pleno em Jesus (*o Salvador*) e, por isso, só nele a alegria adquire o seu significado mais profundo.

## 2. A alegria de Maria (Lc 1,28)

Se o corpo de Jesus, no dizer de S. João, é a nova tenda da reunião, Maria é o lugar sagrado onde esta tenda é estabelecida, possibilitando a manifestação da glória do Senhor, que o mesmo é dizer da sua presença salvífica.

Por isso, a saudação do anjo a Maria, normalmente traduzida pelas palavras latinas «avé» ou «salvé» tem um sentido mais penetrante: o grego *khaîre*: (Lc 1,18) não reproduz apenas a fórmula normal com que os gregos se saudavam, mas assinala o início da alegria produzida pelo acontecimento salvífico que nela acontecerá, pois literalmente significa «alegra-te!». Maria é convidada a alegrar-se não só porque o Senhor está *com ela*, mas porque o Senhor *estará nela*. De facto, a forma verbal usada (*khaîre*) é o imperativo presente, o que é significativo na gramática grega: o sistema verbal grego, para além do modo, do tempo e da voz, tem o chamado «aspeto», ou seja, a «qualidade» do verbo; assim, se o imperativo aoristo expressa uma ordem para que aconteça algo que até então não existia (poderíamos traduzir por: «começa a alegrar-te»), o imperativo presente exorta a que algo que já acontece continue, embora de forma mais intensa (poderíamos traduzir por «alegra-te ainda mais»). Maria já vive na alegria de ser agraciada, de saber que o Senhor está *com ela*; agora é convidada a alegrar-se ainda mais não só porque o Senhor *estará nela* mas, sobretudo, porque *através* dela será dado ao mundo. É isso mesmo que é sublinhado no nome que o anjo indica que deve ser posto ao Menino: «chamá-lo-ás com o nome Jesus» que significa *salvador* (o que no relato de Mt é bem explicitado: «pois Ele salvará o seu povo dos seus pecados»: Mt 1,21b). Maria é feliz não só porque «o Senhor está contigo», nem tampouco apenas porque dará à luz um filho, mas porque se torna colaboradora da salvação que Deus, em Jesus, quer realizar.

O anjo faz-lhe duas exortações: «alegra-te!» e «não tenhas medo!» e a razão é porque «o Senhor está contigo» e «encontreste graça diante de Deus»; a alegria é uma consequência da confiança, que dissipa os temores, e tem como fruto a vontade de colaborar na salvação que Deus opera. Maria acolhe no coração – e na liberdade da sua vontade – as palavras do anjo, que são palavras de Deus, e por elas acolhe a própria Palavra eterna, o Verbo divino. De facto, a resposta de Maria - «faça-se em mim [lit: que aconteça em mim] segundo a tua palavra» - não é uma simples aceitação; o verbo grego é usado no modo optativo que expressa, no dizer de De la Potterie



«um alegre desejo de» e não uma resignação ou submissão; Maria afirma «que aconteça» no sentido de um alegre desejo de colaborar com o plano salvífico de Deus<sup>2</sup>. E trata-se de um desejo que não tem delongas: diz-nos o texto que Maria se levantou imediatamente e pôs-se a caminho, «apressadamente». O advérbio expressa a alegria interior de Maria, que «com pressa» a pretende levar a Isabel.

### 3. A visitação: a Palavra da alegria, na alegria das palavras

Maria, que recebeu a Palavra, torna-se agora sua transportadora e mensageira. A introdução ao episódio da visitação manifesta a disponibilidade de Maria em colaborar na obra de salvação: «Por aqueles dias Maria levantou-se, foi apressadamente para a montanha, para uma cidade de Judá, entrou na casa de Zacarias e saudou Isabel» (Lc 1,39s). O verbo «levantar-se» evoca o cumprimento de uma resolução que Maria procura realizar «com pressa»; esperaríamos que o conteúdo da missão fosse explicitado como a necessidade de ajudar a prima, que concebeu na sua velhice. No entanto, a nível narrativo, a finalidade de se «levantar» e da pressa é *entrar em casa de Isabel e saudá-la*. A casa, na Bíblia, é sempre símbolo da intimidade da pessoa, e entrar em casa de alguém significa tornar-se presente e participante dessa intimidade. Maria introduz-se na intimidade de Isabel e as palavras que lhe dirige são tais, que, escutadas por Isabel, têm como resultado a criança saltar de júbilo no seu ventre, como ela própria o revela a Maria (1,44).

O episódio é descrito por Lucas através de sequências pontuadas pela afirmação da alegria que domina todos os intervenientes: Isabel está feliz (o que não é dito expressamente, mas manifestado na sua reação), João Batista «saltou de júbilo no seio» (2,44), Maria está feliz e o seu «espírito exulta» em Deus que é salvador (2,47); a

<sup>2</sup> I. DE LA POTTERIE, *Maria nel mistero dell'alleanza*, Genova-Milano 2007, 64.

única personagem que não é sujeito de nenhum verbo é Jesus, mas é Ele a causa da alegria que envolve e domina todos os presentes.

Normalmente sublinha-se o «salto de júbilo» de João Batista no ventre de Isabel como consequência de pressentir a presença de Jesus no seio de Maria, mas não é isso que diz o texto; quer o narrador, quer a própria Isabel dizem que a alegria de João acontece por causa da saudação de Maria. Mais, o v.41 sublinha ainda um outro efeito da escuta da saudação de Maria: «E aconteceu que quando Isabel ouviu a saudação de Maria, a criança saltou no seu ventre e Isabel ficou *cheia do Espírito Santo*». A intensidade do relato desperta no leitor o desejo de saber que palavras são essas que Maria pronunciou que produziram tais efeitos. No entanto, propositadamente o narrador mantém-nas no segredo, sublinhando com isso que o que importa não são as palavras, mas o tecido de que são feitas: as palavras de Nossa Senhora estão impregnadas da presença de Jesus. Ela, que já era «cheia de graça», está agora «cheia de Jesus»: a sua presença e as suas palavras causam alegria e tornam presente a força do Espírito Santo porque nelas está o Salvador.

Este episódio manifesta que, de alguma forma, é em Maria, que, pela primeira vez, o Verbo, que se fez homem encarnando a linguagem humana, se expressa em palavras humanas; antes de dar à luz o Verbo eterno, Maria torna-o presente no mundo através das suas palavras, e Isabel pode, nas palavras de Maria, experienciar a alegria que os anjos anunciarão como destinada a todo o povo.

#### 4. A alegria gerada pela presença de Jesus

Na narração das aparições do Ressuscitado, em Jo 20, é-nos apresentada uma comunidade fechada, cheia de medo, encolhida na vida e na fé. É a presença dominical de Jesus que tudo transforma. Melhor ainda: é a sua palavra («a paz esteja convosco») que despedaça o medo («estavam fechados com medo dos judeus») e

ressuscita a alegria («então os discípulos alegraram-se ao verem o Senhor»: Jo 20,19s).

Também no episódio dos discípulos de Emaús (Lc 24) é a presença de Jesus, na sua palavra, que lhes faz arder o coração e transformar progressivamente o desânimo em esperança. É esta confiança no poder da palavra de Jesus que leva o centurião romano a dizer-lhe: «Não sou digno que entres debaixo do meu teto, mas diz uma palavra e o meu servo será curado» (Lc 7,7).

De facto, no evangelho, a verdadeira alegria é sempre consequência da presença de Jesus, que dissipa os medos existenciais e regenera na esperança. Esta é a grande notícia que os anjos proclamam na noite de Natal: «Não tenhais medo! Eis que vos anuncio uma boa nova, que será uma grande alegria para todo o povo: nasceu-vos hoje, na cidade de David, um salvador que é Cristo Senhor» (2,10s). O acolhimento da palavra dos anjos leva os pastores, tal como Maria, a desinstalar-se e a fazer um caminho, que faz passar da confiança nas palavras do mediador ao encontro com a Palavra, com o Salvador; de tal maneira que, no regresso, os louvores dos pastores substituem os cânticos dos anjos, manifestação exterior da alegria que agora vivem em primeira pessoa («e os pastores regressaram, glorificando e louvando a Deus»: Lc 2,20). E a razão é porque, ao contrário dos rabinos judeus que consideravam os pastores como ladrões e impuros, o Senhor manifesta-lhes, em Jesus, a sua predileção pelos últimos e excluídos: «será uma alegria para *todo* o povo» (2,10).

## 5. Uma palavra que transforma e salva

Trata-se, pois, de uma boa notícia, de um *evangelho*, que tem a sua origem no céu, onde a alegria é imensa – como se sublinha na multidão de anjos que canta a glória de Deus – e de onde se derrama sobre a terra «até aos confins do mundo» (como é revelado na segunda parte da obra de Lucas, o livro dos Atos dos Apóstolos: At 1,8). Mas a alegria dos anjos é consequência da salvação que Deus

opera em favor dos «homens de boa vontade». A paz na terra não é, pois, fruto da chamada *pax romana*, ou seja, de uma pretensa paz e salvação impostas pelo poder das armas e do autoritarismo, que tinha sido declarada por Augusto em 28 a.C. e que prevaleceu durante os dois primeiros séculos; Plínio, o Velho (séc. I), tece-lhe grandes elogios, falando da «imensa majestade da paz romana, essa dádiva dos deuses, que parece terem trazido os romanos ao mundo para o iluminar». Os anjos anunciam que é em Jesus, e não no poder das armas, que se encontra a paz e salvação, consequência de acolher a palavra que transforma os medos («não temais») em alegria («uma grande alegria»).

É o acolhimento da palavra na fé que transforma a vida e tem como consequência a alegria interior. Por isso, Isabel proclama Maria «bem-aventurada / feliz», não por ser Mãe do Messias mas por «ter acreditado». Aliás, a forma verbal usada é o particípio aoristo («a acreditante» ou «a que acreditou»), o que torna esta atitude de acreditar em algo que qualifica a mãe de Jesus: ela é «a que acredita». Trata-se de um «acreditar» que não é um mero assentimento da razão ou da vontade, mas que implica a vida toda; o «acreditar» de Maria foi sem condições e teve consequências em todas as dimensões do seu viver. É assim também na vida da Igreja, na vida dos seus discípulos: as bem-aventuranças que Jesus proclamará e que Mt 5 nos relata (Lc apresenta-nos uma versão mais resumida em 6,20-26) são, na vida dos discípulos, consequência desta bem-aventurança primordial: «acreditar». Maria não acredita apenas com uma parte da sua vida; não tem medo de a confiar toda a Deus, tal como lhe tinha pedido o anjo: «Não tenhas medo!». Aqui reside a razão da nossa falta de alegria: não nos entregamos completamente a Deus, não confiamos em todas as dimensões e circunstâncias; só Lhe entregamos uma parte do que somos. Ora, é porque se acredita, ou seja, porque se acolhe a Palavra e se confia a vida a Deus em todas as suas dimensões e sem condições, que se vive numa paz que serena os medos e enquadra a existência num novo horizonte: a esperança. Por isso, o significado mais profundo da declaração de Isabel sobre a bem-aventurança de Maria só será verdadeiramente iluminado mais à frente, em Lc

11,27s, quando uma mulher proclama «bem-aventurado o ventre daquela que te trouxe e os seios que te amamentaram», declaração que Jesus corrige, revelando qual a verdadeira bem-aventurança de Maria: «Bem-aventurados, antes, aqueles que escutam a Palavra de Deus e a põem *em prática*». Maria escutou e pôs em prática. Esta é a sua verdadeira bem-aventurança, tal como, pela ação do Espírito Santo, afirmara Isabel.

## 6. A alegria é consequência de uma salvação experienciada

Maria toma a iniciativa e Isabel acolhe-a. No entanto, a primeira parte do encontro de Maria com Isabel está totalmente dominada pelas palavras de Isabel; a saudação de Maria é apenas referida, mas não explicitada. Maria, num primeiro momento de silêncio, acolhe as palavras de Isabel, como é próprio da sua maneira de acolher os sinais e a palavra de Deus. Maria é apresentada como a primeira a procurar o sentido profundo dos acontecimentos referentes a Jesus, «guardando e ponderando-os no seu coração» (o coração entendido como o centro existencial da pessoa). Enquanto os pastores exuberantes testemunham o que lhes foi dado a conhecer, Maria guarda e medita em silêncio (Lc 2,19); quando 12 anos mais tarde, juntamente com José, encontra Jesus no Templo, depois de o terem perdido, e este lhes diz que «deve estar em casa do Pai» (Lc 2,49), ela não entende mas, contudo «guardava todas estas coisas no seu coração» (Lc 2,50). É, pois, um hábito de Maria. E fá-lo à luz da Sagrada Escritura, como tão bem transparece no cântico do Magnificat, onde cada frase de louvor a Deus é inspirada no Antigo Testamento; de facto, o cântico de Maria é «inteiramente tecido com fios da Sagrada Escritura, fios tirados da Palavra de Deus [...] Maria pensa e fala com a Palavra de Deus; esta torna-se palavra dela, e a sua palavra nasce da Palavra de Deus [...] Vivendo intimamente permeada pela Palavra de Deus, pôde tornar-se mãe da Palavra encarnada» (Bento XVI, *Deus caritas est*, 1).

O Magnificat manifesta que Maria está habituada a guardar no coração a palavra que escuta e a iluminar os acontecimentos da sua vida à luz dessa palavra. É esta espiritualidade da *escuta* e do *conservar* no coração, que a faz saborear Deus como salvador e, por isso, sentir uma alegria jubilosa e agradecida: «O meu espírito exultou/alegrrou-se em Deus, meu salvador» (Lc 1,47); a salvação não é algo impessoal e genérico, mas história pessoal de salvação («*meu salvador*»).

Para Lucas, Jesus é essencialmente «o Salvador» (2,11; 23,43). Mais do que Marcos e Mateus, Lucas apresenta Jesus como o supremo revelador da vontade de perdão e de misericórdia do Pai. Em Nazaré proclama o ano jubilar (ou seja, o ano da alegria), a oferta do perdão e da plena libertação (4,18), mas sem nenhuma referência ao *dies irae* presente no texto de Isaías (Is 61,2)<sup>3</sup>. A presença de Jesus e a sua palavra não são um convite ao medo do julgamento (pelo contrário, é «não ter medo», como vimos no anúncio a Maria e aos pastores), mas à alegria de quem se sente amado e salvo. A alegria é fruto da palavra, ou como afirma S. Paulo em Gl 5,22, é fruto do Espírito Santo, ou seja, é consequência da presença e da ação do Espírito que conduz a palavra da boca de Deus ao ouvido do homem, e do ouvido ao coração, e aí a ilumina e faz saborear para se tornar, em quem a acolhe, palavra da salvação<sup>4</sup>.

É neste sentido que Lucas nos apresenta o episódio da conversão de Zaqueu (Lc 19,1-10). À palavra de Jesus que lhe diz «Zaqueu desce depressa, pois hoje é necessário que fique em tua casa», Zaqueu – diz o evangelista – «desceu depressa e acolheu-o com alegria». A palavra de Jesus suscita em Zaqueu uma alegria imensa, precisamente porque ele entende o que ela significa: de novo a casa aparece como símbolo da intimidade, da vida pessoal daquele homem onde

<sup>3</sup> O texto de Isaías diz: «O Espírito do Senhor está sobre mim porque o Senhor me ungiu [...] para proclamar um ano da graça do Senhor, o dia da vingança da parte do nosso Deus»; Jesus não lê a última frase.

<sup>4</sup> Por isso, na parábola do semeador, Jesus contrapõe dois tipos de alegria: a que leva a acolher a Palavra e a que brota do acolhimento da Palavra: «Os que estão sobre a rocha são aqueles que, quando a ouvem, acolhem a palavra com alegria; mas estes como não têm raiz, por algum tempo acreditam e, no tempo da provação perdem-se [...]; a parte que cai em terra boa, estes são os que, ouvindo a palavra com um coração nobre [belo] e bom, a guardam e dão fruto com perseverança» (Lc 8,13.15).

o Senhor quer entrar e ficar; por isso, Jesus pode declarar: «Hoje a salvação veio a esta casa» (Lc 19,9). O texto sublinha a salvação que se realiza no *hoje* em que a palavra de Jesus é acolhida, e que tem como consequência natural a alegria de se sentir salvo e, concomitantemente, a necessidade de mudar a vida (Zaqueu toma a decisão de dar metade dos bens aos pobres e restituir até quatro vezes mais a quem tiver defraudado). A causa da tristeza deriva, muitas vezes, da incapacidade de viver este «hoje», ancorando a vida em situações dolorosas do passado que envenenam o coração, ou vivendo ansiosamente o futuro, o dia de amanhã, perdendo a serenidade e a alegria que Deus nos oferece *hoje*.

## 7. A alegria do Céu na terra

A alegria de Zaqueu pela salvação vivenciada é espelho da alegria que os anjos de Deus experimentam pela conversão de um pecador: no cap. 15 de Lc, as chamadas parábolas da misericórdia (a ovelha perdida, a dracma perdida, o pai misericordioso) terminam sempre com a referência à alegria que no céu se sente pelo reencontro daquilo que estava perdido. Por 9x se usa o substantivo «alegria» ou os verbos «alegrar-se» e «festejar». E é interessante reparar como não se fala apenas na alegria de Deus, mas na alegria que há no céu (final da parábola da ovelha perdida: 15,7) e diante dos anjos de Deus (final da história da dracma perdida: 15,10), ou seja numa alegria que se comunica e se partilha. Se no princípio do evangelho os anjos, cheios de alegria, convidam à alegria, nas parábolas da misericórdia entendemos a razão dessa alegria: a contemplação da salvação realizada por Deus em Jesus (o que o livro do Apocalipse desenvolverá de uma forma extraordinária) que se concretiza no «hoje» pessoal. É a mesma alegria sentida por Deus (como tão bem sublinha a parábola do Pai misericordioso), que é de tal maneira intensa que a todos convida a alegrar-se com Ele. Também Jesus, depois do regresso dos 72 e do sucesso da sua missão, «exultou de alegria no Espírito Santo» elevando o louvor ao Pai pela salvação que Ele realiza (Lc 10,21).

Trata-se, pois, de uma alegria que não é resultado de um sentimento ou de uma simples percepção, mas que nasce do interior da alma, que o mesmo é dizer, do mais profundo do ser e que é consequência de se saber amado, perdoado e salvo por Deus. Por outras palavras, é consequência de receber Jesus em casa, na intimidade, na vida. Por isso, a alegria é fruto do ES, na medida em que é a própria alegria de Deus que, em Jesus e pela força do seu Espírito, encontra morada em mim. Se assim é, nem as perseguições ou as dificuldades a podem roubar: «Felizes sois quando os homens vos odiarem, quando vos rejeitarem, insultarem e proscreverem o vosso nome como infame por causa do Filho do Homem. Alegrai-vos nesse dia e exultai [lit.: saltai de alegria]; eis que a vossa recompensa é grande no céu» (Lc 6,22s). As palavras de Jesus parecem um contra senso, mas sublinham a razão de ser da verdadeira alegria, que não está condicionada pelas dificuldades, mas que jorra da certeza de se ser amado e salvo, num dinamismo interior de tal maneira intenso que transborda necessariamente no testemunho.

## 8. Uma alegria que transborda

De facto, todas as experiências da salvação provocam uma alegria interior que tem necessidade de ser comunicada e que se torna contagiante. É assim a alegria de Isabel e de João que se manifesta numa exclamação que, diz o evangelista, é expressa num «forte brado»: «Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre» (1,42); assim também a alegria de Maria que explode no Magnificat; a alegria de Isabel que contagia os vizinhos (1,58), a alegria dos anjos que contagia os pastores (2,10) e a alegria dos pastores que «regressaram, glorificando e louvando Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, tal como lhes fora dito» (2,20).

A alegria que é fruto da palavra escutada e da salvação vivenciada torna-se, por sua vez, necessidade de anúncio e de louvor. É neste sentido que podemos entender a reação dos 72 discípulos que, embora enviados «como cordeiros para o meio de lobos», «voltaram



com alegria» por verem a salvação que o anúncio da palavra de Jesus realiza: «Senhor, até os demónios se submetem a nós em teu nome». Mas Jesus orienta esta alegria para uma alegria ainda maior: «Não vos alegreis porque os espíritos se submetem a vós; alegrai-vos antes porque os vossos nomes estão inscritos nos céus» (10,20); trata-se, pois, de uma alegria que transborda da salvação feita história pessoal, mas também de ver a salvação que Deus opera nos outros, como Jesus completa no v. 23, ao dizer aos discípulos: «Felizes os olhos que vêem o que vós vedes». Por isso, o próprio Jesus, diz o texto, «naquela mesma hora exultou de alegria no Espírito Santo», e a razão da sua alegria é o facto de os discípulos terem «os nomes inscritos nos céus» (10,20).

Anunciar a salvação é consequência da alegria e gera comunhão na alegria, na medida em que é alegria para quem anuncia e para quem acolhe: a verdadeira alegria apenas acontece quando é partilhada, porque nem de outra forma pode ser; a alegria é por natureza explosiva e transbordante. Por isso Paulo apresenta a alegria como um mandamento: «Alegrai-vos sempre no Senhor; repito, alegrai-vos!» (Fil 4,4; cf 2,18; 3,1) e apresenta-se aos Coríntios como «colaborador da vossa alegria» (2Cor 1,24)

## 9. Sentido, amor, meios.

No episódio do Getsémani, Lc apresenta-nos uma expressão enigmática quando afirma Jesus vai ter com os discípulos e «encontrou-os a dormir de tristeza» (Lc 22,45). Não nos diz que estivessem preocupados, nem em sofrimento, nem agitados. Estranha expressão! Quem é que adormece de tristeza? Que tristeza é esta que causa adormecimento? O contrário da alegria não é o sofrimento, mas a tristeza. E os três grandes fatores que roubam a alegria são: a falta de *sentido*, a falta de *amor* e a falta dos *meios necessários*<sup>5</sup>. Os discípu-

<sup>5</sup> Cf. J. M. URIARTE, *Claves de la conversión. Misericordia, esperanza, fidelidad*, Maliaño (Cantabria) 2015, 152s.

los perderam a alegria, porque perderam o sentido das palavras e dos gestos de Jesus, cujo projeto não corresponde ao seu; não se sentem amados porque Jesus não se acomoda aos seus desejos mundanos de poder e importância; sentem falta dos meios necessários porque Jesus não permite o uso da força, como eles desejam (no v. 38 eles apresentam duas espadas a Jesus, que lhes diz «Basta!»). Enquanto se deixaram guiar pela palavra de Jesus e foram dela portadores, sentiram uma alegria que lhes dava sentido à vida e transbordava; quando os seus projetos e desejos abafam a palavra do Mestre, entra-lhes uma tristeza que os domina e faz entrar num estado de sonolência, ou seja, de falta de forças, de ânimo, de esperança.

Maria, pelo contrário, sente e vive esta alegria, que transborda e contagia; ela vive intensamente as três grandes dimensões da vida na qual radica a sua alegria:

1) Sente que a sua vida tem *sentido*, o que lhe vem da confiança e docilidade à palavra de Deus: «Faça-se em mim segundo a tua palavra» (1,38), o que é reconhecido pela própria Isabel: “Feliz aquela que acreditou, porque se consumará o que lhe foi dito da parte do Senhor» (1,45);

2) Maria sente-se *amada*, e por um amor fecundo, que floresceu no seu ventre virginal, mas sobretudo já há muito tinha florescido na sua alma «cheia de graça», como lhe diz o anjo, numa forma verbal que está na voz passiva, no chamado passivo teológico, ou seja, numa fórmula que expressa o amor que Deus lhe tem;

3) E mesmo contra toda a lógica humana e sem outra garantia que não seja a palavra do anjo, Maria acredita que Deus lhe dará os *meios necessários* para ser fiel à sua missão.

Três dimensões das quais depende a alegria interior, que, mesmo diante das dificuldades, pode estremecer mas não desaparece. Por isso, mesmo perante a profecia de Simeão («uma espada trespassará a tua alma»: 2,35) e, sobretudo, na concretização de tal profecia, aquando da paixão e morte de Jesus, Maria continua «de pé», como nos diz João (Jo 19,25-27), ou seja, não perde nem o *sentido* da vida,

nem o facto de se sentir *amada*, nem desespera na confiança que tem nos *meios* através dos quais a palavra e o projeto de Deus terão a última palavra. Trata-se de uma alegria que configura a vida e enquadra todas as circunstâncias.

## Conclusão

Tal como David dançava de alegria diante da palavra do Senhor, guardada na Arca da Aliança, João Batista salta de alegria diante do Verbo encarnado transportado no seio e nas palavras de Maria. A alegria não acontece por causa da arca, mas pela palavra que a arca encerra e pela presença que a palavra guarda. Nas palavras de Maria abre-se o tesouro da presença de Jesus; na sua saudação torna-se presente a alegria contagiante de quem tem em si o próprio Deus.

O episódio da visitação é paradigmático da alegria gerada pela presença da Palavra, que reconfigura a vida e lhe dá um horizonte de esperança; a esperança de quem sabe que o Senhor está presente como salvador na sua história pessoal, com uma palavra de tal forma poderosa que, pronunciada e acolhida na fé, realiza, como na Mãe de Jesus, «grandes coisas». Uma esperança que se traduz em alegria serena e contagiante, que dá sabor e sentido à vida, mesmo e apesar das dificuldades. Por isso Paulo, ao despedir-se dos responsáveis da Igreja de Éfeso afirma: «E agora entrego-vos a Deus e à palavra da sua graça» (At 20,32), ou seja, não lhes entrega a palavra, mas entrega-os e confia-os à palavra que tudo transforma. Em cada domingo, afinal, não somos nós que recebemos e transportamos a palavra, mas é ela que, recebida, nos transporta e sustenta na vida

# A EXPERIÊNCIA PASCAL DO ENCONTRO: FONTE DA ALEGRIA CRISTÃ <sup>1</sup>

ALEXANDRE FREIRE DUARTE <sup>2</sup>

«Sem a experiência do Ressuscitado,  
a vida cristã do baptizado até poderá ser sincera,  
mas estará sempre limitada a uma esfera restrita  
e inevitavelmente apenas nominal»

Frank P. DeSiano – *The Evangelizing Catholic*

## Palavras Iniciais

Estou firmemente convicto, também fruto da minha experiência docente e pastoral, que se se fizesse um inquérito, aos cristãos católicos e com uma pergunta aberta, acerca do que é o característico da sua fé, a generalidade diria que se tratava de amar a Deus e ao próximo, podendo ser que, eventualmente, alguns ainda referissem a importância de algum tipo de ligação a Jesus e sobretudo Maria. Receio profundamente que, mesmo não sendo o Cristianismo uma moral, se acabasse por reduzir o mesmo a isso e, por conseguinte,

<sup>1</sup> Conferência proferida por Doutor Alexandre Freire Duarte, no VII Congresso de Espiritualidade, “As fontes da Alegria”, no dia 19 de Outubro de 2019 às 11:30 horas.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia pela *Universidad Pontificia Comillas* | *Madrid*. Especialista em Teologia Espiritual e Mística. Docente nestas áreas, bem como nas de História e Teologia da Igreja Antiga, na Faculdade de Teologia da *Universidade Católica Portuguesa* e no *Centro de Cultura Católica do Porto*. Membro integrado do *Centro de Estudos de História Religiosa* (CEHR-UCP). Endereço de correio electrónico: [afduarte@porto.ucp.pt](mailto:afduarte@porto.ucp.pt)

não se obtivessem respostas muito mais definidas e acertadas do que as que indiquei.

Ou seja: tal inquérito acabaria por manifestar, com toda a certeza, que, para a generalidade dos cristãos católicos, a vida crente seria assaz indiferente: ao amor à Igreja; à importância dos sacramentos como meios objectivos de acolhimento da graça; à oração especificamente cristã; e, sobretudo, a uma vivência consciente de relações pessoais distintas com o Pai, o Filho (-Incarnado e Glorificado) e o Espírito Santo. Mais: a absolutamente central importância de uma experiência espiritual do Espírito e do Ressuscitado-Glorificado seria quase que transversalmente ignorada. Permitam-me, por favor, comentar o que acabei de constatar mediante o recurso a algumas palavras retiradas do *“Sermão de Santo António aos Peixes”* de António Vieira: «não é tudo isto verdade? Ainda mal!».

Ainda mal. Com efeito. Não me interessa fazer, presentemente, diagnósticos acerca dos diversos e, por vezes, muito complexos motivos para a mencionada realidade. Desejo apenas constatá-la e lamentá-la. Lamentá-la profundamente. De facto, não é possível haver uma vida espiritual cristã madura sem que o crente tenha feito uma vivência ciente da presença activa e transformante do Ressuscitado na sua vida quotidiana. Pensar o contrário é uma ilusão. E é-o, por mais que muitas pessoas que não a tenham podido experienciar, vivam uma vida cristã honesta, e até muitas outras tenham chegado à santidade, seja a reconhecida pela Igreja, seja a mais universal.

Acredito que muitos agentes da pastoral eclesial, cansados da sua vida ou incapazes de reconhecerem a verdade subjacente ao meu anterior lamento, talvez também por nunca terem vivenciado o Senhor Ressuscitado, possam querer resignar-se com o que aduzi na minha frase anterior. Contudo, e na minha opinião, que sei perfeitamente que vale muito menos do que o pouco valor que eu mesmo reconheço que ela tem, tal facto não é dos menores motivos para não se dar relevância e relevo, quer a tal vivência, quer aos modos para

se potenciar a mesma, nomeadamente mediante a educação e formação, necessariamente mistagógica, dos crentes para desejarem-na e prepararem-se para ela.

Tudo isto, infelizmente e até aos nossos dias, somente tem gerado crentes não praticantes e, pior ainda, praticantes não crentes, os quais foram engrossando uma já imensa mole de baptizados apáticos, tristonhos, impreparados e, sobretudo, apegados a compreensões incorrectas e insatisfatórias do Cristianismo: daquele que se reduz ao moralismo, àquele que se confunde com um emocionalismo, passando pelo que nada mais é do que um formalismo ritualista e o que nada se distingue de um psicologismo “pop”. Contudo, de hoje em diante, o que aponte no final do parágrafo anterior nem isso suscitará, antes, e como já se tem assistido com as gerações mais novas de baptizados que chegaram à maturidade cronológica humana, tão-somente promoverá pessoas absolutamente indiferentes à fé cristã.

Que o Cristianismo esteja a declinar em tantas partes do Mundo, é um fenómeno que, em certa medida, não se pode estimar que tenha as suas causas na vivência interna e externa da Igreja. Todavia, é gravíssimo não fazermos tudo o que está ao nosso alcance para que isso não ocorra nos contextos em que vivemos, nomeadamente mediante o assumirmos a gravidade da carência, por parte dos crentes cristãos em geral e católicos em particular, de uma experiência espiritual do Ressuscitado, e, inseparavelmente, do Seu Espírito Santo que foi dado por Aquele como o Seu Dom, sempre pessoal, por excelência.

Fruto de tudo o que já escrevi, devo admitir que foi, mais uma vez, com profunda felicidade que acolhi o convite, que me foi tão amavelmente endereçado pela família carmelita em Portugal, para, no âmbito do VII Congresso de Espiritualidade, proferir uma breve palestra dedicada ao tema “A experiência pascal do encontro”. Mais ainda quando tal exposição surgia dentro de um Congresso dedicado às “Fontes da Alegria”, a qual, como tenho referido em inúmeras instâncias, é uma das pedras-de-toque da vida cristã autêntica, tal

como o Papa Francisco não se tem cansado de recordar ao longo de todo o seu magistério.

As palavras que se seguirão a esta, já longa, Introdução, serão, na sua generalidade, uma mera adaptação para o registo escrito do que proferi em tal ocasião, respeitando o pendor oral da minha intervenção, e, assim, do uso da mais íntima e desarmada primeira pessoa do singular. É de notar que, quando redigi as frases que serviram de suporte a tal comunicação, não o fiz no enquadramento de uma investigação académica, mas, isso sim e com todos os riscos inerentes a isso – da banalidade temática à inevitável reiteração da mesma realidade nem sempre a partir de novos pontos de vista, passando por não ser capaz de discriminar linearmente o que é da minha estrita autoria –, na moldura de uma reflexão pessoal orante dos dados que tinha presente à minha memória.

Claro que se esta faculdade tinha algo arquivado, tinha-o também em consequência de diversos estudos académicos por mim anteriormente realizados, mais recentemente, e como será patente na pequena escolha de citações e alusões que remeterão para notas em rodapé, na área da teologia e espiritualidade dos Padres da Igreja. Mas tinha-o também, e sobretudo, decorrente de bem mais numerosas, e afectivamente marcantes, leituras determinadas por interesses mais chegados às lágrimas e sorrisos do meu coração.

Posto isto, e antes de avançar para a exposição da minha reflexão, que se dividirá em três momentos inter-articulados – a experiência do Ressuscitado (1), a Eucaristia como local privilegiado para tal experiência (2) e, enfim, a associação entre esta vivência e a alegria (3) –, resta-me formular um desejo: gostaria imenso que o que passarei a apresentar servisse, mais pela benevolência do meu futurível leitor, do que pelas minhas capacidades, algures a alguém. E servisse especialmente para que esse alguém crescesse mais, se não na sua vida espiritual cristã, pelo menos na compreensão do que a mesma poderia dever, e talvez devesse poder, comportar.

## 1.- A experiência do Ressuscitado

Pode questionar-se se a palavra “experiência” é adequada para se falar do encontro consciente com o Ressuscitado. Talvez não o seja. Talvez fosse preferível usar-se sempre o termo “experenciamento”, para distinguir tal ocorrência das experiências quotidianas com que, devido à especificidade da realidade d’Aquele, a mesma não se confunde. E não se confunde, não obstante dois dados: em primeiro lugar, aquele que deriva de se dever admitir que toda a vivência atemática do Ressuscitado é, em derradeira análise, a primeiríssima experiência que permite todas as demais, tal como se pode estimar que tenha querido dizer o Salmista quando afirmou «em ti [Deus] está a fonte da vida e é na tua luz que vemos a luz» (*Sal.* 36,10). E, e em segundo lugar, aquele decorrente da evidência insofismável de que a percepção reflexa do Ressuscitado ocorre no meio das demais percepções diárias e nunca de modo separado das mesmas.

Uma vez feita a ressalva anterior, para a qual peço o máximo de atenção aos meus eventuais leitores, creio que o termo “experiência” pode ser usado com absoluta segurança para abordar os temas de que tratarei neste texto. É o que, efetivamente, farei, associando-o a outros termos que, inclusive tendo em consideração uma simplificação não simplista, assumirei como seus quase sinónimos: “experenciamento”, “vivência” e, entre outros que se tornarão facilmente deslindados ao longo das próximas páginas, “percepção”.

É igualmente necessário que eu solicite, desde já, a máxima consideração para um outro elemento basilar que não pode passar despercebido. A saber: não se pode confundir a “*presença* do Ressuscitado” com a “*experiência* (ciente) do Ressuscitado”. O Ressuscitado, em íntima ligação com o Seu Espírito Santo que está para Aquele na Cruz como a “corda” para o “motor”<sup>3</sup>, está sempre presente e disposto a activamente transformar todo o nosso ser – corpo, alma e espírito (cf. *1Ts.* 5,23) – para ser cada vez mais à imagem do modelo

<sup>3</sup> Cf. INÁCIO DE ANTIOQUIA – *Carta aos Efésios*, 9, PG 5, 652B.



que Deus tinha em mente quando nos criou: justamente o Senhor Jesus Ressuscitado ou Glorificado<sup>4</sup>. Claro que isto só ocorrerá quando nós Lhe dermos o nosso assentimento e com Ele colaboremos, mas nem isto nega a realidade da Sua contínua presença do a cada um de nós.

Além do mais, hoje não há outro Jesus que possa ser vivenciado que não seja o Ressuscitado-Crucificado, e se nós não O experimentamos, não é porque estejamos numa condição desfavorável face à dos primeiros crentes, nem porque Ele esteja ausente de nós. É, isso sim, porque nós, que usualmente andamos a girovagiar alienados da nossa verdade, não estamos no “comprimento de onda” espiritual em que deveríamos estar para nos sintonizarmos com Ele<sup>5</sup>. Assim sendo, Ele, que está incessantemente a vir ao nosso encontro a ponto de o nosso espírito poder estar mais unido a ele do que a si mesmo<sup>6</sup>, não nos encontra.

Na realidade, Jesus, mesmo na Sua humanidade, que é o único caminho para a Sua divindade e com esta é digna de adoração<sup>7</sup>, não é um ser humano qualquer. Ele não é um ser humano no meio dos milhões de seres humanos que existiram, existem e existirão. Não. Ele é o Ser Humano em Quem todos nós encontramos o nosso centro e a nossa unidade. E é-o, pois, sendo a Sua humanidade a insuperavelmente virgem humanidade de uma Pessoa divina, a mesma não possui quaisquer limites, nem sequer apegos a si, e, em consequência imediata do que acabei de referir, o Senhor Glorificado está em Si mesmo estando no mais íntimo de todos nós. E está-o, por mais que o Mesmo esteja sempre a sair de Si numa Auto-doação que jamais esgota quem Ele é, antes o vinca, ainda que não o incremente senão porventura do “nosso lado” e em função de Lhe deixarmos ser, em nós, quem Ele mesmo é.

Pois bem, se, como acabei de afirmar, o Ressuscitado está em Si estando em nós, podemos aduzir que o encontro com Aquele, que

<sup>4</sup> Cf. IRENEU DE LYON – *Contra as heresias*, 4, 33, 4, PG 7.1, 1075B.

<sup>5</sup> Cf. AGOSTINHO DE HIPONA – *Confissões*, 10, 27, 38, PL 32, 795.

<sup>6</sup> Cf. NICOLAU CABASILAS – *A Vida em Cristo*, 1, PG 150, 500A.

<sup>7</sup> Cf. JOÃO DAMASCENO – *Acerca da fé Ortodoxa*, 3, 8, PG 94, 1013C-1016C.

fortalece sempre a nossa própria ressurreição já no presente e sempre remete para o prolongar da Sua própria missão (cf. *Jo.* 20,21; *1Jo.* 1,14), é sempre um mistério de intimidade. Um mistério em que descobrimos, pelo Espírito do Trespasado Glorificado que é Quem sempre «cria a intimidade com Deus»<sup>8</sup>, que o nosso verdadeiro “ponto de gravidade” espiritual é o Ressuscitado. Quer dizer: é aquele Cordeiro degolado e em pé (cf. *Ap.* 5,6) que está tão em nós como nos demais, e ao Qual, por conseguinte, não acedemos senão em saída de nós para realizarmos a comunhão com estes. Um mistério que deve ser assumido, por nós e desde o nosso coração, por um amor que não se deixa prender à exterioridade do Ressuscitado. Um amor que, pelo contrário, aceita que seja necessário que esta exterioridade se ausente, para que, não nos equivocando nela, vivamos sem qualquer instinto de apropriação; isto é, justamente em linha com o já apontado facto de que a humanidade do Senhor não tem, nem qualquer dobra sobre si mesma, nem qualquer inclinação para reter em si, ou para si, o que quer que seja.

Somente assim, vivendo nós numa ausência de toda a inclinação para nos agarrarmos ao que quer que seja, é que poderemos viver a experiência do Ressuscitado sem desejarmos realizar, através do Mesmo, as nossas aspirações individuais. Aquelas pretensões limitadoras da nossa própria capacidade de auto-demissão, e, assim, de universalização do nosso ser numa missão messiânica: «não me toques» (*Jo.* 20,17), disse Jesus a Madalena no Jardim do Santo Sepulcro, e diz, agora, a todos nós nos mais diversos “jardins” em que vivemos.

É exactamente pelo que foi dito no parágrafo anterior que, nas palavras de Gregório Magno, os discípulos de Emaús, certamente Cléofas e a sua esposa Maria, não reconheceram Jesus ressuscitado (cf. *Lc.* 24,15s). Não apenas porque estavam tristes e desgostosos pela parcialidade da sua compreensão do que ocorrera dias antes, mas porque O estavam a olhar desde os limites, sempre cerceadores,

<sup>8</sup> BASÍLIO MAGNO – *Acerca do Espírito Santo*, 19, 49, PG 32, 157A.

da ideia que haviam sempre tido d'Ele<sup>9</sup>. Desta forma não há como não constatar que quanto mais livres estivermos de nós, mais livre estará o Ressuscitado para nos encontrar, donde é preciso dizer, com toda a frontalidade, que cada um de nós pode experimentar o Senhor Glorificado tanto quanto quiser; tanto quanto quiser viver desapegado de si.

Eis, por sinal, o motivo de Jesus ter pronunciado a seguinte declaração, tão carregada de pena e de dor, talvez porque sabia que não ia ser entendido, nem ontem, em que mesmo após a Ressurreição quiseram que Ele restaurasse o Reino de Israel, nem hoje, em que, tantas vezes, gostaríamos de O ter aqui bem palpável ao nosso lado: «é melhor para vós que Eu vá, para vos enviar o Espírito» (*Jo.* 16,7). Isto é, para que Este Seu Dom Pascal nos arranque cada vez mais de nós mesmos, e, dando-nos a conhecer o mistério da riqueza do amor, que é sempre o mistério da divina pobreza e da nossa autenticidade, nos permita descobrir o Ressuscitado como a Nascente da nossa vida. Deslindar a Fonte da nossa realidade, sem dúvida, mas sempre através de uma nossa relação com todos os demais em que Ela também habita, fazendo com que o coração desapropriado deles, que juntamente com o nosso é o próprio Céu de Deus<sup>10</sup>, seja igualmente a nossa intimidade. Deveras, se Jesus Glorificado, que é o nosso mais verdadeiro âmagô, está tão em nós como nos demais, nós não nos podemos entender, nem viver a nossa autenticidade, senão admitindo que toda a outra pessoa também é indissociável do nosso mais genuíno “eu”.

Ou seja: nós cristãos devemos assumir, de uma forma radical e de uma vez por todas, que a perspectiva correcta para entendermos a nossa relação com os demais seres humanos não é a que é traduzida pela expressão “o outro é um outro eu”, mas, naquilo que é a condição para o sujeito se amar sem qualquer egoísmo, pelas palavras “o eu é um outro outro”. Isto não é ir contra, nem «o que quisesdes

<sup>9</sup> Cf. GREGÓRIO MAGNO – *Homilias acerca dos Evangelhos*, 23, 1, *PL* 76, 1182B-1183C.

<sup>10</sup> Cf. GREGÓRIO MAGNO – *Morais em Job*, 29, 28, *PL* 76, 508B-C. Diga-se, ainda que apenas de passagem, que este autor chega a esta constatação admirável associando os textos da *Vulgata* de *Is.* 66,1 («haec dicit Dominus caelum sedis mea») e *Prov.* 12,23 («homo versutus celat Scientiam»).

que vos façam os homens, fazei-o também a eles» (*Mt.* 7,12), nem o, eminentemente pedagógico e a dever ser lido como expressão de uma inevitabilidade a ser qualificada na sua medida pelo dito em *Jo.* 15,12, «amarás o teu próximo como a ti mesmo » (*Mc.* 12,30; cf. *Lv.* 19,18). É, isso sim, uma clarificação disso mesmo e de como é que isso é possível de ser vivido no contexto do amor: só quando o sujeito se ama como se fosse um outro para si mesmo, é que estará a amar-se de modo ego-desinteressado e sem qualquer encurvamento sobre si<sup>11</sup>, e, assim e em derradeira análise, a poder viver aquelas palavras de Jesus na lógica do único amor autêntico. Aqui terei que regressar, de maneira inevitável, mais à frente.

## **2.- A Eucaristia como âmbito capital da experiência do Ressuscitado**

Não me é possível reportar, mesmo que tivesse todo o tempo do mundo, a todas as formas mais capitais de, nos nossos dias, fazermos a experiência do encontro com o Ressuscitado, donde limitar-me-ei a falar daquela que estimo ser a mais nuclear: a Eucaristia, que é a oração cristã por excelência e a própria respiração de toda a Criação.

Pois bem, falar da Eucaristia é do que de mais difícil existe, dado que, ao longo do tempo e no que deu origem a tantos e tantos descrentes, acabámos por reduzirmos o mesmo a algo de meramente privado. Algo, quase mágico, em que nos limitamos a receber, com maior ou menor atenção e devoção, a Jesus sacramentado. E isto, ignorando-se que o Ressuscitado, que já sabemos que é o Senhor que está presente na Eucaristia de um modo em que não Se encontra espacialmente limitado, não pode ser apropriado de forma alguma; não pode ser possuído por quem quer que seja; não pode ser reduzido nem aos nossos gostos, nem às nossas pretensões individuais.

<sup>11</sup> Cf. AGOSTINHO DE HIPONA – *Exposições acerca dos Salmos*, 50, 15, PL 36, 595.

Não há qualquer possibilidade de vivermos a Eucaristia em verdade, e assim o Ressuscitado em forma de Igreja e enquanto confidente da «meta pela qual Deus age como age desde as origens de tudo»<sup>12</sup>, senão em estado de pobreza; quer dizer: sem qualquer ímpeto consciente e voluntário, seja de exaltação do nosso “ego”, seja de posse. Não há, efectivamente, qualquer forma de se viver fecundamente tal Sacramento, nem o Senhor Glorificado, senão numa corrente de amor. Uma em que, com o Ressuscitado que é a glorificação de uma natureza humana sem limites, nos abrimos, pelo menos em intenção, a *todos* e, até porque a nossa materialidade é a totalidade do Universo tida parcialmente por nós, a *tudo*. Eis o “comprimento de onda” de que vos falei precedentemente, e que, levando-nos a viver o e no Ressuscitado eucarístico (e não só), permite o nosso encontro com Ele. Com o “Ponta de lança” da nossa criaturalidade reverdecida, que, como já sabemos, está sempre presente, como o centro de toda a Criação para o qual «convergem todas as linhas»<sup>13</sup>, a cada um de nós e, além do mais e de acordo com a natureza de cada uma, a todas as demais criaturas.

Face ao que apontei no parágrafo anterior, e configurando isso uma norma para toda a nossa vida espiritual assente no princípio de que em Cristo todos nós nascemos e vivemos para os demais<sup>14</sup>, preste-se, por favor, grande atenção ao que passarei a aduzir. Nunca devemos pensar que comungamos para nós. Jamais. Comungamos sempre com os demais e para os demais «com quem formamos por assim dizer um só organismo»<sup>15</sup> espiritual no Ressuscitado, e, com e por estes, com e para toda a humanidade e, simultaneamente, com e para toda a Criação.

Mais uma vez *tudo* e *todos*, mas de modo especial para *quem* e *o que*, nesta Criação, aguarda a nossa experiência do Ressuscitado, a qual, libertando-nos da nossa vaidade escravizante (cf. *Rm.* 8,19-22) mediante ser o fermento da nossa autenticidade, nos permite ser uma

<sup>12</sup> MÁXIMO O CONFESSOR – *Capítulos teológicos e económicos*, 1, 66, PG 90, 1108A-B.

<sup>13</sup> MÁXIMO O CONFESSOR – *Mistagogia*, 1, PG 91, 668A.

<sup>14</sup> Cf. GREGÓRIO DE NAZIANZO – *Discursos*, 25, 4, PG 35, 1204B.

<sup>15</sup> GREGÓRIO DE NISSA – *Grande catequese*, 32, PG 45, 80C.

ilha de amor no meio do oceano de desamor que nos vai circundando. Por outras palavras: uma vivência d'Aquele que nos permite ser um “porto seguro” para os refugiados do desamor, ao nos facultar a possibilidade de vivermos o Reinado de Deus que, na opinião de Máximo o Confessor, não é senão o próprio Espírito Santo do Ressuscitado<sup>16</sup>. Aquele Reinado que não é senão a Vida que esse mesmo Reinado transmite e também devendo ser por nós vivido na nossa relação com o próximo, seja este aquele de quem «somos reciprocamente próximos pela natureza», seja, particularmente, aquele de quem voluntariamente nos «fazemos próximos pelas obras do amor dirigidas a quem nada nos retribuirá»<sup>17</sup> (cf. *Lc.* 10, 25-37).

Se isso acontecer; se vivermos a Eucaristia como ela deve ser vivida, o Ressuscitado torna-Se, em nós, uma Presença festiva, quer para todos os demais, quer para toda uma Criação que, como deveríamos todos saber, não é um espetáculo a contemplar no lampejo de uma aurora, mas uma obra a co(m)-criar enquanto exclamação de alegria de Deus. A Eucaristia é a concentração do que devemos fazer todo o dia, todos os dias enquanto «confirmação do nosso modo de ser»<sup>18</sup>: elevar a vida; transfigurá-la; promovê-la a um plano divino, a fim de sermos, já agora, eternidade; a fim de sermos aquele antes anotado Paraíso ou Céu de Deus<sup>19</sup>, no qual já não há separação entre a terra e os céus (cf. *Mt.* 6,10).

É assim mesmo que a morte será vencida, pois cada morte parcial ao nosso egoísmo, possibilitada pela sintonização do nosso ser com o ser desapegado do Ressuscitado, é sempre correlativa a uma ressurreição para o amor. Uma ressurreição que, passando a ser total aquando daquele reencontro definitivo com Deus em que seremos pela primeira vez verdadeiramente humanos<sup>20</sup>, faz com que a nossa intimidade seja, de um modo crescentemente fecundo, templo (cf. *1Cor.* 3,16) daquele nosso novo e definitivo Templo<sup>21</sup>

<sup>16</sup> Cf. MÁXIMO O CONFESSOR – *Comentário à oração do Senhor*, PG 90, 884B.

<sup>17</sup> ORÍGENES DE ALEXANDRIA – *Comentário ao Cântico dos Cânticos*, 1, prólogo, PG 13, 70A.

<sup>18</sup> IRENEU DE LYON – *Contra as heresias*, 4, 18, 5, PG 71, 1028A.

<sup>19</sup> Cf., *supra*, nota 10.

<sup>20</sup> Cf. INÁCIO DE ANTIOQUIA – *Carta aos Romanos*, 6, PG 5, 692C.

<sup>21</sup> Cf. NICOLAU CABASILAS – *A Vida em Cristo*, 4, PG 150, 584B-C.

que é o corpo, ou as relações, do Senhor Glorificado (cf. *Jo. 2,21*). Ou seja: quando a nossa intimidade «escondida revestir totalmente a nossa exterioridade aparente»<sup>22</sup>, pois “ser templo” não é uma edificação, mas uma função.

Retenha-se que, quando falo de “intimidade”, não o faço para a opor a “visibilidade”, muito menos aquela que resulta, justamente e transparentemente, de tal intimidade. Faço-o para fazer um contraste, dialético e assimétrico, entre duas realidades. Por um lado, os determinismos que todos nós herdamos biologicamente sem o nosso assentimento, e que usualmente fazem que quando dizemos “eu”, não estejamos senão a ser um eco de tudo o que de menos livre e veraz há em nós. Por outro lado, o que nós, mesmo com aqueles, decidimos ser quando nos focamos na liberdade que permite o amor. Eis o contraste entre sermos uma coisa qualquer e o sermos uma pessoa; entre o sermos algo e o sermos alguém.

Com efeito, não existem dois mundos ou duas vidas, em que tivéssemos que pôr de lado uns, para, depois, abraçarmos os outros. De modo algum. Devemos é viver o único Mundo e a única vida que existem a partir da irradiação da Presença, amorosa e diaconal, do Ressuscitado. A que, restabelecendo a harmonia desejada eternamente por Deus, podemos experienciar de modo sublime na Eucaristia. Por outras palavras: devemos é, depois de nos deixarmos impactar pelo encontro com o Ressuscitado, levar tal Presença a penetrar todas as realidades com que nos relacionamos no nosso dia-a-dia. Deveras, o que de mais sagrado há para o Ressuscitado, são as nossas mãos, os nossos rostos e os nossos olhos, que a Sua luz ilumina e fortalece, para amarmos por eles, e, assim, Ele mesmo possa como que continuar a incarnar; possa como que continuar a assumir a nossa realidade para, no que a tradição espiritual cristã concebeu na linha de um intercâmbio comovedor<sup>23</sup>, nos comunicar a Sua.

<sup>22</sup> GREGÓRIO DE NISSA – *Discurso acerca das Beatitudes*, 37, PG 44, 1289D.

<sup>23</sup> Cf., v.g., IRENEU DE LYON – *Contra as heresias*, 5, prefácio, PG 7.2, 1120B.

Mas isto, acerca do qual vos tenho estado a falar talvez com uma excessiva candura, é tremendamente difícil. E é-o, pois não há experiência do Ressuscitado, mesmo que eucarística, que não seja também uma vivência da Cruz através da qual Ele chega até nós. Nós, frequentemente e porque ainda pensamos que a Crucificação ocorreu por decreto, esperamos o Ressuscitado no triunfo, na vitória, na conquista. Isso é um erro tremendo. Ele espera-nos na derrota; na miséria e no desprezo a que o mundano nos vota pelo simples facto de amarmos; isto é, naquilo que mais permite resplandecer o amor incondicional do Ressuscitado. Sim: o amor irrestrito d'Aquele que, antes – no Seu caminho entre o Getsémani e o Gólgota, passando pela casa de Caifás e o Gabatá –, tivera mesmo que passar pela «porta do esterco» (*Ne.* 3,14) do nosso egoísmo.

Permitam-me redizer, o que acabei de mencionar, por outras palavras, talvez mais explícitas e, assim, menos suscitadoras de ponderação por parte de quem as puder vir a ler. Em concreto: o Glorificado aguarda-nos na nossa aceitação incondicional das supracitadas realidades, as quais, acabando por provir até nós a partir dos abismos de desamor do mundano, o nosso “ego” também Lhe quis dar e, por seu lado, Ele aceitou para, desse modo, nos dizer “Eis-Me presente”. E presente, justamente em tudo o que, originando tais ocorrências enquanto reflexos do que a ele entregamos desde aqueles nossos abismos que lançam sombras sobre o amor, é igualmente o que nutre o nosso egoísmo. Aquele que, sendo a raiz de todo o nosso desamor<sup>24</sup> enquanto consequência do «medo escondido da morte»<sup>25</sup> (cf. *Sb.* 1,16-2,20), estrebucha por todos os lados sempre que se encontra com a loucura do dom absoluto de Jesus, até «faz[er] ouvir a sua voz e levanta[r] as mãos» (*Hb.* 3,10) para Este, em sinal de uma, sempre difícil, rendição incondicional e imediata.

Se assim é, devemos constatar que não há possibilidade de encontro com o Ressuscitado senão através da vivência da

<sup>24</sup> Cf. MÁXIMO O CONFESSOR – *Capítulos acerca da Caridade*, 2, 8, PG 90, 985C.

<sup>25</sup> MÁXIMO O CONFESSOR – *Questões a Thalassios*, 61, PG 90, 633D.



fragilidade do amor. Aquela fragilidade que, se a ela estivermos atentos por mais que ela nos possa assustar, nos recorda que não temos que nos libertar do Mundo, nem dos demais, mas do que em nós é falsidade; opacidade e ostentação. E como isso custa! E custa, porquanto comporta a eliminação de toda e qualquer separação espiritual voluntária dos demais e tal supressão requer uma exigente ego-desapropriação que não é senão um outro nome para o amor. De facto, tal desapropriação não se trata de rejeitar o que quer que seja, mas de rejeitarmos o ser escravos de tudo e de todos, e em especial de nós mesmos, para, desse modo, nos darmos sem condições juntamente com Aquele que, para nos permitir tal possibilidade, aprisionou a prisão; levou cativo o cativo; escravizou a escravidão (cf. *Ef.* 4,8).

E não é isto que deve ser a Eucaristia? Sem dúvida: é isso que ela é; é isso que ela devia ser para nós. Não a conservação mágica de uma presença materializada encerrada. Não. Nunca. Jamais. Ela é a oferta infinitamente real de uma presença universalizada que, se querendo fazer recíproca, se estende, no dizer de Hilário de Poitiers e acaso haja quem tenha optado por essa condição de vida, ao próprio inferno<sup>26</sup> (cf. *Sal.* 139,9). Eis o que seria, na eventualidade dessa opção e de algum modo, o “inferno do Deus-Amor”, que não abandona ninguém, e, devido à dimensão comunitária da humanidade, “de todos nós”, naquilo que me motiva a arriscar dizer que não é cristão afirmar, nem sequer desejar, a condenação eterna de quem quer que seja<sup>27</sup>: «quem se atreve a dizer que Eu, o Cristo, (...) [não] levei [toda] a humanidade às alturas do Céu (...)»?<sup>28</sup>. Deveras:

«“Adão, onde estás?”», grita novamente Cristo na cruz: “vim procurar-te e, para poder encontrar-te, estendi as mãos sobre a Cruz. De mãos estendidas, volto-Me para o Pai para dar graças por te ter encontrado, depois volto-as para ti para te beijar. Não vim para julgar o teu pecado, mas salvar-te pelo

<sup>26</sup> Cf. HILÁRIO DE POITIERS – *Acerca da Trindade*, 1, 6, *PL* 10, 30A.

<sup>27</sup> Cf. DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA – *Cartas*, 8, 6, *PG* 3, 1100C.

<sup>28</sup> MELITÃO DE SARDES – *Acerca da Páscoa*, 102, *SCh* 123, 120-122.

amor que tenho aos homens. (...) Não descansarei até que, humilhado e descido aos infernos para te procurar, te tenha reconduzido ao céu»<sup>29</sup>.

A Eucaristia é uma fornalha de amor incandescente que nos incendeia ao levar que o Ressuscitado nos assuma quando O acolhemos<sup>30</sup>, mais e mais, num nosso coração repartido naquele pão que é o dom da nossa, e da Sua, vida. E incendeia ao assumirmos, na nossa maior intimidade, *todos* os demais e *tudo* o mais, desde aquilo e quem está mais próximo de Deus, ao que está mais afastado d'Ele. *Todos e tudo*, novamente e sem qualquer exceção, mormente porque após o sangue vertido do Senhor crucificado ter passado a ser o sangue vertido do Senhor Ressuscitado, se reconheceu, e se deve reconhecer, que umas «pequenas gotas de [esse] sangue»<sup>31</sup>, que ainda recebemos na Eucaristia, renovaram a essência de tudo o que existiu, existe e existirá. Eis o que faz com que seja apenas aquela parte de nós que não se conforma com tal renovação que seja condenada, enquanto que a demais será salva<sup>32</sup>.

“Sem qualquer exceção”, escrevi eu algumas linhas acima, e escrevi-o, pois só assim tal Sacramento se tornará, mormente em nós mas não só, a redenção do próprio Deus. A redenção do Deus-Amor que precisa que Lhe curemos as feridas decorrentes das feridas que provocamos em resultado do nosso desamor. Ou seja: não é Deus que ainda tem que nos salvar. Ele já fez isso de uma vez por todas, pela totalidade da vida de Jesus compendiada maximamente na Cruz do amor divino-humano e do desamor humano, restando-nos aceitar tal realidade também pelo assumirmos, a realidade e o encargo, que somos nós que O temos de salvar. E salvá-Lo do nosso egoísmo, o qual O continua a crucificar e a soterrar (cf. 2Cr. 32,4), debaixo das pedras do nosso coração empedernido (cf. Ez, 11,19), justamente por

<sup>29</sup> GERMANO DE CONSTANTINOPLA – *Discursos*, 2, PG 98, 257C-260B.

<sup>30</sup> Cf. GREGÓRIO DE NISSA – *Grande catequese*, 37, PG 45, 93B; AGOSTINHO DE HIPONA – *Confissões*, 7, 10, 16, PL 32, 742.

<sup>31</sup> GREGÓRIO DE NAZIANZO – *Discursos*, 45, 29, PG 36, 664A.

<sup>32</sup> AMBRÓSIO DE MILÃO – *Acerca do salmo 118*, 20, 8, PL 15, 1238.

esse mesmo egotismo, que nos faz viver como caracóis encerrados em nós<sup>33</sup> e, assim, como lúgubres farrapos do que devíamos ser.

De facto, uma vez que Ele é sempre o Deus-Connosco, Ele é tão frágil quão precioso, pois, como todos sabemos, tudo o que é precioso, é-o na directa proporção da sua fragilidade. Sendo Deus, para nós, o que de mais precioso há, Ele é, e não é senão, o que de mais frágil existe na nossa vida. Embora isso não estivesse pré-determinado, não foi minimamente por acaso que os extremos históricos da vida de Jesus, que é a máxima revelação do Deus-Amor, manifestaram isto mesmo: a indefesa e desamparada forma, por um lado, de uma criança totalmente dependente dos demais, e, por outro lado, de um Crucificado abandonado quase que por todos, inclusive alguns dos Seus mais queridos.

Eis o que, quer a Eucaristia, com o Ressuscitado e no Ressuscitado, quer a vida cristã, naquela ancorada, deviam lograr fazer em nós: tornar-nos capazes do que assinalei até ao antepenúltimo parágrafo deste apartado, abrindo-nos, em resultado disso, a uma Luz de amor que será o oxigénio espiritual da nossa existência. Um oxigénio que permite a oxigenação de todas as nossas virtudes compendiadas naquele mesmo amor<sup>34</sup>, para elevarmos as ombreiras do nosso coração, de modo a que, dessa forma, o Ressuscitado entre, de um modo consciente para nós, na nossa vida.

Já o disse, mas volto a repetir: não é da Sua parte que se encontram as limitações à possibilidade de O experienciarmos. Somos nós que pomos obstáculos a essa vivência, ao colocarmos em cheque o amor, naquilo que revela que o mal e o pecado não são um acto ou uma atitude, por mais que também se manifestem desse modo. Eles não são senão nós mesmos em estado de recusa, bloqueando a circulação do amor e da alegria que vêm, pelo Ressuscitado e o Seu Espírito, desde o coração de Deus. Uma recusa do amor e da alegria que decorre de rejeitarmos aquela pobreza na qual renunciámos a possuir, para, dessa forma, passarmos a dar.

<sup>33</sup> Cf. CLEMENTE DE ALEXANDRIA – *Miscelâneas*, 5, 11, PG 9, 103A.

<sup>34</sup> Cf. MÁXIMO O CONFESSOR – *Questões a Thalassios*, 40, PG 90, 397B e 54, PG 90, 516A.

Deveras, o acolhermos em “estilo cristão” o que somos, seja pela biologia, seja pela educação, seja pela graça também já presente nas duas realidades antes anotadas, é darmos tudo, dando-nos totalmente como se cada um de nós tivesse sempre «a vida nas palmas das mãos, fazendo ver na acção a intenção do seu coração»<sup>35</sup>. E isto para, desta maneira, passarmos a viver, segundo Máximo o Confessor, o mais nuclear centro do Evangelho, no que leva a que vivamos um radicalmente novo modo de sermos seres humanos<sup>36</sup>. Dar, sim; dar-se, sim, ainda mais; mas em ambos os caos, e sobretudo no segundo, conquanto sempre na atmosfera do amor de Deus, pois, fora deste amor e por um lado, todo o dom é tremendamente perigoso, e, por outro lado, aquilo a que chamamos de “nosso amor” corre o risco de não ser senão uma extensão do nosso, sempre nefasto, amor-próprio.

“Nefasto amor-próprio”, disse eu, e, perante o que me parece ser uma tendência coeva em se escamotear este facto, desejo voltar a dizer devido às suas consequências funestas, não só para nós e os demais em geral, mas igualmente para uma Igreja que foi sonhada por Deus para ser «plantada no Mundo como um paraíso»<sup>37</sup>. E isto porque, nos levando a estimar mais a nós mesmos e às fachadas que usamos do que à alegria, é outra das realidades mais comuns que levam à rejeição do Cristianismo. Vou ser muito cru: o que conduz os demais a Deus, não é o falarmos, mas o vivermos. O falar pode vencer, mas o viver converte. Ou seja: o que conduz os demais à aceitação de Deus é o vivermos uma, e numa, alegria que é totalmente inseparável do estarmos descolados de nós mesmos e descolonizados do nosso “ego”. Na verdade, ninguém se converte ao nosso “ego”, pois, como todos devemos saber das nossas próprias experiências, os “egos” são, todos eles, incompatíveis entre si.

<sup>35</sup> GREGÓRIO MAGNO – *Morais em Job*, 11, 33, 46, PL 75, 974C.

<sup>36</sup> Cf. MÁXIMO O CONFESSOR – *Ambigua*, 2, PG 91, 1097B.

<sup>37</sup> IRENEU DE LYON – *Contra as heresias*, 5, 20, 2, PG 7.2, 1178A.

### 3.- A experiência do Ressuscitado e a alegria

Pois bem, se, em linha com o que foi exposto quando falei da oração e da Eucaristia, o dar é das realidades que mais alegria comunica (cf. *At.* 21,35), o dar tudo, dando-nos sem condições em consequência da experiência do Ressuscitado, mostra-nos que uma das mais relevantes consequências da vivência do Ressuscitado é a alegria (cf. *Lc.* 24,41.52). A alegria decorrente do Ressuscitado ter revelado, ao ter atravessado a Cruz em que Ele foi trespassado, a magnitude infinita do Seu amor por nós. Aquela magnitude que mostra a importância e a dignidade que Ele nos atribui e que em nós reconhece. Não, portanto, aquelas que dependem, porventura até à obsessão, da opinião dos demais, mas as que derivam, na experiência do Ressuscitado, da percepção de que a verdadeira grandeza cristã – a do amor que santifica – provém da união do nosso ser com a nossa mais secreta intimidade. Aquela que, como já disse, coincide com a Fonte divina do ser, do nosso ser, do ser de tudo o mais e do ser dos demais, os quais, nunca o esqueçamos, são quem melhor desbrava o caminho para tal Fonte.

Deixem-me voltar a dizer isto que acabei de mencionar, formulando uma pergunta em duas questões: o que é que é a santidade, senão o vivermos de tal modo que damos alegria aos demais, e sobretudo o darmos-lhes a possibilidade deles mesmos darem a sua alegria? O que é a mais genuína santidade senão esta admirável alegria que, atraindo sem coagir, faz com que o Céu desponte no coração destes? Podemos dar as voltas que quisermos, mas teremos sempre que admitir a verdade do que as duas precedentes interrogações rectóricas deixam no ar. Será isso estranho? É possível que o seja, mas se o for, sê-lo-á porque talvez vivamos há demasiado tempo imersos no desamor, no dolorismo e no mundano encoberto por palavras cristãs mesmo no seio da nossa vida cristã, que já não somos capazes, nem de ver o rosto de alegria de Deus, nem de conhecer a santidade messiânica cristã, a qual não

é senão uma participação na alegria eterna de um Filho eternamente ungido pelo Pai com o Espírito Santo<sup>38</sup>.

Dito isto, que eu estimo ser imensamente triste, reconheçamos igualmente que não há motivo para desanimarmos. E se não o há, isso deve-se tão-somente ao facto de o Espírito Santo possuir sempre o poder de: libertar as emoções sensíveis e, sobretudo, as espirituais do coração humano; afinar a harpa do mesmo pelo diapasão do Seu modo de ser e agir; e, enfim e também como corolário das duas capacidades acabadas de elencar, desentupir o poço da alegria espiritual que havia sido atafalhado pelo egoísmo. Mais: e de permitir que o próprio Senhor Se torne, inclusive, «o defensor»<sup>39</sup> infinitamente zeloso daqueles que, como se pode ler imediatamente antes das palavras acabadas de citar, «permanecem surdos aos Seus apelos (...) para não recusarem o Seu amor».

Não obstante, uma coisa é o Espírito Santo ter o poder de fazer algo; outra, totalmente diferente, é o Ele lograr fazê-lo, dado que, como ocorre continuamente com o, e na esfera do, amor que decorre incontornavelmente do Amor que Ele mesmo é de modo especial, para que Ele consiga levar a cabo o que quer que seja em nós, nós precisamos de colaborar com a Sua acção, e isto começa sempre pelo recebê-Lo com ânimo como o Espírito do Ressuscitado. Aquele Espírito que, tendo agido na humanidade do Senhor como Seu «companheiro indefectível»<sup>40</sup>, para que Ele nos oferecesse o Mesmo também por aquela e por ela moldado, tem sempre as Suas mãos estendidas para, como «arte no artista»<sup>41</sup>, dar a mais profunda e profusa alegria àquele sujeito que, graças à Sua acção medicinal, reconhecer as fraquezas do seu coração. E reconhecê-las, a ponto de levar lágrimas de amor e de compaixão aos seus próprios olhos, particularmente fruto de um admitir, com aguda compunção, que Ele, sendo o único Dom que é dador da alegria espiritual (cf. *1Ts.* 1,6; *Gal.* 5,22), foi entris-

<sup>38</sup> Cf. GREGÓRIO DE NISSA – *Contra Apolinário*, 52, PG 45, 1249s.

<sup>39</sup> DIONÍSIO PSEUDO-AREOPAGITA – *Cartas*, 8, 1, PG 3, 1085A.

<sup>40</sup> BASÍLIO MAGNO – *Acerca do Espírito Santo*, 16, 39, PG 32, 140C.

<sup>41</sup> BASÍLIO DE CESAREIA – *Acerca do Espírito Santo*, 26, 61, PG 32, 180B-C.

tecido por si (cf. *Ef.* 4,30) e, no que é um sinal de verdadeiro amor<sup>42</sup>, por todos os demais de quem, também graças a isso, se sabe inseparável, no faz de si uma «alma eclesial»<sup>43</sup> na alegria que isso desponta.

Mas aqui surge um problema cada vez maior nos nossos dias. Um que passarei a mencionar sem, por um lado, querer diminuir um iota que seja ao relevante labor dos profissionais que passarei a mencionar, conquanto eles sejam sérios e competentes e, por conseguinte, respeitadores da fé cristã, nem, não obstante esteja agora a falar de algo justamente desse âmbito, pretender reduzir tudo a algo do foro espiritual. A saber: há um número cada vez maior de pessoas, mesmo entre nós cristãos, que estão dispostas a se ajoelharem gratuitamente diante do Senhor todo misericordiante, e no Qual poderiam reconhecer sanantemente todos os recantos das suas identidades. Correlativamente, elas preferem ir dispendiosamente a um psicólogo ou a um psiquiatra para que as suas personalidades sejam ajustadas e recalibradas segundo as teorias, mais ou menos acertadas, deste pensador ou daquela escola. E sejam-no, nem que isso ocorra mediante o se deixarem convencer, pelos menos sérios daqueles terapeutas e inclusive contra todo um somatório de evidências parciais a que poderão ter dado um discernido assentimento ao longo das suas vidas, que Deus é um mero produto, porventura inclusive a dever ser tido como nocivo, das suas imaginações.

Quer dizer: quando Deus consegue penetrar na dura carapaça do nosso “ego” e dar-nos a conhecer tais fraquezas de amor, muitos de nós já não queremos confrontar-nos com as mesmas, nem, assim, corrigi-las segundo os critérios evangélicos. O motivo para tal recusa é fácil de apontar: é que aceitar tal confronto comporta, inapelavelmente, o precisarmos de admitir, e deixar cair, as falsidades espirituais que erigimos, para nós e para os demais, acerca das nossas vidas. Aquelas que, uma vez que as «sombras protegem as sombras»<sup>44</sup>, nos fazem caminhar, cada vez mais em direcção à «zona

<sup>42</sup> Cf. MARCOS O EREMITA – *Acerca da penitência*, 11, PG 65, 981A.

<sup>43</sup> ORÍGENES DE ALEXANDRIA – *Homílias acerca do Cântico dos Cânticos*, 1, 10, PG 13, 46C.

<sup>44</sup> GREGÓRIO MAGNO – *Morais em Job*, 33, 4, 10, PL 675A.

da dissemelhança»<sup>45</sup>. Isto é: da intimidade espiritual à interioridade psicológica e, depois, desta à exterioridade comportamental e, por fim, de tal exterioridade ao formalismo.

A realidade configurada por tal recusa, que nos impede ouvir os galos da nossa vida (cf. *Lc.* 22,60), é profundamente triste, pois Deus, e a alegre conversão que decorre do Seu perdão comunicado pelo Ressuscitado através do Seu Espírito Santo, são a chave para vivermos na mais firme realidade. Aquela que, contando connosco, já tem as suas raízes no Reino dos Céus; no Reino de Deus; no Reino do Amor e da verdade do amor. Serei novamente cruamente franco: Jesus não prometeu que o sucesso, o sentirmo-nos bem, a auto-realização ou, então, o termos uma vida mais organizada mentalmente nos fará livres. Ele disse que a, sempre transcorrente da Verdade, verdade acerca de nós, de Deus e dos demais, nos fará livres (cf. *Jo.* 8,32), numa expansão de amor alegre que Paulo sintetiza num quase que mandamento: «alegrai-vos sempre no Senhor. Repito: alegrai-vos» (*Flp.* 4,4).

Devemos ser, perdoem-me a aparente contradição e o intencionado jogo de palavras, absolutamente sérios acerca da importância da alegria, a qual é das realidades mais sérias num Céu onde, ou estaremos alegres, ou, então, pura e simplesmente não estaremos. O testamento de Jesus é um testamento de alegria: «manifestei-vos estas coisas, para que esteja em vós a minha alegria, e a vossa alegria seja completa» (*Jo.* 15,11). Eis um testamento que só é fecundo em nós, quando, ocorrendo o encontro com o Ressuscitado, especialmente numa Eucaristia em que Ele nos remete de modo reforçado para os demais, esse mesmo encontro nos levar à alegria mais inebriante do ponto de vista espiritual<sup>46</sup>. E isto, não menos por ser a alegria do Senhor Jesus<sup>47</sup> e a do próprio Deus-Amor, a qual se torna suprema no perdão, tal como vemos na única (cf. *Lc.* 15,3) e longa parábola,

<sup>45</sup> AGOSTINHO DE HIPONA – *Confissões*, 7, 10, 16, *PL* 32, 742.

<sup>46</sup> Cf. ISAAC DE NÍNIVE – *Mystic treatises*, 65, ed. Arent Jan Wensinck. Amsterdam: Koninklijke Akademie van Wetenschappen, 1923, p. 30.

<sup>47</sup> Cf. NICOLAU CABASILAS – *A vida em Cristo*, 7, *PG* 150, 716A.



em três actos de complexidade crescente, da “alegria do reencontro” (cf. *Lc.* 15,4-32).

Face a isto, é de se admitir que é absolutamente impossível que a vivência do Ressuscitado, que nos leva a reconhecer nos demais o mais perfeito ostensório d’Aquele que nós estamos chamados a adorar também no mais íntimo do coração daqueles, não se traduza na alegria crística e cristã que está paradoxalmente sintetizada nas “Bem-aventuranças” ou, com toda a propriedade, “Alegrias” (cf. *Mt.* 5,3-12), as quais, sendo uma gramática da alegria de Jesus Crucificado e Ressuscitado (cf. *Hb.* 12,2), associam, todas elas, a “alegria” ao “amor”. Eu sei que, por diversos motivos, talvez venha a ser difícil aceitar o que vou dizer, mas devo dizê-lo na mesma: uma vez que, por um lado, a verdadeira alegria é coextensiva e consubstancial com o amor<sup>48</sup>, a ponto de aumentando este aumentar aquela<sup>49</sup>; e, por outro lado, sendo o amor a raiz da antes mencionada adoração; então, um dos modos mais ricamente humanos de adoração é o de testemunharmos, precisamente, tal alegria.

Tenhamos em consideração que os primeiros cristãos não se puseram a fazer equações lógicas que os tenham levado a concluir “Cristo ressuscitou, logo, devemos estar alegres”. **Não.** A sua alegria foi um milagre tão grande como a própria ressurreição do Senhor, dado que a alegria do Criador passou a habitar nos seus corações, e, assim, estes não puderam senão rejubilar de alegria. Mais uma vez é de recordar que nenhum de nós está em desvantagem face àqueles nossos primeiros irmãos na fé. Na verdade, todos podemos deixar que ocorra em nós, mormente pela já mencionada desapropriação, o que neles aconteceu: a vivência, pela experiência do Ressuscitado, da alegria que impulsiona ao anúncio dessa mesma alegria que «é o lugar das consolações divinas [que fazem com que] o homem alegre aja bem, pense correctamente e pise aos pés a tristeza que não vem de Deus»<sup>50</sup>.

<sup>48</sup> Cf. NICOLAU CABASILAS – *A Vida em Cristo*, 2, PG 150, 561B.

<sup>49</sup> Cf. ISAAC DE NÍNIVE – *Mystic treatises*, 39, p. 202.

<sup>50</sup> HERMAS – *Pastor*, 2, 10, 3, PG 2, 941B.

Note-se que tal alegria não se trata, em circunstância alguma, da alegria medíocre que erradamente pensamos que implica não termos lágrimas nos olhos nem preocupações na vida, confundindo-a, assim, com um contentamento episódico, que mais não é do que um regozijo não testado. Não. Refiro-me àquela alegria plena que, sendo uma participação na própria alegria de Deus e estando tantas vezes associada a um humor sadio, é um regozijo testado, e que, com a ajuda de Deus, podemos querer viver, dia após dia, dado que tal alegria é sinal da profundidade da fé (cf. *Sal.* 69,33a) e, além do mais, daquele coração que, vivendo repleto de amor por se saber amado (cf. *Sal.* 13,6; *Lc.* 10,20), está na dianteira da liberdade amante. Quer dizer: a alegria que, nos fazendo exultar com todo o nosso ser<sup>51</sup> independentemente de estarmos ou não cegos com lágrimas e carregados de preocupações, decorre do estarmos repletos da percepção espiritual do Ressuscitado que «pacifica interiormente no amor»<sup>52</sup>.

Aqui temos a alegria verdadeira que nos permite, por um lado, aceitar os sofrimentos que decorrem do amor autêntico enquanto somos «o rosto da Terra que sofre»<sup>53</sup>, e, por outro lado, não nos movermos em busca de falsas bênçãos e delícias desleais, as quais, geralmente, não são senão substitutos daquela, e para aquela, verdadeira alegria que assim se escapará cada vez mais das nossas vidas<sup>54</sup>. Aquela alegria que nos arranca de nós, para, desse modo, realizarmos a nossa vocação baptismal de missionários messiânicos numa vida profética em que, se formos realistas prenhes de «alegria na esperança» (*Rm.* 12,12), vemos, anunciamos e denunciemos os acontecimentos que poderão ocorrer pela sombra que eles já projectam sobre hoje.

Se pensarmos acerca da, e orarmos a alegria de Deus, que é a única que o Ressuscitado nos comunica, veremos que tal alegria é, precisamente, a alegria de dar no acto contínuo de Se dar numa generosidade gratuita e absoluta que nos capacita a ser co(m)-

<sup>51</sup> Cf. ISAAC DE NÍNIVE – *Mystic treatises*, 3, p. 24.

<sup>52</sup> GREGÓRIO MAGNO – *Morais em Job*, 18, 43, 70, *PL* 76, 79.

<sup>53</sup> ANÔNIMO – *Carta de Barnabé*, 6, *PG* 2, 740B.

<sup>54</sup> Cf. ISAAC DE NÍNIVE – *Mystic treatises*, 4, p. 40s.

dadores. Tal aquela implica uma pobreza essencial, também ela consubstancial ao próprio amor, no que justifica que, como não me tenho cansado de mencionar de há anos a esta parte, a primeira bem-aventurança elencada por Jesus, a qual sendo o pórtico para as demais sintetiza-as a todas, seja a da pobreza (cf. *Mt.* 5,3), porquanto trata-se da própria bem-aventurança do Deus que só é Amor. Eis porque, entre outros exemplos, o melhor sinal de uma vocação cristã bem discernida, é o viver-se a mesma, não com resignação apática, nem com acatamento temeroso, mas com alegria. De facto, toda a vocação cristã, que nos é investida pelo Ressuscitado em diálogo com o que de ressuscitado já vai havendo em nós, é sempre uma vocação à alegria que precisa de se concretizar numa vida de missão. Não deixemos, portanto, tanto quanto isso depender de nós, que a tristeza desfigure os nossos corações, os nossos olhos, os nossos rostos.

Face ao exposto, a nossa vida *de missão* no amor, decorrente da vida *de demissão* do nosso “ego” que abre as portas do amor em consequência do encontro alegre com o Ressuscitado, deve ser sempre uma missão de alegria. Alegria, em primeiro lugar para um Deus que é a Fonte de toda uma nossa alegria que, por seu lado, não deixa de o afectar; depois, para os demais, com quem descobriremos a necessidade de partilhar o dom de tal alegria, para que ele se torne mais substancial; e, enfim e na união destas e conquanto não buscada de modo egoísta, para nós. Com efeito, todos nós devíamos ser um jubileu de gaudio; um feriado festivo de alegria num exercício de amor, de modo a que essa alegria fosse um outro “pão nosso de cada dia” (cf. *Mt.* 6,11). Aquele “pão” em que florimos e damos a florir no dar alegria; na alegria do dar; na alegria de dar. A alegria de dar! A alegria de uma liberdade que não é uma escolha arbitrária, mas o poder de se dar em amor no encontro com o outro e, mais ainda e conforme já pude referir anteriormente desde outra perspectiva, no suscitar condições para que o outro se dê e, assim, viva a sua maior alegria.

Não nos furtemos, por conseguinte, da responsabilidade de irmos à alegria, também para melhor a darmos enquanto decorrente

de uma vivência do Senhor Ressuscitado no seio da nossa passagem do egoísmo para o altruísmo: «a forma mais nobre de alegria é compartilhar a alegria da própria alma, sem se apegar aos seus desejos, posses ou ganhos pessoais, antes viver preocupados com o bem dos demais. Sob esse ângulo, o homem transcende a sua natureza e assemelha-Se a Deus»<sup>55</sup>. E aventuremo-nos a ir a tal alegria, sobretudo vivendo a Eucaristia como evento privilegiado para entrarmos na alegria do dom. De facto, por tal Sacramento somos despertados para duas realidades decorrentes de pelo mesmo estarmos sempre chamados a reunirmo-nos, num círculo virtuoso de amor, em benefício dos demais. Primeiramente, a que nos mostra que nunca somos o centro, nem a meta, do que quer que seja na nossa vida. Depois, a que nos salienta que os demais são sempre uma porção integrante do nosso coração orante e deposto ante Deus. É desse modo que nos tornaremos capazes de fazer uma provisão diária de entusiasmo – palavra que etimologicamente quer dizer estar “repleto de Deus” –, o qual, na esfera do amor genuíno, pode ser encarado como a forma mais elevada de alegria, não menos porque também, mas não só, a sustenta.

Neste ponto da minha exposição devo apelar a que nunca nos cansemos de recordar a realidade de que é o entusiasmo que nos faz descobrir, em cada dia, novos caminhos; é o entusiasmo que nos faz descolar de nós mesmos e nos voltar para Aquele em Quem a nossa admiração se suspende; é o entusiasmo que nos faz deixar de olhar para nós e voltarmos para a pessoa a quem amamos e, assim, nos enraizarmos mais solidamente na sua intimidade; é o entusiasmo que nos religa a Deus e faz brotar, em nós, a Sua luminosa Água viva (cf., v.g., *Jr.* 2,13; *Jo.* 4,10) para bem dos demais e do restante da Criação; é o entusiasmo que transforma qualquer deserto em que possamos estar a viver numa genuína terra de copiosos leite e mel. Por outras palavras: o encontro com Deus, através do encontro com o Ressuscitado, é sempre o entusiasmo. O entusiasmo!

<sup>55</sup> NICOLAU CABASILAS – *A vida em Cristo*, 7, PG 150, 704B-C.

Reparemos ainda que tal alegria, que culmina no entusiasmo, não é senão outro nome para a humildade cristã. A humildade está onde está a nossa alegria. E isto, porquanto essa humildade crística plasmada num seguimento de um Senhor «manso e humilde de coração» (Mt. 11,29), não é o abaixamento diante de quem quer que seja. Ela, levando-nos a «caminhar na grandeza [do amor] entre as maravilhas que nos superam»<sup>56</sup>, é deixarmos de olhar para nós que permite um olhar de amor para Deus e para os demais numa alegria entusiasmada. Uma alegria que permite um abraço, de liberdade a liberdade e de dignidade a dignidade, a que podemos chamar, com toda a propriedade e como já acenei antes, de antecipação para o presente daquela eternidade que só ela faz da vida merecer ser chamada de “vida”<sup>57</sup>.

Se isto é assim na moldura geral da vida cristã, é-o ainda mais quando adquire a forma de um serviço que permite ao outro dar, dar-se e, assim, viver também na sua alegria e no seu entusiasmo. A humildade crucificada e ressuscitada, comunicada, precisamente, pela experiência do Ressuscitado, é onde o amor se alimenta e dá a alimentar. Só esta humildade permite a fecundidade daquele serviço amoroso que referi há momentos, pois impede que nos apropriemos do outro e do Ressuscitado nele presente, fazendo deles satélites para a nossa auto-promoção. Toda a outra forma de humildade é uma distorção; uma caricatura que devemos urgentemente excluir das nossas vidas.

Somente nesta alegria, neste entusiasmo, nesta humildade e neste serviço – todos eles decorrentes da vivência do Ressuscitado – é que conseguimos encarar os demais com os seus limites e porventura hostilidades para connosco. E tal facto, dado que permaneceremos num contacto íntimo de amor com o Senhor Glorificado, e, mesmo no meio das maiores adversidades, conseguiremos não perder de vista que em todas as pessoas há a semente, à espera de brotar, de uma esperança eterna do próprio Deus. A saber: a missão, que faz de nós

<sup>56</sup> ORÍGENES DE ALEXANDRIA – *Contra Celso*, 6, 15, PG 11, 1312D.

<sup>57</sup> Cf. AGOSTINHO DE HIPONA – *Sermões*, 346, 1, PL 38, 122.

a concretização dessa esperança de Deus-Amor, de, tendo-O deixando nascer em nós, darmos a nascer Jesus Ressuscitado<sup>58</sup>. A missão de darmos, aos demais, o poder de reconhecerem, neles mesmos, o Glorificado que anseia por nascer para a vida ao nascer para o poder ser a vida das suas vidas.

Só assim seremos “evangelhos”, boa- e alegre-notícia que resserena, ilumina, liberta, universaliza. Somente assim poderemos, vivendo a Presença do Ressuscitado, atestá-la aos demais numa plenitude sensível. Uma plenitude expressa, maiormente, na dita alegria, que se torna o sinal da infalibilidade do amor, garantindo que, se o Glorificado está vivo e activo em nós a dar-nos tal alegria, também pode estar neles de um modo consciente para os mesmos e, enfim, pode a eles comunicar essa dita alegria. Eis a única acção verdadeiramente humana, que nenhuma máquina jamais irá poder realizar. A saber: o sermos uma presença que deixa transpirar a Presença. A presença, apoiada num recolhimento no seio amoroso do Ressuscitado, que O deixa transparecer, e que, desse modo, suscita um âmbito de respeito que leva, nos demais, que estes se apercebam que neles há Alguém que eles mesmos ainda não descobriram. Ou que, então, precisa de ser mais e melhor conhecido até que possam reconhecer, dando-se conta do amor louco de Deus por si, que, também a seu respeito, podem dizer: «o homem é algo de extraordinário!»<sup>59</sup>.

Por favor: não percamos jamais de vista o que acabei de dizer. E isso por dois motivos que, indo passar a apresentar, gostaria que fossem encarados, por quem porventura vier a lê-los, de modo articulado e sem qualquer absolutização de um em detrimento da consideração atenta do outro.

Em primeiro lugar, porque, segundo a minha percepção talvez distorcida, se é verdade que o sermos testemunhas do Ressuscitado é a nossa missão fundamental<sup>60</sup> (cf. *At.* 1,22), não é menos verdade

<sup>58</sup> Cf. ORÍGENES DE ALEXANDRIA – *Homilias acerca do Evangelho de Lucas*, 22, 3, PG 13, 1856C-1859C.

<sup>59</sup> BASÍLIO DE CESAREIA – *Homilias acerca dos Salmos*, 48, 8, PG 29, 449B.

<sup>60</sup> Cf. JOÃO CRISÓSTOMO – *Homilias acerca dos Actos dos Apóstolos*, 3, 3, PG 60, 38.

que muitas vezes parece que nos esforçamos imenso por fazer fracassar tal missão. E fazê-la fracassar mormente por, optando pela frivolidade, o oportunismo e o pragmatismo endeusante de nós mesmos e daqueles que queremos que nos endeusem, não vivermos naquela alegria que, se não for vivida em comunhão, se converte em consternação; por não vivermos naquela desapropriação que, se não for vivida em comunidade, se converte em dissimulação; por não vivermos naquele serviço que, se não for vivido em humildade, se converte num reboição. E tudo isto porque, tal como Maria (cf. *Jo.* 2,3), andamos atrás de «bens temporais, quando Cristo [nos] prepara uma alegria eterna»<sup>61</sup>.

Em segundo lugar, porquanto o grau da maturidade espiritual de uma pessoa humana, e até de uma comunidade eclesial, é medida pela alegria que nela habita através do amor, e, ao mesmo tempo, dela transborda mediante o amor vivido precisamente no serviço. Isto é uma consequência absolutamente clara do já mencionado facto de o testamento de Jesus ser um testamento de alegria que precede, e de certo modo capacita para a realização, do Seu “ensinamento” novo. O de nos amarmos como Ele nos amou (cf. *Jo.* 15,12) naquele serviço ego-desapropriado que, vivido na alegria entusiasta suscitada pelo encontro com Ele ressuscitado, é a única verdadeira «glória do homem»<sup>62</sup>.

Toda a formação, toda a catequese, toda a oração, toda a liturgia, tudo isto e tudo aquilo, será absolutamente nada se não nos conduzir a levarmos, aos demais, a alegria que o Ressuscitado nos comunicou. Nada. Preocupamo-nos tanto com os brilhos e aprumos daquelas coisas, mas Deus só as deseja para que nos levem a transmitir ao nosso próximo a, enormemente consistente, alegria do seguimento do Senhor, sejam aquelas coisas aprumadas e brilhantes ou não. Sem esta alegria acolhida e dada, da presença do Ressuscitado feita vivência do Ressuscitado, a vida cristã quase que não existe, pois passaremos a seguir, mortalmente, conjuntos de métodos e de formas, em vez de

<sup>61</sup> MÁXIMO DE TURIM – *Homilias*, 23, PL 57, 275A.

<sup>62</sup> IRENEU DE LYON – *Contra as heresias*, 4, 14, 1, PG 7.1, 1010C.

seguirmos ao Ressuscitado. Disse “mortalmente”, e não o disse de modo poético, pois não há nada de poético em dizermos que temos cancro e, quer o saibamos ou não, a ausência da alegria das nossas vidas é um terrível cancro maligno espiritual.

De facto, é a mencionada alegria que sana, tonifica, ilumina e alimenta a nossa consciência cristã de pessoas, não de “Sexta-feira Santa”, mas de “Domingo de Páscoa”. É evidente que, tal como penso já ter deixado claro no apartado 2.2 deste estudo, não há Domingo de Páscoa, nem o tocar de sinos a repique no nosso coração a vibrar de alegria pelo abrir dos seus olhos para o Senhor Glorificado, sem Sexta-feira Santa e o Senhor Crucificado. Mas também é patente que a Cruz, como local de padecimento de Cristo e do egoísmo que há em nós, só existe para que os sinos da «alegria indescritível e irradiante» (1Pd. 1,8) de que fala Pedro, toquem a repique. E toquem, seja pela Glorificação de Jesus, seja pelo amor gratuito que já vai germinando em nós como uma das mais belas e simples expressões da nossa alegria, e até da alegria do próprio Deus.

Se assim é, nunca nos movamos para sermos estimados, reputados ou espectaculares, reduzindo, desse modo, a Igreja a um “clube social” ou à gala dos “Globos de Ouro”. Movamo-nos, isso sim, para que, na nossa alegria, deixemos transparecer a Jesus. E isso, sem compromisso algum com um mundano que sempre nos quer ditar o que devemos ser e fazer como Igreja. Pagaremos um preço elevado se fizermos isto? Sim. Sem dúvida. Não o posso escamotear, Mas se crermos existencialmente em Deus, em vez de crermos apenas nocionalmente acerca de Deus, isso valerá sempre a pena, e iremos vivê-lo sempre na alegria. Optemos, pois e sempre, pela ousadia de deixarmos o Ressuscitado encontrar-nos e comunicar-nos a mais densa e substancial, «contínua e sólida, (...) extraordinária e admirável»<sup>63</sup> alegria em que devemos viver «sempre e perpetuamente»<sup>64</sup> (cf. Jo. 16,22).

<sup>63</sup> NICOLAU CABASILAS – *A vida em Cristo*, 7, PG 150, 705D.

<sup>64</sup> ORÍGENES DE ALEXANDRIA – *Homilias acerca do Livro dos Números*, 23, 3, PG 12, 748D.



## **Palavras inconclusivas**

Não creio que possam haver “palavras finais” ou “conclusões” para o que acabei por escrever neste estudo, donde tudo o que aqui escreverei terá que ser sempre algo de inconclusivo. Com efeito, nada nele está terminado, mas apenas apontado a jeito de esboço. Por conseguinte, o que de mais honesto sinto que devo redigir agora, precisa de resumir-se a um simples e humilde pedido. A saber: que cada um, que possa ter resistido na leitura das minhas palavras até este momento, procure prolongar tais vocábulos na sua vida, e, depois, tentar (a)testar na mesma a verdade, que sempre desejei que fosse rigorosamente evangélica, do que expus.

## **A ALEGRIA EM SITUAÇÕES LIMITE OU O LIMITE COMO LUGAR DE GRAÇA <sup>1</sup>**

MARIA JOSÉ MARIÑO

As situações limite, no contexto temático deste congresso sobre as fontes da alegria, suscitam um interesse inevitável. Não se trata apenas de uma curiosidade intelectual pelo aprofundamento do paradoxo da alegria e da dor, mas sim uma inquietação que todos, em maior ou menos grau, levamos no nosso interior. As situações limite evocam experiências vividas ou temidas que nos confrontam com o sofrimento e a impotência, com a ameaça e com a realidade, uma determinada realidade, que nos ultrapassa. Em simultâneo, desperta o sonho nunca abandonado de superar toda a dor, de nos sobrepormos a ela, e porque não até eliminá-la.

Hoje, mais do que nunca, temos que enfrentar esta questão, sem esquecer dois aspectos importantes. O lugar vital a partir do qual colocamos esta questão, a alegria em situações limite, esquece os limites do nosso mundo, as suas periferias sociais e existenciais. É precisamente aí onde vamos encontrar luz para sair da nossa “zona de conforto” para repensarmos, antes de mais nada, de que alegria estamos a falar e de que limites. Aí aprendemos a escutar a realidade pessoal, sem engrandecimentos, irmanando-nos com os mais pobres e sofredores do nosso mundo. A minha dor é pertença minha mas, não é a mesma quando compreendo e me abro, por exemplo, à dor de mães que vêem morrer os seus filhos de fome ou vítimas de violência.

Outra questão é a espiritualidade. Toda a realidade humana está chamada a integrar-se no caminho espiritual e a graça encarna-se na nossa pobre humanidade. No entanto, também é certo que se torna

<sup>1</sup> Conferência proferida por Irmã Maria José Mariño, Carmelita Missionária, no VII Congresso de Espiritualidade, “As fontes da Alegria”, no dia 19 de Outubro de 2019 às 17:00 horas.

difícil, para nós, acolher determinadas situações existenciais e descobrir nelas a presença divina e o seu dom sempre transbordante, pleno de vida e de alegria. Por outro lado, sempre corremos o risco de converter Deus num recurso fácil para superar as dificuldades, ou transformá-lo num interlocutor a quem pedimos contas, ou exigimos explicações, convertendo-o no réu dos nossos conflitos.

Neste aspecto, o testemunho dos místicos, não deixa lugar para dúvidas. As situações limite – quer pela sua intensidade, quer pela sua presença prolongada no tempo - são momentos de graça que, sem eliminar a dor e o drama humano que os envolve, abrem também um novo horizonte a nível espiritual. Estas duas dimensões, psicobiológica e espiritual, estão sempre unidas mas, não são iguais. Nada melhor que as situações limite para distinguir os dois planos e decidir a partir de qual deles vamos orientar a nossa vida.

Dois exemplos no Carmelo, relativamente próximos no tempo, podem iluminar-nos. Teresa de Lisieux e Isabel da Trindade merecem, neste campo, um estudo detalhado. Ambas atingiram a sua estatura espiritual precisamente no crisol de situações limite de dor, doença e morte, prolongadas no tempo num lento e cruel caminhar até aos braços do Pai. Teresa de Lisieux, também o viveu na dolorosa obscuridade da fé. No entanto, a transformação da graça, sem eliminar o desgaste humano, produziu uma luz interior perfeitamente perceptível para aqueles que as rodeavam. A graça não eliminou a dor nem a angústia, mas transformou-as em algo novo, encarnado no seio da agonia.

Sempre corremos o risco de psicologizar estas situações e, inclusive, oferecer recursos fáceis que prometem a auto superação. Mas será, por acaso, possível superar determinados sofrimentos? Será possível não sentir, em determinados momentos, o golpe da angústia, da dor, como se simplesmente pudéssemos decidir deixá-los para trás, como se realmente não existissem?

Aqui sublinharemos a experiência do gozo e da alegria nas situações limite - que são de morte, de obscuridade e sofrimento - como caminho para encarnar a fé pascal e o seu potencial de vida, na realidade também obscura da nossa existência. Esta perspectiva, permitir-nos-á encontrar caminhos de integração e crescimento espiritual que superem a prova das afirmações vazias, dos enunciados sem conteúdo vital.

## 1. O limite em e da nossa cultura

Numa primeira pesquisa em sítios da internet de cariz científico, encontramos um facto curioso e, no entanto, muito eloquente da postura do nosso contexto sociocultural diante do limite. Com enorme frequência, refere-se aos âmbitos do mercado, economia e marketing<sup>2</sup> como descrição de situações críticas e, por outro lado, aos convites para uma demonstração de êxito. Também aparece frequentemente no mundo do direito, da política, da educação, do desporto, da arquitectura, da saúde mental e do aconselhamento.

Como ponto comum, apresentam o limite somente numa perspectiva de superação. Parece um desafio simples, apenas uma possibilidade de crescimento que funciona com o desenvolvimento de uma atitude adequada e determinados recursos, quase como algo que, no fundo, é positivo. Por vezes, parece negado na prática, como se fosse sinónimo de meta a atingir e, a sua presença, uma recordação constante do convite a superá-lo. O desempenho, mesmo ao nível da corporeidade, impõe uma dinâmica de crescimento constante como se o limite não somente fosse sempre superável, mas cuja superação é sinónimo de sucesso, fruto do empenho pessoal, habilidade ou excelência. No entanto, creio que poderíamos começar por criticar esta postura como um limite (limitação) que a nossa cultura integra em si mesma.

Esta perspectiva não faz mais do que limitar-nos humanamente. Na prática, nega que o limite faça parte intrínseca da nossa realidade. Sempre, tarde ou cedo, impõe-se na nossa existência. De facto, esta postura ignora uma evidência: há pessoas que não conseguem superar diferentes situações limite. Ignoram-nas como prova evidente da falsidade de uma premissa que oculta o desejo secreto de negar a nossa condição finita porque é uma condição criada. Fica, assim, negada a realidade de numerosas pessoas, isoladas na solidão do sofrimento e até dos próprios serviços sociais. Infelizmente está-se a negar também a nossa própria humanidade, cuja grandeza não emerge da negação dos seus limites mas, do desejo de infinito que deles emerge.

<sup>2</sup> A título de exemplo, proponho a leitura de um artigo, dos que encontrei na pesquisa sobre o significado actual de “limite”: ISABEL GARCÍA MÉNDEZ, “Atención al cliente en situaciones límite: cómo reaccionar frente a siete escenarios críticos en los que tu empresa se juega su imagen y la pérdida de clientes” en: *Emprendedores: las claves de la economía y el éxito profesional*, nº 127 (2004), 38-42.

Quem nunca ouviu falar de uma morte por cancro em termos de “desistiu” ou “perdeu a batalha”? Quem nunca testemunhou respostas à dor de alguém em termos de “tens que superá-la” (como se fosse um imperativo ético!) ou “tens que mudar de atitude” (como se fosse tão simples como escolher uma sobremesa)? Poderíamos continuar a apresentar exemplos que universalizam esta dificuldade em aceitar e conviver com a nossa limitação intrínseca e a da nossa realidade, com a sua inevitável experiência do limite.

## 2. Seres de limites, seres no limite

O ser humano é um ser de limites e ele mesmo existe no limite entre a imanência e a transcendência<sup>3</sup>. A nossa humanidade vive e desdobra-se na tensão entre ambas. Enquanto a cultura nos convida a “reinventar-nos”, a sermos diferentes e, no fundo, a negar o que somos, as situações limite permitem-nos descobrir que é aí, no limite, o lugar onde nos tornamos plenamente conscientes desta tensão. Portanto, será um momento único para fazer a experiência do nosso chamamento e vocação profunda à vida, à plenitude, à transcendência que parece negada nas situações limite.

Sem esta convicção que nasce tanto de uma visão antropológica como de uma certeza de fé, corremos o risco de ver esta realidade inexorável como uma condenação ou, pelo contrário, de fugir dela. Da consciência à ilusão de acreditar em deuses, encontramos inúmeras formas de escapar tragicamente daquilo que faz parte da nossa própria condição humana.

Em síntese, trata-se de compreender que, do mesmo modo que estamos condenados a conviver com a nossa limitação - sem a qual nunca viveríamos “situações limite” - somente a partir da sua radicalidade é que encontramos a profundidade da nossa vocação ao infinito, à Transcendência. Sem este horizonte, nem a negação nem a esperança seriam possíveis.

<sup>3</sup> O homem apercebe-se dos seus próprios limites quando se situa diante do mundo como um todo que, por sua vez, o envolve no seu estar-aí, e diante da transcendência, como poder (*Macht*) envolvente, que leva a existência a sentir-se um presente para si mesma (...) Diante do envolvente no qual somos (mundo e transcendência) desaparece o envolvente diminuto que somos (estar aí, consciência em geral, espírito, existência). ” JUAN FERNANDO SELLÉS, *Propuestas antropológicas del siglo XX* (I)<sup>2</sup>, EUNSA 2006, p. 35.

### 2.1. *Significados da situação limite*

Um dos filósofos que abordou directamente este tema, Karl Jaspers<sup>4</sup>, fala-nos de quatro situações limite como intensificação do conflito e da crise que a experiência do limite introduz na nossa vida. Trata-se da morte, do sofrimento, da luta e da culpa. De alguma forma, podemos aceitar que englobam na sua descrição a grande variedade de experiências do limite para o ser humano. Ao mesmo tempo, a sua condição inexorável e até, às vezes, necessária, obrigam-nos a escolher entre assumir a realidade, a nossa realidade, ou entrar em caminhos sem saída, como referimos anteriormente.

Eles têm, além do seu significado pessoal, uma particularidade: podemos vivê-lo na primeira pessoa e, muitas outras vezes, como experiência do outro. Aqui também a presença é inevitável e a indiferença, que pode atingir graus verdadeiramente desumanos e destrutivos, aparece só como uma tentativa vã de evitá-la. Este tipo de respostas podem dar-se de modos muito subtis, mas provocam sempre uma degradação do ser humano.

Fecharmo-nos ao irmão como forma de evitar o sofrimento será sempre criar-lhe uma nova ferida e com ela, a nossa desumanização. Nomeadamente, desde o cristianismo, poderíamos acrescentar que, quando nos negamos a responder ao “onde está o teu irmão?”, afirmamos a nossa negação de sermos filhos. Pelo contrário, o mais pequeno gesto de aproximação e misericórdia nestas circunstâncias pode converter-se numa luz de esperança, consolação e alívio, ternura e humanidade.

Esta perspectiva torna-se mais interessante quando a olhamos de forma complementar à de autores como Paulo Freire<sup>5</sup>. Associa as situações limite à opressão da história e à experiência dos pobres e oprimidos. Por esse facto, são fruto da nossa liberdade e acção, reivindicando por isso uma resposta histórica de justiça e humanização. Se desde o ponto de vista individual surgia o convite a procurar a plenitude desde a aceitação e do transcender-se, desde a perspectiva

<sup>4</sup> CF. KARL JASPERS, *Filosofia* vol. I, Madrid 1958. Outro filósofo especialmente interessado nas situações limite, Jean Lacroix, condensou-as, por sua vez, como fracasso e culpa.

<sup>5</sup> PAULO FREIRE, *Pedagogia del oprimido*, Madrid 2012.

histórica abre-se a novas formas de humanização históricas e sociais, como um sonho possível para todos.

Com o olhar da fé, poderíamos acrescentar que se trata de ir um pouco mais além do abrir-se à dor do próximo. Trata-se agora de *avizinhar-se*, fazer-se próximo e vizinho, de quem não me afecta senão em virtude de uma consciência solidária, fraterna e universal. As situações limite que acontecem nas fronteiras da história transformam-se em encontro com o Cristo ferido e, por sua vez, samaritano. Será um sofrimento acrescentado, dirão alguns, mas também é um sofrimento que engrandece o coração num movimento de transcendência incomparável.

## 2.2. *Horizontes de esperança*

As diferentes perspectivas que sucintamente apresentamos convergem numa paradoxal manifestação de esperança desde o desmoronamento e o fracasso<sup>6</sup>. “O problema do fracasso é o do sentido global da existência humana e é a isto que quer dar resposta a esperança que, ‘não procura os resultados exteriores mas sim a plena realização da pessoa’”<sup>7</sup>. Esperança e sentido emergem do interior das situações limite como um novo horizonte para o ser humano.

Manifestam-nos a nossa existência e a nossa verdade, uma verdade que não apenas nos confronta com o negativo e a finitude, mas nos força a tomar a decisão, a tocar o nosso interior mais profundo. Somos limitados, sim, recordam-nos, e a nossa liberdade é impedida a decidir primeiro se aceita ou não. Uma vez nela, com toda a obscuridade que implica a sua aceitação como algo próprio, podem revelar-nos uma nova profundidade do nosso interior, novas sonoridades da mesma que, longe do sucesso que supostamente anularia os limites, se tornam grandes precisamente na sua pequenez. Trata-se da grandeza do espírito que se abre, agora desde a precariedade

<sup>6</sup> Esta possibilidade de esperança desde o fundo da situação limite encontra-se belamente demonstrada em estudos como o de MARCOS SANTOS GÓMEZ, “En el límite revelador: de la desesperanza a la esperanza”, en: *Daimon, Revista Internacional de Filosofía*, nº 48 2009. Os seus exemplos a partir da literatura de Franz Kafka podem fornecer-nos uma pequena síntese nas seguintes palavras: “Introduz-se totalmente na ferida infligida ao homem contemporâneo, ou seja, é uma busca da sabedoria exactamente onde a doença e o mal causaram estragos e parecem ter triunfado”. *Ib.*, 196.

<sup>7</sup> LUIS ALFONSO ARANGUREN, *Persona y Dios en el pensamiento de Jean Lacroix*, Madrid 2006, 326.

sofrida e abraçada, à alteridade e, finalmente, à suma Alteridade, à Transcendência. Aqui se inscrevem a procura de sentido e a esperança como abertura a um horizonte último, opção pela possibilidade, pela Vida e a sua renovação.

Falar de Deus aqui pode causar a impressão de apelar a uma divindade útil que nos conforta ou nos substitui ou, simplesmente, se preenche com as projecções da nossa sempre dolorosa finitude. Este seria, no fundo, o medo de D. Bonhoeffer e o seu Deus “tapa buracos”. No entanto, acredito que o seu autêntico movimento corre para as margens do Mistério, apenas vislumbrado, absolutamente gratuito que, precisamente por isso, nos fala de confiança, de chamamento e desejo, de afirmação simples de fé. Este mistério, sem dúvida, esclarecer-se-á para sempre na Páscoa quando, depois da cruz e do silêncio radical, possa pronunciar o seu sim definitivo na pessoa do Filho Ressuscitado.

Esta abertura à esperança passa por uma nova aprendizagem que reformula as palavras sempre companheiras da vida humana: passividade e actividade. Agora, a passividade não é um mero sofrimento, mas pode converter-se em acolhimento do que acontece, aceitação da realidade e da minha realidade. A passividade transforma-se, finalmente, num abraço à profundidade do horror que suscita o limite, entrar nesse abismo para descobrir que leva ao Mistério e ao abismo da sua misericórdia, como nos dirá Isabel da Trindade.

A actividade que o acompanha como seu inevitável reverso aparece como a passagem da luta que provoca a não-aceitação ao esforço pela liberdade evangélica, a vida como sinal do Reino, mesmo no declínio. Trata-se de uma actividade transformada em busca de sentido, movimento de transcendência, questionamento espiritual que se abre ao Espírito para que Ele ilumine no seu interior respostas evangélicas.

### **3. A alegria e a sua hermenêutica**

Com este pano de fundo, falta, possivelmente, algo fundamental: saber do que falamos quando dizemos “alegria”. Valham algumas palavras de Anselm Grün a esse propósito que, após uma



exaustiva pesquisa filosófica, psicológica e teológica, não encontrou nada a não ser fadiga e desorientação porque “não podemos tender directamente para a alegria. Tudo o que podemos fazer é tentar viver intensa e criativamente. Então, a alegria aparecerá espontaneamente como uma expressão da vitalidade e da criatividade”<sup>8</sup>.

Talvez algo semelhante possa ser encontrado na nossa cultura, cuja multidão de ofertas não acaba de responder à profunda inquietação do nosso interior, o único lugar onde a alegria pode verdadeiramente brotar. Esta representa o sinal da interioridade que se abre para a vida e nos orienta como guia do caminho espiritual, critério de discernimento da verdade na procura. Sem dúvida, outra alegria que frequentemente ignoramos. Não é prazer, mas desejo que, longe de se encerrar em si mesmo, se volta para o seu objecto, do mesmo modo que a alegria não pode ser encontrada quando se procura por si mesma. “Todo o seu valor residia no objecto cujo desejo era a Alegria. E esse objecto, claramente, não era em absoluto um estado da minha mente ou do meu corpo [...] A Alegria proclamava inexoravelmente: ‘O que tu queres (eu só sou o teu desejo) é outra coisa, fora de ti, nem a ti nem nenhum estado teu’”<sup>9</sup>. Estas palavras, aparentemente misteriosas, indicam-nos o caminho do interior e do espírito que, superada a tentação de se tornar no seu próprio centro e de preencher os seus desejos naquilo que pode dominar e usar, se transforma num voo para o alto.

Tem muitos sucedâneos e, em si mesma, não tem porque excluir o prazer, sendo, no entanto, radicalmente diferentes. Também não podemos confundi-la com o esforço de nos colocarmos impassivelmente diante de situações limite, nem as nossas, nem as que afligem o nosso próximo, à maneira de Epicteto. No entanto, a verdadeira alegria permanece interiormente constante, profunda, serena, ao contrário da euforia e do entusiasmo.

Falamos de uma alegria que fala de plenitude - não perfeição - e de harmonia, de vida que se manifesta no desenvolvimento das próprias possibilidades. Destas, a mais escondida e enganosa, encontra-se na nossa própria condição espiritual. As situações limite forçam-

<sup>8</sup> ANSELM GRÜN, *Recuperar la propia alegría*, Estella 2013, 14.

<sup>9</sup> CLIVE STAPLES LEWIS, *Cautivado por la alegría*, Madrid 2008, 175.

nos a escolher entre a rebeldia que conduz à morte ou a abertura do coração ao horizonte maior do Mistério.

Este dinamismo espiritual significa o oposto a permanecer aprisionado no seu próprio eu, tantas vezes camuflado de esforço ou de vitalidade. Manifesta-se como abertura quotidiana ao que acontece - a salvação acontece sempre “hoje” -, acolhimento do próximo, peregrinação e êxodo interior. Esta alegria, obviamente, é compatível com a dor, com a limitação, com as lágrimas, como quando o arco-íris surge no meio da chuva. Quem a experimentou, compreenderá que falamos de uma alegria em tom de serenidade, de paz, de tranquilidade, de esperança, de consolação, de uma doçura que se encontra num nível mais profundo do que as oscilações da nossa psicologia e das nossas emoções. Alegria espiritual cujos sinais requerem a hermenêutica do Espírito.

#### 4. Enquadramento teológico

Talvez algo tenha sido esclarecido sobre essa estranha associação entre a alegria e as situações limite. As Escrituras também conhecem o dilema que representa a contingência na nossa vida, como um sinal de entendimento e, ao mesmo tempo, convite para uma escolha consciente e determinada.

Assim, o livro da Sabedoria (Sab 2, 5-9) deixa transparecer a melancolia da própria finitude, expressa no apelo a desfrutar o presente como a única solução. No entanto, Lucas encontra a alegria como o sinal distintivo da presença de Cristo Salvador. Ali, onde Ele se faz presente, Boa Nova, brota a alegria que não se pode conter<sup>10</sup>. Por isso, será também uma marca distintiva da comunidade cristã (Act 2, 46-47). Não só é possível a alegria na nossa terra, como a sua força é irreprimível.

A alegria cristã não é um sucedâneo nem uma ideologia, mas a profundidade humana de um acontecimento de graça. A nossa humanidade fala-nos da procura da alegria e da felicidade porque somos

<sup>10</sup> A alegria constitui um dos temas transversais do Evangelho de Lucas. Por isso, aprofundar esse aspecto pode orientar qualquer trabalho rigoroso sobre a teologia de Lucas.

seres chamados à Vida. A partir daqui, a presença do Ressuscitado, a salvação que permeia a nossa história, a vida em comunhão com Cristo e a esperança da vida ressuscitada na plenitude dos tempos (o nosso tempo) são motivos de alegria que só podem ser entendidos a partir da fé. Além disso, Cristo é a alegria de Deus em nós (Flp 4, 4-6).

Falamos de uma alegria que tem múltiplas manifestações. É paz, perseverança, esforço, esperança. É sentido, consolação, fortaleza na luta, coragem no testemunho. É também compromisso, bondade, olhos abertos à realidade, sensibilidade fraterna e samaritana. É perdão e reconciliação, fidelidade, confiança e paciência. É resposta e missão, mesmo nas circunstâncias mais dolorosas e sombrias<sup>11</sup>. Mas o que é efectivamente? Simplesmente, a presença e a acção do Espírito do Ressuscitado, sinal de ressurreição na nossa vida. Ouvimo-lo nas palavras do Papa Paulo VI:

Acontece que, aqui em baixo, a alegria do Reino feita realidade, só pode brotar da celebração conjunta da morte e ressurreição do Senhor. É o paradoxo da condição cristã que esclarece singularmente a da condição humana: nem as provações nem os sofrimentos são eliminados deste mundo, mas adquirem um novo significado perante a certeza de partilharmos a redenção realizada pelo Senhor e de participar da sua glória<sup>12</sup>.

As situações limite, pessoais ou histórico-sociais, podem realmente ser a ocasião de uma nova experiência de Deus, porque são, como poucos, momentos em que tocamos a nossa necessidade de salvação. Por isso, são também a oportunidade única de nos abirmos à presença de Deus e da sua graça, possibilidade de encontro a partir da consciência profunda da nossa própria indigência. Agora, a situação limite transfigura-se em fonte de alegria, alegria crucificada:

A alegria de que falamos refere-se ao sentido último e radical, à experiência global que no cristão provoca – ou deveria provocar – o facto de saber-se na presença de Deus, de sentir

<sup>11</sup> O tema da alegria e da missão, embora não relacionado com situações limite, é amplamente desenvolvido pelo Papa Francisco na *Evangelii Gaudium* (2013). É também uma das questões-chave no documento final da V Conferência Geral do CELAM (2007) em Aparecida.

<sup>12</sup> PABLO VI, *Gaudete in Domino* (1975), nº 28.

a sua própria vida envolvida no mistério insuperável da sua graça amorosa e salvífica<sup>13</sup>.

Persiste, no entanto, a ambiguidade própria do ser humano e, nestas circunstâncias, a atitude religiosa e a oração podem reflectir a insatisfação da indigência e a tentativa desesperada de superá-la no recurso a Deus<sup>14</sup>. No entanto, isso não condena ao fracasso qualquer tentativa de descobrir a presença oculta do Senhor em situações limite. Pelo contrário, intensifica a urgência de ajudar a sua evolução na forma de gratuidade e confiança, abertura da necessidade e do desejo de salvação à sua meta de plenitude, sem limitá-la ao imediato. Voltamos à dialéctica da passividade-actividade: esforço para reconhecer que só pode ser esperado e recebido como dom.

Somente na medida em que sejam confrontadas desde a sua profundidade, em atitude crente e abertos a receber e acolher o amor, essas situações, embora persistam na nossa vida e não eliminemos a dor, aparecem transformadas como parte de uma nova experiência espiritual. Assim o encontramos no Mestre, cuja esperança – e alegria de Filho amado – foi confirmada não apesar da morte, mas através dela.

Além disso, a lógica desta alegria – quer em situações limite ou a alegria que inunda a vida cristã em qualquer situação – tem a lógica do dom<sup>15</sup>: é a experiência de algo recebido que pede para ser partilhado, ampliado, testemunhado e, assim, cresce como sinal da fraternidade do Reino.

A presença salvífica de Deus não opera magicamente a mudança da realidade que saiu ao nosso encontro na forma de uma situação limite, mas transforma o coração do crente que a vive. A experiência de Deus actua, não há dúvida, e torna-se tangível na nossa carne. A confiança e a alegria que gera, potencia uma resiliência compatível

<sup>13</sup> ANDRÉS TORRES QUEIRUGA, *Creo en Dios Padre*. Santander 1986, 179.

<sup>14</sup> Cf. JOSÉ GÓMEZ CAFFARENA, *El enigma y el misterio: una filosofía de la religión*, Madrid 2003, 42.

<sup>15</sup> “O estudo da alegria e da felicidade oferecido pelo cristianismo mostra, por um lado, que a alegria que o cristianismo oferece não tem lugar, não se faz presente, se é procurada como condição para ser cristão e viver como tal; e, por outro lado, que ser cristão, acolher o Deus que nos é revelado em Jesus Cristo, implica para a vida do cristão o dom gratuito, como Deus mesmo é gratuito, da felicidade e das alegrias que essa felicidade derrama sobre essa vida. Uma felicidade que é para o homem a “prova” que Deus dá de si mesmo e da sua Presença no ser humano, e a “verificação” pelo homem de que acolheu essa Presença, cedendo à atracção que ela exerce sobre a vida humana e respondendo ao chamamento que lhe dirige”. JUAN MARTÍN VELASCO, *Vivir la fe a la intemperie*, Madrid 2014, 86-87.

com a fragilidade e, inclusive, com a ruptura interior. A vida do Espírito não é património dos fortes, dos bem-sucedidos. Pelo contrário, é vivida como o paradoxo da (Sua) força na (nossa) fragilidade. Projecta para o futuro, mobiliza uma esperança vigorosa, radical, que convive com a cruz e a frustração das pequenas esperanças que inevitavelmente ocorrem em situações limite. Não é isso o que o próprio Jesus nos mostra no Getsêmani e na cruz?

Finalmente, devemos ter em conta que, frequentemente, a situação limite acaba por ser o lugar do silêncio de Deus e, talvez também, de protesto. Às vezes, temos esse silêncio, ignorando que somente nele se pode manifestar a acção do Espírito à margem dos nossos critérios e das nossas acções. O silêncio de Deus é presença intensa, crisol de confiança e esperança do dom e da sua alegria.

## 5. À maneira de conclusão

Uma das imagens gráficas que melhor podem sintetizar as ideias que fomos percorrendo é, na minha opinião, o Cristo de Javier (século XIII). O rosto deste crucificado é iluminado por um sorriso suave e enigmático. Sem dúvida, é uma imagem para contemplar. Nela, as pegadas da morte - a situação limite paradigmática para o ser humano - não deixam espaço para o trágico. Pelo contrário, o seu rosto sereno e gesto harmonioso evocam o Cristo vitorioso no trono da cruz, o Cristo joanino.

O seu sorriso fala-nos da alegria da ressurreição, a certeza e o abandono daqueles que sabem que são mantidos pela mão amorosa do Pai por detrás dos madeiros da tortura. O ponto culminante da sua entrega ao Pai, o seu amor até ao extremo, crucificado, mostra a sua doação como um caminho de alegria que atravessa a morte porque, antes de tudo, é atravessada pelo amor. O sorriso do Crucificado também nos fala de uma constatação: a alegria está oculta na cruz que permanece elevada enquanto tantas pessoas nela estão suspensas. A cruz permanece, sim, mas é ao mesmo tempo um sinal de vida e ressurreição, porque o amor de Deus vence toda a morte e todo o mal. E continua Crucificado, mas sempre ressuscitado.

## **“A EXPERIÊNCIA FUNDANTE DE AMAR E SER AMADO”<sup>1</sup>**

PAULO DOS SANTOS

A experiência de Amar e Ser Amado é o fundamento mais importante do desenvolvimento biopsicossocial e religioso dos Seres Humanos! A famosa experiência do Dr. Harlow com o macaquinho órfão prova isso mesmo, o macaquinho perante a mãe de arame que lhe dava leite e a mãe de peluche que lhe dava afecto abraçando-se a ela, ele preferia passar a maior parte do tempo com a mãe de peluche, e quando sentia medo corria para a mãe de peluche e não para a mãe de arame, pelo que chegou à conclusão que o afecto/amor era mais importante e securizante para ele do que o próprio alimento. Na sociedade ocidental actual, assistimos cada vez mais à desvalorização da importância do amar e ser amado, porque até o Amor se vai tornando num sentimento descartável, há uma preocupação em estar conectado, estar online, estar na rede etc, mas as pessoas continuam sós, na solidão, preferem o isolamento ao deslocarem-se até ao Outro, preferem o teclado ao toque real no Outro, preferem a foto em vez da experiência real do estar e do amar o Outro. Não há uma verdadeira relação de entrega pessoal, porque o amar e ser amado passa pela entrega recíproca pelo bem do Outro. Actualmente a nossa sociedade emoldurou as emoções em pequenos ecrãs, acabando por

<sup>1</sup> Conferência proferida por Paulo dos Santos, psicólogo clínico, no VII Congresso de Espiritualidade, “As fontes da Alegria”, no dia 19 de Outubro de 2019 às 18:30 horas.

envidraçar os sentimentos, transformando-os em emojis de todo o tipo, que se enviam e se recebem, valendo mais a quantidade do que a qualidade, para expressar a intensidade dos mesmos! No entanto as relações ‘in vitro’, aquelas que acontecem apenas pela janela de uma rede social ou por detrás do vidro de um ecrã, torna-nos reféns de um objecto, que apesar de nos conectar aos Outros, não nos liga a Eles, porque a verdadeira relação precisa do vínculo real que inclui o toque, o cheiro, a presença, o olhar, as emoções e os sentimentos partilhados ao vivo. Por isso, ver, ler ou escrever um abraço não é a mesma coisa que ser abraçado ou abraçar, porque o vínculo, tal como o abraço, o afecto e o amor, não se escrevem, não se lêem, nem se vêem, vivem-se e sentem-se realmente com o Outro! O maior remédio de todos é o AMOR! O verdadeiro amor é sanador, cura! Ele está embalado nalgumas palavras, esculpido nalguns gestos e escondido em todos os corações. Quem o tira da embalagem das palavras, quem o expressa pelos gestos e quem o encontra dentro do seu coração e o dá, é o Ser Humano mais completo e perfeito, porque quem o deixa embalado nos pensamentos, esculpido apenas nas intenções e escondido debaixo do egoísmo, sem o doar aos Outros, acaba por se transformar numa embalagem vazia, numa escultura fria e sobretudo num Ser Humano com o coração de pedra.

A Relação com Deus, comigo e com os Outros é única, é um espaço espiritual, sagrado, onde partilhamos o AMOR que nasce dentro de nós, como se fosse uma nascente de vida que deixamos correr, com a espuma da **alegria** e a brancura da paz! Não podemos isolar o **AMOR** numa ilha, ele precisa de pontes que ligam as minhas margens às margens dos Outros, precisa de gestos para se expressar e de ações para se concretizar. A Relação com base no AMOR, não conhece o rancor, a ira, o escárnio, a humilhação, a vaidade, a luxúria e outros males do nosso mundo! É uma **RELAÇÃO** que promove infinitamente o bem estar dos Outros, sem pensar em mim, é um esquecer-se para estar em constante entrega ao serviço dos Outros! Por isso o verdadeiro AMOR exige sacrifícios, privações, mas sempre confiantes em DEUS que nos ama infinitamente e morre a cada

instante por nós! O AMOR NÃO SE VENDE, NÃO SE COMPRA, NÃO SE EMPRESTA, NÃO SE COBRA, NÃO SE PEDE...

É UM DOM QUE NOS É DADO E POR ISSO DÁ-SE! Ele é SERVIÇO

A minha relação de AMOR só Se concretiza com os Outros e para os Outros a partir do cuidar e do servir !

Somos Seres amados por Deus, pelos Outros e também podemos amar, a nascente do nosso amor nunca secará, se ela se mantiver ligada ao grande rio de Deus, evitando sempre os lixos do pecado, que me impedem de receber a água cristalina do amor de Deus!

**A MAIOR FONTE DE ALEGRIA É O AMOR,  
E SE DEUS É AMOR,  
DEUS É A MAIOR FONTE DE ALEGRIA!**

## A experiência fundante de AMAR E SER AMADO



Paulo dos Santos (psicólogo clínico)



## VIDA

" Deram-nos uma VIDA completamente grátis, não a podemos vender nem emprestar a ninguém, muito menos repeti-la! Nunca mais receberemos um presente igual, tão valioso, finito, único e frágil! Assim, temos nas nossas mãos a única e mais valiosa oportunidade de Viver, com urgência e intensidade, a VIDA que nos resta, sem desperdícios, usando-a sempre de forma positiva para fazer o BEM!"

Paulo dos Santos

## A RELAÇÃO

RELACION(AR-TE) !

"A relação interpessoal não é uma simples troca de gestos ou palavras, entre duas ou mais pessoas, nela circulam, ao mesmo tempo, afectos, humores, sentimentos, comportamentos, o passado, o presente, o futuro, as expectativas, os valores humanos, os interesses, as crenças, os traços de personalidade, os mecanismos de defesa psicológicos, o contexto, o ambiente, a cultura, a religião, a educação, a psicopatologia presente ou potencial, o nível de inteligência racional e emocional, os preconceitos, os conhecimentos e a sabedoria.

Agora imagine todas estas variáveis em relação com as do seu interlocutor ou de um grupo de pessoas maior, como a família, ou o grupo de colegas de trabalho, é sem dúvida um edifício relacional de vários níveis, cuja arquitectura é complexa e está em constante construção, exigindo uma adaptação constante dos seus intervenientes à mudança dos contextos, aos muros que se levantam ou se derrubam, às divisões que se criam ou se eliminam, às fachadas que se pintam com verdades ou com mentiras, às portas que se fecham ou se abrem, às janelas que é preciso abrir ou fechar para ventilar a relação.

De facto as relações humanas são uma verdadeira arte sempre em evolução, por isso temos Pessoas que se relacionam de forma muito arcaica, egocêntrica, primária, rude, e temos Outras que são verdadeiros artistas na forma como se relacionam, de forma empática, humanizante, compreensiva, tolerante, altruísta, respeitando as diferenças, tentando conjugar tudo como se fossem cores, evitando que a relação se transforme numa mancha ou num borrão."

Paulo dos Santos

## A RELAÇÃO

Relações 'in vitro' " Actualmente a nossa sociedade emoldurou as emoções em pequenos ecrãs, acabando por envidraçar os sentimentos, transformando-os em emojis de todo o tipo, que se enviam e se recebem, valendo mais a quantidade do que a qualidade, para expressar a intensidade dos mesmos! No entanto as relações 'in vitro', aquelas que acontecem apenas pela janela de uma rede social ou por detrás do vidro de um ecrã, torna-nos reféns de um objecto, que apesar de nos conectar aos Outros, não nos liga a Eles, porque a verdadeira relação precisa do vínculo real que inclui o toque, o cheiro, a presença, o olhar, as emoções e os sentimentos partilhados ao vivo. Por isso, ver, ler ou escrever um abraço não é a mesma coisa que ser abraçado ou abraçar, porque o vínculo, tal como o abraço e o afecto, não se escreve, não se lê, nem se vê, vive-se e sente-se realmente com o Outro! "

Paulo dos Santos



## A RELAÇÃO

"A RELAÇÃO HUMANA é o fio condutor que me liga aos outros, por ele envio a minha energia afectiva e por ele recebo a energia afectiva dos Outros, por ele me dou a conhecer e conheço os Outros! A primeira vez que me relacionei usei o cordão umbilical, foi uma experiência vital e única de felicidade total, garantida durante um tempo. Depois nasci e usei a pele, o olhar, o cheiro, a voz para chegar até aos outros. A experiência continuou e continua a ser única e vital, mas a felicidade já não é contínua, nem garantida... porque o colo, o olhar, o abraço, o beijo, o aperto de mão, a carícia, as palavras e a satisfação dos desejos podem não acontecer, porque a qualidade do nosso fio condutor e a sua capacidade de transmissão afectiva pode estar danificada, presa só pelo pólo negativo, provocando choques em mim e nos Outros, dando origem a curto-circuitos afectivos e até a um apagão relacional comigo e com os outros! Por isso devo cuidar do estado da minha ligação comigo e com os Outros, dando cada vez mais importância ao pólo positivo, evitando os choques, as perdas de energia e os apagões relacionais, para que a minha vida e a dos Outros continue iluminada!"

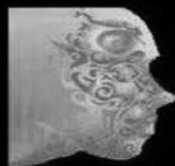
Paulo dos Santos



# RELAÇÕES HUMANAS

"As Relações Humanas podem salvar, podem adoecer e podem matar, tudo depende do modo como nos relacionamos, por isso a Relação Interpessoal, para além de toda a sabedoria é uma arte que nos cura, nos magoa ou nos marginaliza! Se não gostamos do que estamos a receber, pensemos também naquilo que estamos a emitir!"

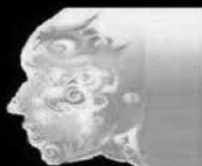
Paulo dos Santos



O EGO

- MEU
- SEPARAÇÃO
- CULPA
- HOSTILIDADE
- RESENTIMENTO
- ORGULHO
- RECLAMAÇÃO
- INVEJA
- RAIVA
- FORÇA
- MATERIALISMO
- LOUCURA
- GUERRA
- FRIEZA
- INTOLERÂNCIA
- EGOÍSMO
- MANTER A POSE
- NEGA-SE

Vs



O EU VERDADEIRO

- NOSSO
- UNIÃO
- COMPREENSÃO
- AMIZADE
- PERDÃO
- COMPAIXÃO
- GRATIDÃO
- COOPERAÇÃO
- SATISFAÇÃO
- HUMILDADE
- ESPIRITUALISMO
- SABEDORIA
- PAZ
- SIMPATIA
- ACEITAÇÃO
- ALTRUISMO
- SER CONTENTE
- ACEITA-SE

/PadrinhoVejacl

# AMOR

"O maior remédio de todos é o AMOR! Ele está embalado nalgumas palavras, esculpido nalguns gestos e escondido em todos os corações. Quem o tira da embalagem das palavras, quem o expressa pelos gestos e quem o encontra dentro do seu coração e o dá, é o Ser Humano mais completo e perfeito, porque quem o deixa embalado nos pensamentos, esculpido apenas nas intenções e escondido debaixo do egoísmo, sem o doar aos Outros, acaba por se transformar numa embalagem vazia, numa escultura fria e sobretudo num Ser Humano com o coração de pedra!"

Paulo dos Santos





## AMAR

"AMAR é abraçar constantemente com o pensamento, contemplar cegamente, sentir sem sentidos, deixar voar os sentimentos e as emoções, cá e lá, sem os prender pela razão! É deixar invadir a alma pelo coração, deixando que se fundam, no mesmo instante! É ter os pés na terra e sentir-se no céu, é sentir o coração a imaginar as pulsações da alma e deixar fluir o tempo de entrega mútua sem condições... infinitamente até à felicidade e eternamente enquanto existir...! Por isso nenhum verbo do bem e do belo definem tão profundo e rico sentimento, porque não cabe em nenhum verbo, em nenhuma palavra, em nenhum tempo... é onnipresente, onnisciente, onnipotente e eternamente infinito, enquanto existir! "

Paulo dos Santos

## AFFECTOS

“ O afecto nunca pode ser sentido como uma dívida, porque o afecto é uma dádiva! Por isso o afecto não se cobra, não tem preço, não serve de moeda de troca, dá-se simplesmente sem esperar nada de volta, apenas uma dádiva! Se esperamos o retorno deixa de ser uma dádiva e passo a contrair uma dívida, deixa de ser puro e passa a ser intencional, uma moeda de troca, com um preço que temos que pagar por ter recebido, ou seja, fica afectivamente endividado, porque tem de pagar ou porque não recebeu! Alguém sabe o preço de um beijo ou de um abraço? Eu não sei, porque nunca fui um negociante de afectos, nunca os vendi nem os fiei, sempre os dei!”

Paulo dos Santos

## AFFECTOS

" Afectivamente todos nós somos afectados pela presença ou pela ausência dos afectos, pela quantidade e sobretudo pela qualidade dos mesmos! Na infância ele é um verdadeiro corrimão onde se agarram as inseguranças e os medos, mas também um autêntico trampolim da autoestima e da autoconfiança! O afecto é uma escada sem fim, onde cada degrau se constrói com vivências significativas de partilha com os Outros, que nos ajudam a subir mais na nossa realização pessoal e na felicidade! Por isso vivências insignificantes, afectivamente negativas, contribuirão para uma escada perigosa, com falsos degraus, com a qual se torna mais difícil a realização pessoal, deixando marcas negativas no desenvolvimento pessoal! Deste modo, os pais e educadores devem saber que o afecto não se dá com conta-gotas, não se compensa com valores materiais, não se compra, nem se empresta, dá-se! Ele não funciona em regime part-time, muito menos se liga ou desliga como se tivesse interruptor, porque o verdadeiro afecto não tem interruptores, deve ser uma corrente contínua, em full-time, como aquelas luzes de presença, está sempre lá, sobretudo quando tudo se apaga ou desliga, permanece!"

Paulo dos Santos

## A EMPATIA E SIMPATIA

" A Empatia e a Simpatia são duas irmãs que nasceram da relação entre a Necessidade e o Amor. A Empatia é tão solidária que consegue vestir-se com o sofrimento dos Outros, mete-se na pele deles e tenta aliviar-lhes o sofrimento com ações reais, usando como ferramenta a inteligência emocional, as mãos e as obras concretas para dar resposta. A Simpatia usa mais o olhar, o sorriso, a carícia e as palavras doces, como meios para ajudar. Gosta de se mostrar solidária, mas não é tão profunda na doação e na dedicação como a sua irmã, apostando mais na humanização da relação, do sofrimento e das necessidades dos Outros. No entanto, elas moram dentro de nós, e quem lhes abre a porta e as deixa sair para agir, com mais ou menos profundidade, somos Nós!"

Paulo dos Santos

# FAMÍLIA

"A FAMÍLIA é o cais onde amarro as minhas inseguranças, o porto onde me abrigo dos temporais da vida, o estaleiro onde reparo as minhas falhas e onde me encho de afeto. Nasci dela, como um navio pronto a navegar pelo mundo, mas nela atraco, sempre que volto vazio de afetos e carregado de saudades. Nela prendo a minha âncora desejosa de terra firme, e o porão da solidão é carregado de amor e o da tristeza é invadido por uma onda de alegria. A FAMÍLIA é a tripulação do meu navio, mesmo que não embarque comigo, ela vai sempre lá!"

Paulo dos Santos



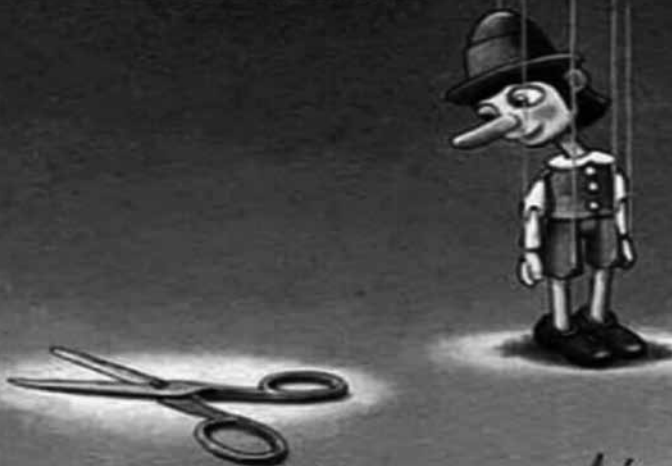


## Sociedade digitalizada

“ A nossa sociedade actual está a mergulhar vertiginosamente no abismo envidraçado, onde os Outros, que aparecem por detrás de um qualquer ecrã, são mais prioritários, importantes e apetecíveis que os Outros que tenho ao meu lado. É uma sociedade onde o toque real, a conversa, o abraço e o beijo é substituído pelo toque digital, digitalizando tudo, até os próprios sentimentos e a própria (in)felicidade. Os olhares reais dão lugar aos olhares vítreos e frios escondidos num ecrã. A nossa sociedade está a transformar as Relações Interpessoais Reais em Relações Impessoais ‘in vitro’, cada vez mais importantes, mas ao mesmo tempo mais isolantes, fictícias, viciantes, egocêntricas, efémeras, fúteis, frustrantes e doentias! Transformamos as pessoas em perfis, sentimentos em ‘emojis’ e as relações em ‘connects’, adicionamos amigos como se fosse açúcar, ou então removemos como se fosse um objecto sem história, perdemos assim o melhor tempo das nossas vidas, vivendo-a através de um ecrã, através do qual formatamos a nossa vida!”

Paulo dos Santos

O que te  
**Prende?**



## Egoísmo

" O Egoísmo é uma bomba silenciosa que destrói qualquer tipo de relação humana, porque o egoísta não faz pontes para chegar ao Outro, prefere ignorar a outra margem, atolado na corrente paralisante do seu doentio comodismo, ficando eternamente à espera que o sirvam! Vive para ser servido e nunca para servir! O egoísmo é um autêntico sismo relacional, porque ele derruba pontes, fractura caminhos, afasta as pessoas, e, lentamente, mata as relações!"

Paulo dos Santos

Deus é  
AMOR

## ALTRUÍSMO

- "Tenho dois olhos no meu rosto, mas não o vejo directamente, quem o vê são os Outros! O meu nome não foi escolhido por mim, mas sim pelos Outros! Os Outros pensaram em mim, desejaram-me, fizeram-me pessoa, viram-me nascer, alimentaram-me, vestiram-me, amaram-me, transmitiram-me conhecimentos, educaram-me e ainda continuam a investir em mim, dependendo em quase tudo dos Outros, até o código genético veio dos Outros! Os Outros foram os primeiros e serão os últimos a ver-me. Deste modo não faz sentido ser egocêntrico, com atitudes de puro egoísmo, cinismo, avareza, inveja e prepotência, porque se existimos é devido ao ALTRUÍSMO dos OUTROS! Ser Altruísta, sobretudo com acções, pensando nos Outros, ser solidário com eles, praticando a empatia, sem esperar o retorno, porque a Felicidade que sentimos em dar é infinitamente maior do que a felicidade que sentimos ao receber!"
- Paulo dos Santos

## GRATIDÃO

"Ser Grato é uma atitude que revela o nível de maturidade do Ser Humano, a capacidade de reconhecer e valorizar o bem, por mais insignificante que seja, porque a gratidão é um obrigado sem princípio e sem fim, sem tamanho e sem peso, sem trocas e sem preço. Por isso havia um homem que chorava porque não tinha sapatos, mas, na mesma rua, esse homem viu uma criança rir-se com grande felicidade e reparou que ela não tinha pés! A partir desse momento achou-se o homem mais ingrato do mundo...!"

Paulo dos Santos

# HUMILDADE

" A Humildade é a virtude mais inteligente do Ser Humano, porque um Ser Humano Humilde, mesmo sabendo muito, acha-se mais ignorante que sábio, por isso quer aprender sempre mais! A Humildade é a virtude mais pacífica, porque um Ser Humano Humilde é por natureza um promotor da paz e do entendimento! A Humildade é a virtude mais grandiosa do ser Humano, porque é ela que sustenta e promove a grandeza de todas as virtudes, elevando de forma sublime a essência do Ser Humano!"

Paulo dos Santos



## SIMPLICIDADE

"Uma das virtudes do Ser Humano é a SIMPLICIDADE, ser SIMPLES não é ser simplório, porque a verdadeira simplicidade é um ingrediente da arte mais bela, é um traço sublime, elegante, genuíno, frágil, mas ao mesmo tempo majestoso, que se eleva como uma pena, sem excessos, sem futilidades, sem complicações! Flui do Ser de modo original, faz parte da sua essência sem adições, sem vaidade e sem exibicionismos. Ser SIMPLES é uma virtude muito original, inata, não se treina, porque querer Ser Simples sem nunca o ter sido, acaba por destruir a originalidade e deixa de ser genuína, e mais uma vez estamos a complicar a própria Simplicidade."

Paulo dos Santos

## DESPRENDIMENTO

"A nossa vida é um autêntico empréstimo, porque se repararem nada é nosso, tudo nos pode ser tirado em segundos, até o ar que respiramos não pode ser guardado, se o fizermos morreremos! Viver a vida como algo garantido é uma ilusão, viver agarrado ao efêmero como se fosse eterno, querendo cada vez mais, controlando cada vez mais, possuindo o máximo, com uma atitude de ganância, é uma autêntica escravidão. Apegar-se ao efêmero, acumulando cada vez mais, é uma atitude que nos esvazia o Ser. Assumir uma atitude de desprendimento, desapego, partilhando cada vez mais, é uma atitude que nos torna mais felizes, a única que nos enche o Ser. Por isso devemos viver de forma desprendida, com enorme gratidão, com base no Ser e não no Ter."

Paulo dos Santos



## ALEGRIA

"A minha ALEGRIA está sempre à espera que eu abra uma janela, sem vidros e sem cortinas, para se empoleirar e alegrar quem passa! Quando não o faço, ela fica triste, e eu também!" Paulo dos Santos



*Quem possui o amor de Deus,  
nele encontra alegria!*

## A FONTE DO AMOR



BROTA DE DEUS E  
NASCE NO NOSSO  
CORAÇÃO PARA  
SERVIR DANDO VIDA  
AOS OUTROS COM  
**ALEGRIA**

## reflexão

“A Relação com Deus, comigo e com os Outros é única, é um espaço espiritual, sagrado, onde partilhamos o AMOR que nasce dentro de nós, como se fosse uma nascente de vida que deixamos correr, com a espuma da **alegria** e a brancura da paz! Não podemos isolar o **AMOR** numa ilha, ele precisa de pontes que ligam as minhas margens às margens dos Outros, precisa de gestos para se expressar e de ações para se concretizar” Paulo dos Santos

## A FONTE DO AMOR

- O SEU LEITO É A NOSSA RELAÇÃO COM DEUS, COMIGO E COM OS OUTROS, E É LÁ QUE ELA GANHA CORRENTE E TRANSBORDA AS MARGENS DE SI AFECTANDO TODOS COM MUITA

**ALEGRIA**





## Reflexão

“A Relação com base no AMOR, não conhece o rancor, a ira, o escárnio, a humilhação, a vaidade, a luxúria e outros males do nosso mundo! É uma RELAÇÃO que promove infinitamente o bem estar dos Outros, sem pensar em mim, é um esquecer-se para estar em constante entrega ao serviço dos Outros! Por isso o verdadeiro AMOR exige sacrifícios, privações, mas sempre confiantes em DEUS que nos ama infinitamente!” Paulo dos Santos

## A FONTE DO AMOR

ELA É GRATUITA

O AMOR NÃO SE VENDE, NÃO  
SE COMPRA, NÃO SE  
EMPRESTA, NÃO SE  
COBRA, NÃO SE PEDE...  
É UM DOM QUE NOS É DADO E  
POR ISSO

**DÁ-SE!**



## A FONTE DO AMOR

Ela é SERVIÇO  
A minha relação  
de AMOR só  
Se concretiza com  
os Outros  
e para os Outros  
a partir do cuidar  
do servir



## A FONTE DO AMOR

É COMUNHÃO  
O AMOR CONCRETIZA-SE  
NA ENTREGA RECÍPROCA  
NA SOLIDARIEDADE  
NA FRATERNIDADE  
NA PARTILHA  
NA UNIÃO



## A FONTE DO AMOR

É de  
CONFIANÇA  
Uma relação  
de Amor  
Existe porque  
acreditamos  
Temos fé



## A FONTE DO AMOR

É PERDÃO!  
Perdoar não é  
Fraqueza, nem  
É perder, perdoar  
É uma atitude de amor  
Profundo, tanto **alegra** quem  
Recebe o perdão como quem o concede!



## A FONTE DE AMOR

MATA A SEDE DE

- ALEGRIA
- JUSTIÇA
- VERDADE
- TRANSPARÊNCIA
- HUMANIDADE
- PERDÃO



## A FONTE DO AMOR

ELA É INESGOTÁVEL

ELA É INFINITA

ELA É ETERNA

ELA É **DIVINA**

A FONTE DO AMOR

# ALEGRA-TE!

“Somos Seres amados por Deus, pelos Outros e também podemos amar, a nascente do nosso amor nunca secará, se ela se mantiver ligada ao grande rio de Deus, evitando sempre os lixos do pecado, que me impedem de receber a água cristalina do amor de Deus”

Paulo dos Santos



A MAIOR FONTE DE ALEGRIA É  
O AMOR, E SE DEUS É AMOR,  
DEUS É A MAIOR FONTE DE  
ALEGRIA!

Paulo dos  
Santos

AMAI-VOS UNS AOS OUTROS  
COMO EU VOS AMEI!  
OBRIGADO!

[https://www.youtube.com/watch?v=80UJK1\\_LFcg/](https://www.youtube.com/watch?v=80UJK1_LFcg/)

## A BELEZA CONTEMPLADA PELO OLHAR DE S. JOÃO DA CRUZ <sup>1</sup>

JOÃO RICARDO COSTA REGO

*“O mundo em que vivemos tem necessidade de beleza para não cair no desespero. A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens, é este fruto precioso que resiste ao passar do tempo, que une as gerações e as faz comungar na admiração”<sup>2</sup>.*

PAPA PAULO VI

Se no nosso espírito tinha surgido a pergunta sobre a relação entre o tema deste congresso e o tema da beleza, creio que as palavras do Papa Paulo VI nos dão a resposta: *“A beleza, como a verdade, é a que traz alegria ao coração dos homens”*.

A época em que vivemos, designada por muitos como a pós-modernidade, redescobriu a *“via da beleza”*. Constatamos hoje uma procura da beleza nas mais diversas formas, também na teologia e na pastoral da Igreja.

A época anterior, “chamada modernidade, é caracterizada pela «razão forte», absoluta, e pela utopia: a época em que a razão moderna pensava ter compreendido tudo e em que a vontade de poder das ideologias pretendia impor à realidade, complexa e dramática, a totalidade clara e sem sombras da ideia, a aspiração utópica de um «reino do homem» perfeito. Nesta ambição, não restava lugar para a beleza,

<sup>1</sup> Conferência proferida por João Ricardo Costa Rego, no VII Congresso de Espiritualidade, “As fontes da Alegria”, no dia 20 de Outubro de 2019 às 10:00 horas.

<sup>2</sup> PAULO VI, *Mensagem aos artistas na conclusão do Concílio Vaticano II*, 8 de Dezembro de 1965, AAS 58 (1966).

porque não pode haver lugar para ela onde não se reconheça o que está mais para além da realidade, o indizível, o inefável, o mistério”<sup>3</sup>.

A época actual, chamada pós-modernidade, “é caracterizada pela razão débil e pelo desencanto em que a visão totalitária da razão cedeu lugar a uma visão fragmentada, a massificação das ideologias deu lugar à multidão de solidões. Nesta cultura niilista, do vazio de verdades e valores universais, de suspeita em relação a todos os grandes horizontes de sentido, só a beleza pode oferecer-se como via de encontro com aquilo pelo qual valha a pena viver e viver juntos, com aquilo que seja capaz de vencer a dor e a morte e dar esperança à vida”<sup>4</sup> e trazer a verdadeira alegria, acrescentaria eu.

“*A beleza salvará o mundo*”. Recordemos o momento em que esta ideia aparece no romance de Dostoiévsky, “*O idiota*”: o autor “põe nos lábios do ateu Hipólito a seguinte pergunta ao príncipe Miskin: «É verdade, príncipe, que disseste, um dia, que a beleza salvará o mundo? Senhores – gritou forte para todos -, o príncipe afirma que o mundo será salvo pela beleza... Que beleza salvará o mundo? O príncipe fez silêncio...»”<sup>5</sup>. Fiquemos com a pergunta: “Que beleza salvará o mundo?”. Podemos ainda perguntar: Que beleza pode trazer a alegria ao coração do ser humano? Qualquer beleza?

## A BELEZA HOJE

Em vez de procurarmos uma definição de beleza, tentemos fazer uma breve aproximação à forma como nos nossos dias é entendida e vivida a beleza. Vivemos num mundo onde a dimensão estética adquiriu uma enorme importância em todos os âmbitos da vida, talvez como nunca antes tenha acontecido ao longo da História. Assistimos, nas palavras do filósofo Gilles Lipovetsky, a uma verdadeira “esteti-

<sup>3</sup> A. MARTO, “O Cristianismo fonte de uma cultura de Beleza”, em *O Evangelho da Beleza*, Prior Velho, Paulinas Editora, 2012, p. 10.

<sup>4</sup> *Ibidem*, p. 12.

<sup>5</sup> *Ibidem*, pp. 14-15.

zação da vida quotidiana” onde tudo, até o objecto mais simples do quotidiano, deve ser estético. “Nas indústrias do consumo, o *design*, a moda, a publicidade, a decoração, o cinema, o *show business* criam em massa produtos plenos de sedução, veiculam afectos e sensibilidade, construindo um universo estético prolífico e heterogéneo (...). Com a estetização da economia, vivemos num mundo marcado pela abundância de estilos, de *design*, de imagens, de narrações, de paisagismo, de espectáculos, de músicas, de produtos cosméticos, de lugares turísticos, de museus e de exposições”<sup>6</sup>.

Efectivamente, olhando à nossa volta, devemos reconhecer esse “modo de vida estético de massas”<sup>7</sup> na sociedade em que vivemos, caracterizado por “uma vida voltada para o prazer dos sentidos e das imagens, para o prazer da música e da natureza, das sensações do corpo, do jogo das aparências, da frivolidade da moda, das viagens e dos jogos, da multiplicidade de experiências sensitivas. (...) Um modelo estético de existência centrado nas satisfações sensíveis, imediatas e renovadas: em suma, uma estética hedonista da realização do eu”<sup>8</sup>, conclui o filósofo.

Em resumo, vivemos num mundo onde a beleza, a estética, pretendem estar em tudo e em todo o lado. Por isso, a arte contemporânea (na sua grande maioria) deixou de procurar o belo. Hoje, em princípio, ninguém vai a um museu de arte contemporânea à procura de beleza. Normalmente ela é mais procurada noutros lugares como sejam os centros comerciais, a internet, as redes sociais e tantos outros.

Segundo a reflexão de outro filósofo, o professor coreano radicado na Alemanha, Byung-Chul Han, aquilo que na época actual é considerado belo é “o polido, limpo, liso e impecável”<sup>9</sup>. No livro “A salvação do belo” o autor pergunta: “porque é que o polido hoje nos atrai?”. E responde: “Além do seu efeito estético, reflecte um imperativo social geral: incarna a actual *sociedade positiva*. O que é

<sup>6</sup> G. LIPOVETSKY e J. SERROY, *O capitalismo estético na era da globalização*, Lisboa, Edições 70, 2014, p. 16.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 447.

<sup>8</sup> *Ibidem*, p. 448.

<sup>9</sup> B. HAN, *A salvação do belo*, Relógio D'Água, Lisboa, 2016, p. 11.



polido e impecável não *dói*. Também não oferece qualquer resistência. Solicita-nos um *Gosto*. O objecto polido anula qualquer coisa que possa confrontá-lo. Toda a negatividade é assim eliminada”<sup>10</sup>. E acrescenta ainda: “o polido transmite somente uma sensação agradável à qual não é possível associar sentido e profundidade alguma: esgota-se no *Uau!*”<sup>11</sup>.

O termo polido, no pensamento deste autor, vai para além do sentido literal da palavra. O polido é aquilo que procura agradar, amaciar, comprazer. O polido é suave, doce, delicado, leve. Neste sentido, o que não é polido, estraga a beleza.

Hoje procura-se uma beleza polida, isto é, uma beleza que não me afecta, que não me fere, que não me desinstala, que não me questiona. Esta beleza polida fecha o sujeito em si mesmo. Pelo contrário, o verdadeiramente belo procura abalar, derrubar, vulnerar, comover. Faz sair de si mesmo.

A experiência do belo, diz o teólogo Von Balthazar, provoca “um «choque» que leva a abandonar um primeiro mundo aparente de beleza”<sup>12</sup>. E acrescenta: “Devemos agradecer muito a advertência de que todo o suposto entusiasmo pelo belo não é mais do que vão palavreado, se não nos fere com todo o ímpeto de um Deus que nos diz: «Tens que mudar a tua vida»”<sup>13</sup>.

A beleza caracteriza-se também pelo encobrimento, recorda-nos Byung-Chul Han: “O belo é um esconderijo. A ocultação é essencial à beleza. A beleza dá-se mal com a transparência. (...) O desvelamento desencanta e destrói a beleza. É por isso que o belo, obedecendo à sua essência, é indesvelável”<sup>14</sup>. A verdadeira beleza esconde algo muito grande! A beleza polida não esconde nada.

Neste capítulo sobre o encobrimento, o filósofo cita G. Scholem<sup>15</sup> a meditar como a Torá, a Palavra de Deus, revela mas também escond-

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 11.

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 13.

<sup>12</sup> H. U. BALTHAZAR, *Ensayos Teológicos I - Verbum Caro*, Madrid, Ed. Guadarrama, 1964, p. 139.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 143.

<sup>14</sup> B. HAN, *A salvação do belo*, p. 39.

<sup>15</sup> G. SCHOLEM, *Zur Kabbala und ihrer Symbolik*, Frankfurt, Suhrkamp, 1973.

de. Como amada ao seu amado, ela “abre uma pequena fresta nessa câmara escondida em que está, desvela por um momento o seu rosto ao amado e, em seguida, torna a esconder-se”. Esta ideia recorda-nos as palavras do profeta Isaías: “*Tu és um Deus que se esconde*” (Is 45, 15), bem como o início do *Cântico Espiritual*: “*¿Adónde te escondiste, Amado?*”<sup>16</sup>. Deus, a Suma Beleza, revela-se mas também se esconde.

Quero ainda destacar algumas ideias que o filósofo coreano, seguindo o pensamento de Theodor Adorno, nos apresenta sobre o belo natural, contraposto ao belo polido, ao belo digital. Deixo-vos com algumas frases dos autores que falam por si, sem necessidade de comentários:

“O belo natural mantém-se fechado à simples complacência (...) Só a dor lhe tem acesso”<sup>17</sup>. “O belo natural subtrai-se por completo ao consumo”<sup>18</sup>.

“Ao belo natural é inerente uma lonjura”<sup>19</sup>. “Oculta-se no instante de maior proximidade”<sup>20</sup>.

“O belo natural é indeterminável, o que o aparenta com a música. (...) Do mesmo modo que na música o que é belo brilha na natureza para a seguir desaparecer quando se pretende fixá-lo”<sup>21</sup>.

“O belo natural não é alguma coisa que agrade imediatamente ao sujeito. Não designa uma bela paisagem”. “Dizer as palavras: «Que beleza!» à vista de uma paisagem fere a sua linguagem muda e reduz a sua beleza; a natureza que aparece quer silêncio. (...) Quanto mais intensamente se contempla a natureza, menos se percebe a sua beleza, a não ser que esta nos chegue involuntariamente”<sup>22</sup>.

<sup>16</sup> CA, Canção I.

<sup>17</sup> B. HAN, *A salvação do belo*, p. 37. Pelo contrário, o belo polido busca precisamente a complacência.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 36.

<sup>19</sup> *Ibidem*, p. 37.

<sup>20</sup> T. W. ADORNO, *Teoria Estética*, Lisboa, Edições 70, 2015; citado por B. HAN, *A salvação do belo*, p. 37. Pelo contrário o belo polido pede para tocar e assim anular a distância. A amada do Cântico Espiritual, ao buscar o Amado na beleza da criação, canta assim: “*ni cogeré las flores*”.

<sup>21</sup> *Ibidem*, citado por B. HAN, *A salvação do belo*, pp. 37-38.

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 36.

O belo natural foi certamente a primeira beleza contemplada pelo olhar de S. João da Cruz. Por esta porta, entremos agora “*más adentro en la espesura*”<sup>23</sup> da sua relação com a beleza.

## S. JOÃO DA CRUZ E A BELEZA

João da Cruz foi um buscador da beleza, um “autêntico extático do estético”<sup>24</sup>. Alguns autores chegam mesmo a afirmar que, para ele, a beleza era quase uma obsessão. Efectivamente, a beleza é uma constante em toda a sua obra, quer poética, quer em prosa<sup>25</sup>.

Como disse, o belo natural deve ter sido a primeira beleza contemplada pelos seus olhos. Recordemos que o místico nasceu num ambiente rural<sup>26</sup> e ali viveu os primeiros seis anos da sua vida. Isto fez dele “um amante de espaços abertos, do campo e da natureza”, que se torna patente especialmente “a partir da sua estância na Andaluzia (a partir de 1578). (...) Este amor à natureza permanecerá sempre, apesar de, a partir da adolescência e da juventude, a sua vida ir quase sempre unida à cidade e não ao campo. (...) Mas ele amava o campo e procurava espaço aberto que lhe permitisse contemplar a natureza, o céu durante a noite. De facto (...) os conventos onde viveu, frequentemente não estavam na cidade mas nos arredores. E algumas vezes, como no caso de Granada (1582-1588) e Segóvia (1588-1591), em lugares de extrema beleza para a contemplação, que ele, por sua vez, procurou embelezar e cuidar o melhor possível para este fim”<sup>27</sup>.

João retirava-se frequentemente para o meio da natureza para ali se recolher em oração, como ele próprio canta:

<sup>23</sup> CA, Canção 35. Citaremos sempre a poesia na língua original por diversas razões, sendo a primeira delas óbvia e simples: a beleza.

<sup>24</sup> E. PACHO, “Belleza, deleite y ascesis en Juan de la Cruz”, em *Estudios Sanjuanistas II*, Burgos, Ed. Monte Carmelo, 1997, p. 388.

<sup>25</sup> A palavra “hermosura” aparece 192 vezes na sua obra, “hermoso” 56 vezes e “hermosear” 27 vezes; em R. PRADO, *Belleza y Experiencia Mística – Impulso amoroso y atracción estética en Santa Teresa de Jesús y San Juan de la Cruz*, Ed Monte Carmelo, Burgos, 2001, p. 171.

<sup>26</sup> Uma pequena aldeia de Castela chamada Fontiveros.

<sup>27</sup> J. D. GAITÁN, “«Mil gracias derramando» – La hermosura de Dios en la naturaleza”, em *Vida Religiosa*, vol. 68 (1990), pp. 448-449.

*Buscando mis amores  
iré por esos montes y riberas,  
ni cogeré las flores,  
ni temeré las fieras,  
y pasaré los fuertes y fronteras.*<sup>28</sup>

Escutemos alguns testemunhos de carmelitas que viveram com ele para compreendermos a sua relação com a natureza e a importância desta na sua vida espiritual:

“Jerónimo da Cruz, que o acompanhou em tantas viagens, declara [nos processos]: «Era muito amigo da solidão e suspirava por ela, mais ainda onde havia campos amenos, rios ou fontes, e o céu se descobria no descampado».

«Colocava-se em oração e olhando os rios, ou fontes, ou céus, ou ervas, nos quais dizia ver *um não sei quê* de Deus». (Ms. Vat. 2862, fol. 8.)

Francisco de S. Hilário oferece-nos este postal de João da Cruz retirado no convento solitário de La Peñuela (Jaén) em Agosto e Setembro de 1591, já bem próximo da sua morte:

«... retirou-se sem ofício ao convento de La Peñuela, na Serra Morena, que é de grande solidão; e ali, muito contente por se ver sem ofício e desocupado para mais servir a Deus, gastava santamente o tempo. Levantava-se antes que fosse dia e ia para a horta, e no meio dos vimes, junto a um rego de água, colocava-se de joelhos e ali estava em oração até que o calor do sol o mandava embora. Vinha para o convento e dizia missa com muita devoção» (BMC 14, 112-113). (...) E continua mais adiante: «... e outras vezes saía por aquele deserto e andava como que suspenso em Deus» (*Ibidem*, 113).

Fr. Barnabé, que viveu com ele em Segóvia, dá este testemunho: “Muitas vezes o via esta testemunha a sair da cela em Segóvia e a ir-se por uns penhascos que tem a horta daquele convento e ali se metia numa grutazita que ali havia, do tamanho de um homem recostado,

<sup>28</sup> CA, Canção 3.

de onde se vê muito céu, rio e campos. Uma vez aqui, outras na janela da cela, outras diante do Santíssimo Sacramento, gastava longas horas de oração, de onde saía transformado num fogo de amor de Deus” (BMC 14, 292).

João de Santa Ana, um dos que melhor o conheceram, declara preciosamente: «Estando em El Calvário (Jaén), e sendo vigário, levava-nos muitas vezes ao campo e ali nos dizia com aquelas ervas e que como elas louvássemos o nosso Criador, e cantando salmos afastava-se de nós com o rosto iluminado que parecia que saía fogo dele» (BN-Madrid, ms. 8568, 397).

Mas o mais interessante da declaração deste João de Santa Ana é o que se refere às visitas e estadas do santo na quinta de Santa Ana (...). Entre outras coisas diz: «... o padre frei João da Cruz como era Reitor (de Baeza) ia lá frequentemente, porque não estava a mais de cinco ou seis léguas de Baeza. Algumas vezes ficava uma semana. Saía por aqueles campos cantando salmos, especialmente de noite; levava-me algumas vezes consigo e logo falava sobre a formosura do céu e da luz de tantas estrelas, que dizia que ao serem tantas diferiam em espécie umas das outras, como o cavalo do leão, e outras coisas sobre a harmonia dos céus e a grande música que fazem com os seus movimentos. Depois ia subindo até chegar ao céu dos bem-aventurados e dali dizia lindezas da sua formosura e como seria a d’Aquele que lha deu. Com esta prática ficava calado por longo tempo; eu entendendo que adormecia por ser já tarde dizia-lhe:

- Padre, vamos embora que adormece e já é muito de noite e lhe fará mal o orvalho!

- Eia, vamos, que eu sei que tem muita vontade de dormir também Vossa Reverência!» (BN-Madrid, ms. 8568, 407).

Amante da noite cósmica ou natural, nos seus conventos passa muitas vezes a noite “na janela da sua cela onde se via o céu”, ou também, como em Segóvia, passa noites inteiras “com os braços em cruz debaixo das árvores (...)”.

“Agostinho da Conceição, falando de um desses dias em que João da Cruz levava os seus religiosos ao campo, refere como, reco-

lhido diante da corrente do rio (o Genil ou o Darro), se exalta e entusiasmo ao surpreender uns peixinhos amigos e chama de urgência os seus religiosos dizendo: «Venham cá, irmãos, e verão como estes animaizinhos e criaturas de Deus O estão louvando, para que levantem o espírito, pois se estes, sem entendimento nem razão o fazem, quanta maior obrigação temos nós de O louvar!». E nesta prática ficou suspenso. Vendo-o, os religiosos afastaram-se, foram pela horta e deixaram-no na sua contemplação, e não se lembra do tempo que pode ter estado nela (...) (Ms. Vat. sign. 25, fol. 56)<sup>29</sup>.

O nosso Padre Geral, Saverio Cannistrà, numa bela homilia no dia de S. João da Cruz, resume bem esta relação do santo com a natureza: “É um homem que foge da cidade e procura refúgio na natureza, que a sente próxima, amiga, testemunha silenciosa de uma presença originária, mais antiga que o homem, com um ritmo e uma lógica diferentes das lógicas da sociedade dos homens”<sup>30</sup>.

Permitam-me este comentário: hoje, sobretudo nas grandes cidades, o ser humano afastou-se da natureza, deste contacto com a Criação. Fomos criando um mundo artificial, uma vida artificial, complicada, longe da simplicidade e da sabedoria que a natureza encerra. Penso que isto tem muitas consequências negativas ao nível pessoal, familiar, social, etc. Espiritualmente creio que também perdemos muito com este afastamento da natureza, da Criação.

João da Cruz procura esse refúgio na natureza porque a beleza da Criação é um rasto da Beleza do Criador, como ele canta:

*Mil gracias derramando  
pasó por estos sotos con presura,  
y, yéndolos mirando,  
con sola su figura  
vestidos los dejó de hermosura.*<sup>31</sup>

<sup>29</sup> J. VICENTE RODRÍGUEZ - “San Juan de la Cruz y la ecología”, em *Revista de Espiritualidad*, vol. 46 (1987), pp. 124-127.

<sup>30</sup> S. CANNISTRÀ, Homilia na Solenidade de São João da Cruz (14 de Dezembro de 2014), em *Acta Ordinis* 59 (2014), p. 257.

<sup>31</sup> CA, Canção 5.

O místico comenta assim esta canção: “Deus criou todas as coisas com grande facilidade e rapidez, deixando nelas alguns rastros de quem Ele é. Não só as criou do nada, mas dotou-as de inumeráveis graças e virtudes, embelezando-as com uma admirável ordem e perfeita dependência entre elas” (CB 5, 1)<sup>32</sup>.

Para João “toda a beleza tem a sua origem em Deus”<sup>33</sup> e as criaturas são precisamente um reflexo de Deus. Por isso, nelas se podem encontrar sinais do Criador: “as criaturas são como um rasto da passagem de Deus; por meio delas vislumbra-se a sua grandeza, potência, sabedoria e demais excelências divinas” (CB 5, 3).

Deste modo, a beleza das criaturas pode tornar-se caminho para Deus, Suma Beleza: “através da consideração e conhecimento das criaturas, [a alma] começa a caminhar em direcção ao conhecimento do seu Amado, que é o Criador delas” (CB 4, 1). E continua mais adiante: “É por isso que a alma se inclina muito ao amor do seu Amado através da contemplação das criaturas, porque se dá conta que foram criadas pela mão do próprio Deus” (CB 4, 3).

Por isso encontramos o santo tantas vezes retirado no meio da natureza em oração, em contemplação. “João da Cruz ama a natureza mas é sobretudo um apaixonado pela beleza de Deus. Na natureza o que ele procura não é o simples prazer de contemplar mas [procura] a Deus”<sup>34</sup>.

Entre toda a beleza criada por Deus, João destaca a beleza da alma: “ela é em si mesma uma formosíssima e perfeita imagem de Deus” (1S 9, 1). A alma é a mais bela de todas as criaturas, precisamente por ser imagem do Criador. Foi criada por Deus e para Deus, para a união de amor com Ele. De tal modo que, no seu itinerário espiritual, à medida que o amor cresce e se aperfeiçoa, a alma vai sendo embelezada e elevada pelo olhar divino, até se tornar Deus por participação, como ele canta no *Cântico Espiritual*:

<sup>32</sup> Citaremos os textos em prosa pela tradução portuguesa: S. JOÃO DA CRUZ, *Obras Completas*, Marco de Canaveses, Edições Carmelo, 2005.

<sup>33</sup> E. PACHO, “Belleza, deleite y ascesis en Juan de la Cruz”, p. 392.

<sup>34</sup> J. D. GAITÁN, “Mil gracias derramando...”, p. 450.

*Cuando tú me mirabas,  
su gracia en mí tus ojos imprimían;  
por eso me adamabas,  
y en eso merecían  
los míos adorar lo que en ti vían.*<sup>35</sup>

Comentando esta canção o santo repete a sua famosa frase: “O olhar de Deus é amar”. E continua, comentando o verso “*su gracia en mí tus ojos imprimían*”: “Por olhos do Esposo entende aqui a sua Divindade misericordiosa, a qual, inclinando-se misericordiosamente para a alma, imprime e infunde nela o seu amor e a sua graça, com a qual a formoseia e eleva tanto que a faz consorte da própria Divindade” (CB 32, 3-4).

João canta assim a beleza da graça de Deus que, no caminho de união com a alma, a torna cada vez mais bela. Mas nem sempre foi assim, como nos diz a canção seguinte:

*No quieras despreciarme,  
que, si color moreno en mí hallaste,  
ya bien puedes mirarme  
después que me miraste,  
que gracia y hermosura en mí dejaste.*<sup>36</sup>

Escutemos o comentário a partir do verso “*que, si color moreno en mí hallaste*”: “Quer dizer, se antes de me olhares graciosamente encontraste em mim a fealdade e a cor morena das culpas, das imperfeições e da baixa condição natural, *já bem podes olhar-me, depois de que me olhaste*. Depois que olhaste para mim, dando-me pela primeira vez a graça e tirando-me essa cor morena e desprezível da culpa, com a qual não estava para ser vista, *já bem podes olhar-me*. Quer dizer, eu já posso e mereço ser vista, recebendo mais graça do teu olhar. Foi com ele que, pela primeira vez, me tiraste a cor morena e me tornaste digna de ser vista, pois, com o teu olhar de amor, *graça e formosura em mim deixaste*” (CB 33, 5-6).

<sup>35</sup> CA, Canção 23.

<sup>36</sup> CA, Canção 24.



Deus torna bela a alma que antes esteve feia<sup>37</sup>. “Como existe uma fealdade física ou natural, também se dá uma fealdade moral e espiritual que mancha (...) a alma com sensações, apetites e pecados”<sup>38</sup>. É interessante e muito significativo verificar que, em toda a sua obra, João da Cruz fala muito mais de apetites do que de pecados. Por isso, como vamos ver, um dos exercícios de purificação e desprendimento que a alma terá que fazer tem que ver precisamente com os seus gostos, apetites e apego às criaturas, que lhe tiram a beleza. É famoso este texto do Cântico Espiritual:

“Ó alma formosíssima entre todas as criaturas, que tanto desejas saber onde está o teu Amado para te encontrares e unires a Ele, já te foi dito que tu mesma és o aposento onde Ele mora, o refúgio e o esconderijo onde Se oculta. (...) Ó alma, o que é que desejas e procuras fora de ti, se é em ti que estão as tuas riquezas, as tuas delícias, a tua consolação, a tua riqueza e o teu reino, ou seja, o teu Amado, que a tua alma tanto deseja e procura!” (CB 1, 7-8).

A alma - o ser humano - tende sempre a procurar fora de si, nas criaturas, às quais tende a apegar-se. A beleza das criaturas atrai, seduz, mas João da Cruz não a considera um mal. “Todo o tipo de beleza é para ele um bem, um valor; por isso mesmo, suscita no homem sensações e reacções, sobretudo de amor e posse; naturalmente, também de gozo e prazer. Este aspecto é aquele que interessa e preocupa directamente Frei João: a sensação ou percepção da beleza; a vertente subjectiva ou estética enquanto gozo, gosto, prazer, deleite, fruição, apetite, júbilo (...): o impacto do belo no sujeito”<sup>39</sup>.

## PURIFICAÇÃO

O itinerário espiritual proposto por João da Cruz pressupõe um processo de purificação, para que a alma passe do gozo sensível ao

<sup>37</sup> A cor morena, que João da Cruz toma do Cântico dos Cânticos, era também considerada feia no seu tempo, era a cor da gente pobre, que trabalha no campo.

<sup>38</sup> E. PACHO, “Belleza, deleite y ascesis en Juan de la Cruz”, pp. 391-392.

<sup>39</sup> *Ibidem*, pp. 390-391.

deleite puramente espiritual. Seguiremos de perto o estudo de Eulógio Pacho que analisa bem a doutrina do místico: “Enquanto a beleza natural e criada projecta a sua carga emotiva sobre a percepção sensorial (...) activando o deleite estético, a beleza espiritual toca unicamente o íntimo da alma. (...) O gozo da beleza criada e limitada estimula a ânsia de possuir a beleza infinita e definitiva”<sup>40</sup>.

O ser humano está destinado à autêntica felicidade, que se alcança na união de amor com Deus, na fruição da suma beleza. Para a alcançar, precisa de se empenhar na superação dos obstáculos que lhe dificultam o caminho. “O programa sãojuanista concentra-se na catarse total e radical, isto é, na eliminação ou purificação de todas as afeições, gostos e apetites que impedem o encontro com o sumo bem, a beleza absoluta”<sup>41</sup>. É o caminho da noite escura.

Na Subida do Monte Carmelo, João explica desenvolvidamente esse processo, começando por nos apresentar os motivos: “A razão pela qual é necessário à alma, para chegar à divina união com Deus, passar por esta noite escura da mortificação dos apetites e da negação dos gostos em todas as coisas, é que todo o afecto às criaturas é pura escuridão diante de Deus. Se a alma se envolver nela, não pode ser iluminada e possuída pela pura e clara luz de Deus. Terá de se desfazer primeiro delas, porque luz e trevas não se podem unir” (1S 4, 1). E conclui mais adiante: “A luz da divina união não pode assentar na alma se primeiro não se desalojam dela os afectos” (1S 4, 2).

O místico continua a explicar os efeitos que os apetites e apegos produzem na alma, justificando a necessidade de passar pela purificação da noite escura: “Convém saber que a afeição e o apego que a alma tem às criaturas torna-a semelhante às criaturas. Quanto maior é a afeição tanto mais a iguala e faz semelhante, porque o amor cria semelhança entre quem ama e o que é amado” (1S 4, 3). Este é um princípio que João da Cruz repete várias vezes: o amor gera semelhança, igualdade entre aqueles que se amam. Deus ama o ser humano e por isso quer igualá-lo consigo<sup>42</sup>, divinizá-lo pela união de

<sup>40</sup> *Ibidem*, p. 393.

<sup>41</sup> *Ibidem*, p. 395.

<sup>42</sup> “Amar Deus a alma é, de certo modo, metê-la dentro de Si, igualando-a consigo; ama-a conjuntamente com o mesmo amor com que se ama a Si próprio” (CB 32, 6). “E, como não há nada em que

amor transformante. Mas, quando este se afeiçoa e prefere as criaturas, torna-se semelhante a elas: “Quem ama uma criatura fica tão baixo como ela e, de certo modo, ainda mais baixo, porque o amor não só assemelha como submete o amante àquilo que ama. É por essa mesma razão que, quando a alma ama uma coisa, incapacita-se para a união pura com Deus e sua transformação, porque a baixeza da criatura é muito menos capaz da alteza do Criador do que as trevas o são da luz. Todas as coisas da terra e do céu, comparadas com Deus, são nada (...) e os afectos delas menos do que nada, pois são impedimento e privação para a transformação em Deus” (1S 4, 3).

Daqui se deduz a aplicação ao tema da beleza que nos ocupa: “A alma que se afeiçoa à formosura de qualquer criatura é, diante de Deus, sumamente feia. Portanto, esta alma feia não poderá transformar-se na formosura de Deus, porque a fealdade não engloba a formosura. Toda a graça e gentileza das criaturas, comparada com a graça de Deus, é suma desgraça e aspereza. Assim, a alma que se enrede com as graças e encanto das criaturas é sumamente desgraçada e intratável diante de Deus. Portanto, não pode ser capaz da infinita graça e beleza de Deus, porque o desgraçado dista muito do que é infinitamente cheio de graça” (1S 4, 4).

As palavras de João da Cruz são claras e directas. Mas, para evitar equívocos muito comuns que tendem a ver o problema nas coisas, nas criaturas, o místico insiste para deixar bem claro que “não são as coisas deste mundo que enchem a alma e a danificam, já que materialmente não entram nela, mas a vontade e o apetite que tem por elas”<sup>43</sup> (1S 3, 4). O problema não está fora. Está dentro. Para o místico, como esclarece E. Pacheco, as coisas “têm a sua bondade e a sua beleza, que são bens derivados do próprio Criador. A percepção e a sensação das mesmas também não constituem obstáculo para a união mística. Não é possível isolá-las naturalmente e viver à mar-

---

mais a possa engrandecer do que igualando-a consigo, só pretende que O ame, pois é próprio do amor igualar o que ama com a coisa amada” (CB 28, 1).

<sup>43</sup> Vale a pena recordar o texto completo: “É por isso que chamamos a esta desnudez noite para a alma. Não nos referimos aqui à carência das coisas, porque ela não esvazia a alma se tiver delas o apetite, mas falamos da desnudez do gosto e do apetite por elas, pois é ela que liberta e esvazia a alma, embora as possua. Não são as coisas deste mundo que enchem a alma e a danificam, já que materialmente não entram nela, mas a vontade e o apetite que tem por elas”.

gem do cosmos. O que afasta do sumo bem e da suma beleza é a afeição, o apego, o apetite, isto é, o amor estimativo e valorativo que coloca nas coisas, contrapondo-as a Deus e em alternativa afectiva a Ele (...). O prazer ou deleite experimentado na sensação de tais bens limitados é aquilo que alimenta o apego e a estima. Pode chegar a criar exclusividade e consequente incapacidade para o deleite puro e pleno do bem absoluto, de Deus<sup>44</sup>. Decididamente, se quiser realizar esta purificação para chegar à união de amor com Deus, à contemplação da beleza divina, a alma tem de entrar na noite escura.

Voltemos à poesia. O poema da *Noite Escura*, considerado por muitos a obra-prima poética de João da Cruz, começa assim:

*En una noche oscura,  
con ansias, en amores inflamada,  
¡oh dichosa ventura!,  
salí sin ser notada,  
estando ya mi casa sosegada.*<sup>45</sup>

Vejamos a explicação que o santo nos oferece: “A alma descreve nesta primeira canção a maneira como saiu de si própria e de todas as coisas no que se refere à afeição. Por uma verdadeira renúncia morreu a tudo e a si mesma a fim de viver com Deus uma doce e suave vida de amor. Ela diz que este sair de si e de todas as coisas foi uma noite escura (...). Noite que, como se dirá mais adiante, provoca passivamente na alma a renúncia a si mesma e a todas as coisas. Esta saída só foi possível, diz ela, graças à força e à veemência do amor que o seu Esposo lhe deu nessa escura contemplação” (1N, Expl. 1-2).

Sublinho as palavras “sair de si e de todas as coisas” que João repete. Trata-se de sairmos de nós mesmos, do nosso egoísmo. Eis o problema espiritual que o místico tão bem identifica e nos ajuda a superar: *buscarmo-nos a nós mesmos*. A alma tem de SAIR<sup>46</sup>. “Não é por acaso que a primeira estrofe do *Cântico* e da *Noite* estão centradas

<sup>44</sup> E. PACHO, “Belleza, deleite y ascesis en Juan de la Cruz”, p. 397.

<sup>45</sup> N, Canção 1.

<sup>46</sup> O verbo sair e o movimento de saída apresentam também uma enorme importância no magistério do Papa Francisco, que desde o início do seu pontificado pede uma Igreja em saída (EG 20-24),

no mesmo verbo de movimento: *sair*<sup>47</sup>. Para João da Cruz este movimento de saída reveste-se de uma importância crucial. Trata-se de uma saída espiritual (...). Movida pelo amor a Deus, a amada do *Cântico* sai decidida e ansiosa em demanda do Amado, perguntando e procurando diversas ajudas: os pastores, as criaturas. Este sair de si não significa que a alma deixa de procurar o Amado dentro de si para passar a procurá-Lo fora. Significa abandonar o seu ego, os seus gostos e as ataduras que ainda a podem ter presa ou fechada em si, e lutar contra todos os inimigos que possam impedir o desejado encontro. Este encontro gozoso com Deus não é simplesmente uma questão de desejos e de procura. (...) Não chegam boas intenções e propósitos. É preciso pôr mãos à obra para que se opere este desprendimento radical. Como sempre, é o amor que a move, para fazer tudo o que está ao seu alcance. É o amor que a salva fazendo-a sair do seu isolamento em busca daquele a quem ama. Trata-se de um caminho duro no qual a alma tem de realizar um esforço ascético, «exercitar-se nas virtudes e exercícios espirituais da vida activa e contemplativa» (CB 3, 1), «abandonando o leito dos seus gostos e consolações» (CB 3, 3) para chegar a «possuir um coração desprendido e forte, livre de todos os males e bens que puramente não são Deus» (CB 3, 5). Só assim a alma estará preparada e terá a liberdade e a fortaleza para o encontro com o Amado<sup>48</sup>.

No fundo, trata-se de uma “viagem à liberdade”<sup>49</sup>, em que a alma tem de ir cortando os fios que a mantêm atada e a impedem de voar, como o expressa João de uma forma alegórica: “Pouco importa que um pássaro esteja preso por um fio delgado ou por um fio grosso, porque, apesar de delgado, enquanto não se desfizer dele, estará tão preso para voar como por um grosso. É verdade que o delgado é mais fácil de partir mas, mesmo assim, se não o partir, não voará. Assim também a alma que está presa nalguma coisa: por muita virtude que tenha, não chegará à liberdade da divina união” (1S 11, 4).

realçando que a alegria do Evangelho “contém sempre a dinâmica do êxodo e do dom, de sair de si mesmo” (EG 21).

<sup>47</sup> “*salí tras ti clamando, y eras ido*” (CB, Canção 1); “*salí sin ser notada / estando ya mi casa sosegada*” (N, Canção 1).

<sup>48</sup> J. REGO, “O itinerário espiritual como metáfora sponsal em S. João da Cruz”, em *Revista de Espiritualidade*, nº 78 (2012), p. 139.

<sup>49</sup> J. A. MARCOS, *Un viaje a la libertad*, 2ª ed., Madrid, Editorial de Espiritualidad, 2007.

O Padre Saverio Cannistrà, na homilia que citamos anteriormente, depois de falar da simplicidade da natureza que João gostava de contemplar, oferece-nos um belo resumo do caminho que o místico nos propõe:

“Para ele Deus é outro, é simplicidade absoluta, enquanto o homem é complicação, estratificação de desejos, quase todos ilusórios e desviantes. No fundo, é verdade que João procura um caminho muito curto e muito directo para Deus, porque se deu conta que os outros caminhos, que atravessam os percursos tortuosos da história humana e das suas contradições, correm o risco de não levar senão ao próprio homem. Fique claro: João não está a rejeitar aquilo que é constitutivo do homem, pelo contrário, está a valorizá-lo. As faculdades fundamentais do homem, o entendimento, a vontade e a memória, precisam de ser esvaziadas, libertadas de uma espécie de obstrução que as bloqueia e, para usar uma palavra dos nossos dias, as encerra num *loop*, que torna impossível o acesso a um nível superior. (...) Daí a necessidade de noite e de silêncio, de parar o relógio e deixar que o tempo seja ritmado pelo correr da água ou pelo crepitar do fogo. João, para usar de novo uma palavra do nosso tempo, ensina-nos uma ecologia da mente e do coração, uma desintoxicação de tudo aquilo que nos está a embriagar e ao mesmo tempo a embotar, tornando-nos menos lúcidos, menos atentos, menos inteligentes e diligentes, mais incapazes de recordar a nossa verdadeira natureza. E se o caminho para a verdade, e por tanto para Deus, passasse por estes caminhos de simplificação e de redução?”<sup>50</sup>.

O caminho percorre-se na noite, pois é a noite que permitirá o encontro entre amada e Amado, na tão desejada união de amor. É durante a noite que tudo acontece:

*¡Oh noche que guiaste!*  
*¡Oh noche amable más que el alborada!*  
*¡Oh noche que juntaste*  
*Amado con amada,*  
*amada en el Amado transformada!*

<sup>50</sup> S. CANNISTRÀ, *Homilia...*, pp. 257-258.

## GLORIFICAÇÃO DO PRAZER

Na união de amor entre Amado e amada, o prazer e o deleite são glorificados, alcançam o grau supremo, e isto constitui para João da Cruz a felicidade já nesta vida, que não está apenas reservada para a vida eterna, mas que é uma antecipação da felicidade celeste.

“No cume da experiência mística, tudo na vida adquire uma dimensão estética”. No ser humano desenvolve-se uma “afinação ou agudização da sensibilidade em todos os planos ou níveis: sensitivo (...), emotivo, afectivo, racional e volitivo”. Dá-se “um subtil e delicado afinamento da percepção espiritual”<sup>51</sup> que abarca todo o ser da pessoa. “Agora, a sensação e o deleite (...) vai do centro para a periferia, de dentro para fora, quando antes acontecia o processo inverso”<sup>52</sup>.

O prazer glorificou-se, divinizou-se. João diz-nos que “a alma sente-se já toda inflamada na divina união e o seu paladar todo banhado de glória e amor. Até do íntimo do seu ser transbordam rios de glória, que a encham de delícias” (ChB 1,1). Graças ao processo de purificação, “o espírito tornou-se dono de todas as potências e sentidos tornando-os livres e capazes do deleite pleno e puro. Em linguagem sãojuanista, trata-se de uma espiritualização dos sentidos; do domínio do espírito sobre a carne. (...) Agora a alma vê, ouve, toca, gosta, cheira e deleita-se espiritualmente”<sup>53</sup>.

Em palavras de E. Pacho, dá-se uma “inversão de planos”, à qual alude João da Cruz neste texto da *Chama*: “O apetite natural, que só tinha argúcia e força para gozar do sabor das criaturas produzindo a morte, está agora mudado em gosto e sabor divino, movido e satisfeito já por outro princípio – que é o gozo de Deus – onde mais vive; e, por estar unido a ele, só tem o apetite de Deus” (ChB 2, 34). Esta inversão de planos não é temporária, mas penetra intimamente no ser da alma, transformando todas as suas capacidades e potências.

<sup>51</sup> E. PACHO, “Belleza, deleite y ascesis en Juan de la Cruz”, p. 401.

<sup>52</sup> *Ibidem*, p. 402.

<sup>53</sup> *Ibidem*, p. 403.

Além disso, acontece também aquilo que E. Pacheco chama uma “recuperação de valores”. João garante que a alma não perde nada, antes recupera e reintegra tudo aquilo que tinha negado, “ficando tudo ordenado e reconduzido à sua unidade.”<sup>54</sup> Não existe nenhum lugar recôndito do ser humano onde não chegue esse glorioso deleite, de tal forma que dele “goza toda a substância sensitiva, membros, ossos e medulas; e isto, não de modo tão remisso como é costume acontecer, mas com sentimentos de grande deleitação e glória que até se faz sentir nas últimas articulações dos pés e das mãos. O corpo sente de tal maneira a glória da alma que, a seu modo, enaltece a Deus, sentindo-o até nos ossos” (ChB 2, 22). O místico está a comentar o verso “*que a vida eterna sabe*” da canção 2 da *Chama*:

*¡Oh cauterio suave!  
¡Oh regalada llaga!  
¡Oh mano blanda! ¡Oh toque delicado,  
que a vida eterna sabe,  
y toda deuda paga!  
Matando muerte, en vida la has trocado.*

A poesia expressa o que a prosa não é capaz de declarar. Os repetidos “Oh!” parecem querer exprimir a inefabilidade desse toque de Deus que a alma saboreia, “toque de substâncias (...) a de Deus e a da alma” (ChB 2,21). O espírito penetrou todos os sentidos, impregnando-os completamente, e “no final do caminho tudo se recuperou e integrou em perfeita harmonia antropológica”<sup>55</sup>.

O ser humano atinge a harmonia perfeita não apenas em si mesmo mas também com toda a criação. Sente o mundo transfigurado pelo amor e disfruta de tudo a partir do Criador. E. Pacheco chama-lhe uma “reintegração harmoniosa do ser e do cosmos”<sup>56</sup>. O místico diz-nos que a alma “goza altamente da sabedoria de Deus que brilha na harmonia das criaturas e acções do Criador” e sente que “todas as coisas é o seu Amado em Si mesmo e para ela (CB 14-15, 4-5). Es-

<sup>54</sup> E. PACHO, “Belleza, deleite y ascesis en Juan de la Cruz”, p. 406.

<sup>55</sup> *Ibidem*, p. 407.

<sup>56</sup> *Ibidem*, p. 408.



cutemos o comentário do santo aos primeiros versos da canção 14 do *Cântico*, “*Mi Amado las montañas / los valles solitarios nemorosos*”:

“As montanhas têm altura, são ricas, amplas, formosas, aprazíveis, floridas e cheirosas. Como estas montanhas, assim é o meu Amado para mim. (...) Os vales solitários são tranquilos, amenos, frescos, sombrios, cheios de água doce. A variedade do seu arvoredor e o canto suave das aves comprazem e deliciam os sentidos; com a sua solidão e silêncio, oferecem refrigério e paz. Como estes vales, assim é o meu Amado para mim” (CB 14-15, 6-7)<sup>57</sup>.

Inevitavelmente nos vêm ao pensamento as palavras do místico na oração da alma enamorada: “Os céus são meus e a terra é minha. Os povos são meus; meus são os justos e os pecadores. Os anjos são meus, a Mãe de Deus é minha, e minhas são todas as coisas. O próprio Deus é meu e para mim, porque Cristo é meu e todo para mim” (D 26).

Nesta união de amor, divinizada e transformada em Deus, a alma deseja ardentemente que Deus rasgue “*la tela de este dulce encuentro!*”<sup>58</sup> para poder contemplar face a face a beleza de Deus, como expressa o místico num texto ímpar:

“Cheguemos na vida eterna a *ver-nos na tua formosura*; ou seja, que eu fique de tal maneira transformada *na tua formosura*, que, sendo a mesma *formosura*, por eu já ter a *tua própria formosura*, nos vejamos os dois juntos na *tua formosura*. E assim, extasiada eu na *tua formosura*, olhando um para o outro, cada um veja no outro a *sua formosura*, sendo apenas a de um e outro a *tua formosura*. Portanto, eu ver-Te-ei na *tua formosura*,

<sup>57</sup> No estudo já citado (esta parte publicada noutro número da revista) J. REGO, “O itinerário espiritual...” em *Revista de Espiritualidade*, nº 79 (2012), p. 204, alerta para o seguinte: “Esta perspectiva sãojoanista poderá parecer panteísta aos olhos dos menos familiarizados com os escritos dos místicos. No entanto, assim não se verifica. «São João da Cruz sabe que, num sentido, as coisas não são Deus (...) e poucos destacaram como ele a fragilidade e a finitude do mundo. Mas, noutro sentido, vinculando-se ao Amado, como amante, ele sabe, ou melhor, sente que todas são Deus para ele, sendo o Amado». Num nível racional e objectivo elas são diferentes do Amado, mas «em contemplação de amor elas são irmãs, são o próprio Amado. Só quem ama descobre e sabe que, desbordando argumentos e razões, todas as coisas são Amado pois nele existem e se fazem presentes (cf. Jo 1, 1-5; Col 1, 15-18)» (X. PIKAZA, *Amor de hombre, Dios enamorado – San Juan de la Cruz: una alternativa*, Bilbao, Desclée De Brouwer, 2004, p.128)”.

<sup>58</sup> Ch, Canção 1.

e Tu a mim na *tua formosura*; eu ver-me-ei em Ti na *tua formosura*, e Tu ver-Te-ás em mim na *tua formosura*. Que eu me pareça contigo na *tua formosura* e que Tu Te pareças comigo na *tua formosura*. Que a *minha formosura* seja a *tua formosura* e a *tua formosura* a *minha formosura*; assim, eu serei igual a Ti na *tua formosura*, e Tu serás igual a mim na *tua formosura*, porque a tua própria *formosura* será a *minha formosura*. É por isso que nos veremos um ao outro na *tua formosura*” (CB 36, 5).

## CRIADOR DE BELEZA

João da Cruz não é apenas um contemplativo da Beleza. A contemplação da Beleza do Criador tornou-o um criador de beleza. A maior delas é a poesia, sobretudo o *Cântico*, a *Noite* e a *Chama*. A composição destas canções<sup>59</sup> fizeram dele o maior poeta de língua castelhana e o maior poeta místico. A experiência mística de João, a Beleza que ele contemplou, expressou-a nestas sublimes canções. Os poucos versos da sua poesia exprimem-no melhor do que as muitas páginas dos comentários em prosa. É o próprio João quem o diz no famoso prólogo ao *Cântico Espiritual*, dedicado à Madre Ana de Jesus:

“Reverenda Madre, parece que estas Canções foram escritas com algum fervor de amor de Deus, cuja sabedoria e amor é imenso, (...) e porque as palavras da alma contêm, de algum modo, a mesma riqueza e força do amor que a ensina e move, não penso descrever agora toda a extensão e riqueza que o espírito do amor fecundo nelas gerou. Seria ignorância minha pensar que os ditames de amor em inteligência mística, como são os destas Canções, se poderiam explicar claramente por palavras. (...) É por esta razão que deitámos mão de imagens,

<sup>59</sup> João chama-lhe canções e nunca poesias. Ele compôs canções e estou convencido de que as compôs cantando (pelo menos interiormente, o que terá facilitado muito a sua memorização na prisão de Toledo) e quando as apresentou às carmelitas descalças, que as escutaram pela primeira vez, certamente que as cantou e não as declamou. Porque a sua poesia é musical. Tem música dentro. Os estudos E. OROZCO, *Poesía y mística. Introducción a la lírica de San Juan de la Cruz*, Madrid, Ed. Guadarrama, 1959, e G. DIEGO, “Música y ritmo en la poesía de San Juan de la Cruz”, em *Escorial IX* (1942), pp. 163-186, são clássicos de referência e de proveitosa leitura sobre esta temática.

comparações e exemplos, porque, melhor do que os argumentos, dão a conhecer algo do que experimentam e da riqueza do espírito derramam segredos e mistérios. (...) Portanto, o que se explica, geralmente fica muito aquém do que elas encerram. (...) Porque os ditos de amor devem-se declarar em toda a sua extensão, sem os limitar a um sentido preciso ao qual nem todo o paladar se acomoda. Cada um vale-se deles conforme o seu modo e capacidade de espírito. Daí que, embora sejam de alguma maneira explicados, não tem por que se ater à explicação dada. A sabedoria mística, que se comunica por amor e da qual falam as presentes Canções, não precisa de ser perfeitamente entendida para causar na alma efeitos de amor e afeição. É como na fé: amamos a Deus sem O entender.”<sup>60</sup>.

Estas palavras de João da Cruz nem sempre receberam a devida importância, retirando delas todas as consequências para a leitura e hermenêutica das suas obras. H. U. von Balthasar compreendeu bem o alcance destas palavras e por isso, ao finalizar um estudo sobre o místico, conclui:

“João da Cruz tem toda a razão quando apresenta a parte doutrinal da sua obra como um comentário desajustado e inferior às poesias, onde têm lugar os autênticos pronunciamentos de que nenhuma prosa é capaz. Se damos crédito e aprovação à justeza desta autocrítica, então ele é Doutor da Igreja mais como poeta do que como prosador”<sup>61</sup>.

Por esta razão decidi terminar esta conferência com a poesia, pois ela exprime de forma sublime a beleza contemplada por João da Cruz na união de amor. E porque são canções, e infelizmente não conhecemos a melodia com que João as cantou, como seu discípulo e buscador da beleza como ele, atrevi-me a compor uma melodia, procurando não danificar mas antes realçar a beleza destas líras e sobretudo a Beleza que elas cantam: a do Amado<sup>62</sup>.

<sup>60</sup> CB, Prólogo 1-2.

<sup>61</sup> H. U. BALTHASAR, *Gloria. Una estética teológica*, Vol. 3 – Estilos laicales, Madrid, Ediciones Encuentro, 2000 (3ª ed.), p. 178.

<sup>62</sup> A apresentação desta conferência no congresso “As fontes da alegria” terminou com a audição do tema “Mi Amado”, incluído no disco “Fuego en el Corazón”, editado em Novembro de 2019

**MI AMADO**<sup>63</sup>

Letra: S. João da Cruz

Música: João Rego

Dó Dó/Mi Ré/Fá#

Mi A - ma - do, las mon - ta - ñas,

Sol/Si Lá/Dó# Ré sus Ré

los va - lles so - li - ta - rios ne - mo - ro - sos,

Sol/Si Dó7M Mi m

las ín - su - las ex - tra - ñas,

Dó Lá m Ré sus Ré

los rí - os so - no - ro - sos,

Sol/Si Dó Ré Sol

el sil - bo de los ai - res a - mo - ro - sos.

pela Conferência Episcopal Espanhola, no âmbito do I Centenário da Consagração de Espanha ao Sagrado Coração de Jesus.

<sup>63</sup> Partitura simplificada, apenas com a melodia e as cifras da harmonia, transcrita 1 tom e meio acima do original, não inclui o acompanhamento para coro a 4 vozes mistas (SATB) gravado no disco “Fuego en el Corazón”.

*Mi Amado las montañas,  
los valles solitarios nemorosos,  
las ínsulas extrañas,  
los ríos sonorosos,  
el silbo de los aires amorosos,*

*la noche sosegada  
en par de los levantes de la aurora,  
la música callada,  
la soledad sonora,  
la cena que recrea y enamora.*

*Nuestro lecho florido,  
de cuevas de leones enlazado,  
en púrpura tendido,  
de paz edificado,  
de mil escudos de oro coronado.*

*A zaga de tu huella  
las jóvenes discurren al camino,  
al toque de centella,  
al adobado vino,  
emisiones de bálsamo divino.*

*En la interior bodega  
de mi Amado bebí, y, cuando salía  
por toda aquesta vega,  
ya cosa no sabía,  
y el ganado perdí que antes seguía.*

*Allí me dio su pecho,  
allí me enseñó ciencia muy sabrosa,  
y yo le di de hecho  
a mí, sin dejar cosa;  
allí le prometí de ser su Esposa.<sup>64</sup>*

<sup>64</sup> CA, Canções 13-18.

## **A ALEGRIA DO ANÚNCIO**

### **I – NAS COMUNIDADES CRISTÃS**

(De católicos praticantes a católicos enamorados)

MANUEL ANTÓNIO DA ROCHA FONTES SANTOS

Nos finais do século XVIII, com a revolução democrática, com a afirmação dos direitos do homem, com o desenvolvimento das ciências e com autonomia da razão filosófica, a religião deixou de desempenhar um papel de fundamentação da vida. A sociedade moderna emancipou-se da tutela religiosa e clerical. Mas a religião não desapareceu! Passou a fazer parte do livre consentimento do indivíduo num universo que se converteu em pluralista. Com a chegada da modernidade, o que a sociedade transmite já não é a fé, mas sim a liberdade religiosa do cidadão<sup>2</sup>.

Hoje, porém, são os próprios indivíduos que se afastam das formas herdadas de cristianismo porque elas nada dizem às suas aspirações e não dão sentido às suas vidas. Hoje assistimos a um distanciamento massivo dos indivíduos em relação ao cristianismo institucional.

Os sintomas desta crise são evidentes: diminuição do número de praticantes, menos crianças na catequese, crise de vocações sacerdotais e religiosas, comunidades envelhecidas, etc.

O que ressalta desta resistência à herança cristã da fé parece ser, sob novas formas, um regresso às sabedorias pagãs, que apresentam um equilíbrio subtil entre estoicismo, epicurismo e panteísmo.

<sup>1</sup> Painel apresentado por Padre Manuel António da Rocha Fontes Santos, pelo casal Luísa e António Marques Carvalho e pelo membro do SNEC, Lúcia Pereira, no VII Congresso de Espiritualidade, “As fontes da Alegria”, no dia 19 de Outubro de 2019 às 15:00 horas.

<sup>2</sup> Cf. Fossion, A. (2013). *El anuncio y la propuesta de la fe hoy. Retos y posibilidades*. Obtido de [https://www.academia.edu/7323477/El\\_anuncio\\_y\\_la\\_propuesta\\_de\\_la\\_fe\\_hoy](https://www.academia.edu/7323477/El_anuncio_y_la_propuesta_de_la_fe_hoy)

Estoicismo porque não há nenhum «Além» por que esperar e apenas nos devemos ater à morte e aos limites deste mundo que é o nosso.

Epicurismo, porque dentro desses limites, que são aceites, existe um caminho de felicidade que consiste em ter, na medida do possível, uma vida feliz e com prazer quanto baste, quer para mim, quer para os outros, quer para a sociedade.

Panteísmo, no sentido de que não havendo outro mundo, nem nenhum além, nem alteridade que o transcenda, que fale, chame ou possa revelar-se, o mundo, a natureza, são a única realidade que nos foi dada.

Estas novas sabedorias mantêm o cristianismo na sua recordação e a ele vão buscar valores essenciais. Mostram-se devedores e agradecidos ao cristianismo, manifestam inclusive gratidão e respeito. Mas, apesar disso, querem manter o cristianismo na margem, ou seja, à distância, para dele se poderem proteger. Estas novas sabedorias guardam na sua memória os desvios e perversões que o cristianismo manifestou ao longo da sua história e cujo gosto amargo ainda permanece nas suas consciências e nos seus corpos. Este gosto amargo tem o nome de dogmatismo, tutela clerical, pretensiosismos no saber, culpabilidade, suspeitas sobre o prazer, supremacia masculina, etc.

O Papa Francisco lembra na Evangelii Gaudium nº 90: *«Em diferentes setores da nossa sociedade, cresce o apreço por várias formas de «espiritualidade do bem-estar» sem comunidade, por uma «teologia da prosperidade» sem compromissos fraternos ou por experiências subjetivas sem rostos, que se reduzem a uma busca interior imanentista».*

E o grande drama dos nossos dias é que também este ambiente está a atingir aqueles que se dizem cristãos e que até participam da vida da Comunidade. Basta ver como se esquivam a querer assumir o seu batismo em diferentes tarefas, como não são capazes de aceitar a doutrina e as orientações da Igreja quando estão em causa valores em que não acreditam embora façam parte do Evangelho. Recordo o Papa Francisco no nº 93 da Evangelii Gaudium: *«Muitos se escondem por detrás de aparências de religiosidade, e até mesmo de amor à Igreja, quando aquilo que buscam é a glória humana e o bem-estar pessoal e não a glória de Deus».*

E continua o Papa Francisco: *«Este mundanismo pode alimentar-se de duas maneiras profundamente relacionadas. Uma delas é o fascínio do gnosticismo, uma fê fechada no subjetivismo (...) a pessoa fica enclausurada na imanência da sua própria razão ou dos seus sentimentos. A outra*

*maneira é o neopelagianismo autorreferencial, que confia apenas nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado». (EG 94).*

***Como fazer chegar a proposta do Evangelho a toda esta variedade de contextos culturais e de destinatários?***

Diz o Papa Francisco que o Evangelho se anuncia em **diálogo** com as ciências e as experiências humanas. *Um diálogo parecido com o que o Senhor teve com a Samaritana (EG 72). Logo que terminou o seu diálogo com Jesus, a samaritana voltou para a sua aldeia, tornou-se missionária, e muitos samaritanos acreditaram em Jesus devido às palavras da mulher (EG 120)*

Ainda neste nº 120, o Papa Francisco lembra que *«em virtude do batismo recebido, cada membro do povo de Deus torna-se discípulo missionário. A nova evangelização exige um novo protagonismo de cada um dos batizados. Se uma pessoa experimentou verdadeiramente o amor de Deus que o salva, não precisa de muito tempo de preparação para sair a anunciá-lo (...) Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus».*

Eis aqui a resposta para que regresse a alegria do anúncio nas comunidades cristãs: o encontro pessoal com Cristo.

Como percebemos no episódio da Samaritana, a evangelização começa sempre com um encontro de pessoa a pessoa e termina no encontro pessoal com Cristo. Jesus, num encontro com o evangelizador, envia-o a anunciar a alegria do encontro com Ele.

Evangelizar consiste, pois, em contar ao outro aquilo que Jesus fez em mim e por mim. É a minha experiência que atrai outros à alegria do encontro com Cristo.

O evangelizador põe no anúncio o mesmo amor que recebeu d'Aquele que o envia. Por isso, se a força do Kerigma se perde ou não penetrou verdadeiramente na vida do evangelizador, o anúncio apenas será, no melhor dos casos, a palavra de alguém bem informado, talvez com técnicas muito atualizadas e atrativas, mas faltar-lhe-á o testemunho de vida.

É por isso que o Papa Francisco diz: *«convido todo o cristão, em qualquer lugar e situação que se encontre, a renovar hoje mesmo o seu*



*encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, a tomar a decisão de se deixar encontrar por Ele, de o procurar dia-a-dia sem cessar (...) e aí descobrirá que Jesus já aguardava de braços abertos a sua chegada.» (EG 3)*

O primeiro anúncio parte sempre da qualidade de um discipulado bem focado no encontro pessoal com Cristo. Também o dizia o Papa Bento XVI: *«A evangelização das pessoas e das comunidades depende totalmente da existência ou não deste encontro com Cristo». Será um encontro com quem é evangelizado e com quem evangeliza».*

O primeiro anúncio é aquela ação evangelizadora que tenta propor o «coração» do Evangelho – Cristo ressuscitado, mediador da comunhão com Deus – ao coração das pessoas. Com ele começa todo o itinerário da fé, que se faz vida.

A aceitação do primeiro anúncio, que convida a deixar-se amar por Deus e a amá-l'O com o amor que Ele mesmo nos comunica, provoca na vida da pessoa e nas suas atitudes, uma primeira e fundamental reação: desejar, buscar e cuidar o bem dos outros.

Com o anúncio, chega uma proposta de vida, um itinerário de fé, no qual é oferecido um conhecimento de Cristo, um estilo de vida cristã que nos configura com o Senhor e nos comunica a graça sacramental do Batismo, Confirmação e Eucaristia. Trata-se de um itinerário que é catequético, sacramental e espiritual.

Não devemos ser uma Igreja preocupada com os números, mas uma comunidade empenhada em suscitar vidas cristãs, homens e mulheres capazes de assumir a fé como um horizonte de sentido.

E tudo em nome do Senhor, para servir o homem, para servir a sua dignidade nas suas circunstâncias pessoais e nas suas condições sociais.

Começamos, então, por reconhecer que nos nossos ambientes paroquiais, parece que nada falta, tudo está estabelecido, previsto e com hábitos muito acomodados. Acostumamo-nos a isto sem nos preocuparmos de que as pessoas que andam pelas igrejas e pelos centros paroquiais sejam sempre as mesmas. E por vezes, nem nos importamos com isso. Por isso, o que nos deve preocupar e até fazer sofrer é que não sonhemos com que em cada pessoa que frequenta as nossas comunidades, haja discípulos missionários.

Talvez seja por isso que o Papa Francisco diz que a missão, em primeiro lugar, deve acender os corações dos fiéis que regularmente frequentam a comunidade e que se reúnem aos Domingos para se nutrirem da Sua Palavra e do Pão de vida eterna.

O primeiro passo da nossa missão deve orientar-se para o crescimento dos crentes de forma a que respondam cada vez melhor e com toda a sua vida ao amor de Deus e se convertam em testemunhas diante dos outros.

Depois, há os muitos destinatários que se afastaram da família. Temos de aproximar-nos deles como irmãos. Temos de aproximar-nos, as vezes que forem necessárias, daqueles com quem temos tantas coisas em comum, por experiências vividas, por laços familiares, por amizade... Temos de aproximar-nos daqueles que se batizaram, frequentaram a catequese, até foram crismados ou pertenceram a grupos paroquiais, mas que devido a diferentes circunstâncias, não importa quais, levaram a que vivessem à margem do que ainda levam na alma como um tesouro: o Senhor, com a Sua graça, que nunca se afasta daqueles com os quais, pela fé e pelos sacramentos, entrou tantas vezes em contacto pessoal e íntimo.

Estes destinatários são pessoas batizadas que não vivem as exigências do Batismo, não têm uma pertença de coração à Igreja e já não experimentam o consolo da fé. Por isso, a Igreja, como mãe sempre atenta, deve empenhar-se para que vivam uma conversão que lhes devolva a alegria da fé e o desejo de se comprometerem com o Evangelho. Muitos desses irmãos e irmãs buscam a Deus secretamente, mesmo sem o saberem, pela nostalgia de Deus.

**A família**, dizemos nós, é o coração da sociedade. Por ela passamos todos e nela todos colocamos a nossa esperança e salvo raras exceções consideramo-la como o melhor dos bens de toda a nossa vida. Na missão da Igreja e na nossa, crianças, jovens, adultos e idosos esperam-nos na família.

A família é tão nuclear na sociedade e na Igreja que quase tudo deve fazer-se nela e com ela. Por isso é necessária uma pastoral dirigida à família, que a ajude e a acompanhe no desenvolvimento da sua própria identidade e na missão que necessariamente deve assumir. Há que evangelizar as famílias, há que oferecer-lhes o evangelho do amor e da vida. Há que as estimular e acompanhar na sua responsabilidade pela educação humana e cristã dos filhos.

Precisamos também de dar prioridade na missão aos **jovens**. Como intitula o capítulo III da Exortação Apostólica *Christus Vivit* os Jovens que são «o agora de Deus».

E a propósito dos jovens e não só, lembremos o que dizia o Papa Bento XVI em Abril de 2005: «não tenhais medo de Cristo! Ele não tira nada, ele dá tudo. Quem se doa por Ele, recebe o cêntuplo. Sim, abri de par em par as portas a Cristo e encontrareis a vida verdadeira.» (Homilia

de Sua Santidade o Papa BENTO XVI, Praça de São Pedro, 24 de Abril de 2005). Ou seja, a convicção deve marcar a nossa atitude como missionários. O Papa Francisco disse isto de outra maneira: «Não queremos jovens «fracotes», jovens que estão por aí e nada mais, nem sim nem não. Não queremos jovens que se cansam rápido e que vivem cansados, com cara de tédio. Queremos jovens fortes. Queremos jovens com esperança e fortaleza. Porquê? Porque conhecem Jesus, porque conhecem Deus. Porque têm um coração livre» (12/7/2015, viagem ao Equador, Bolívia e Paraguai)

Na missão e para a missão precisamos, pois, de **estar sempre disponíveis**. Que ninguém fique a olhar, a ver por onde param as modas, para ver depois o que é preciso fazer. Somos todos necessários. Lembremos os trabalhadores da vinha. Cada momento, cada gesto, cada celebração, cada atividade, cada conferência, deve poder contar sempre connosco. Cada vez que há algo a fazer devemos saber dizer: eis-me aqui para aquilo que fizer falta. Só assim, se perguntarão como na primitiva Comunidade: «O que é que os move?»

Para que a alegria do anúncio nas comunidades cristãs seja autêntica, e em jeito de resumo, deve:

a) Em primeiro lugar, promover entre aqueles que vivem em casa, um verdadeiro encontro com Cristo, que lhes permita deixar-se tocar como a Samaritana. Só quem se sente amado é capaz de amar.

b) Depois, sair ao encontro das pessoas no lugar em que vivem e se encontram. Não podemos fechar-nos sobre nós mesmos nem procurar a segurança nas estruturas e nas atividades já consolidadas.

c) Uma vez estabelecido o contacto, há que anunciar a mensagem do Evangelho com as palavras e com um estilo de vida que confirme a fé que se proclama.

d) Quando nos encontramos com essas pessoas, temos de saber habitar entre eles, isto é, temos de viver a problemática social em que se encontram e contribuir para a solução dos seus problemas, sempre colaborando na busca do bem comum. A este propósito, permitam-me contar uma história:

Uma vez, chegou um missionário a uma aldeia indígena. Os habitantes receberam-no com todas as atenções e dispuseram-se a escutá-lo. Disse-lhes:

- Trago-vos uma Boa Nova, a notícia de um Deus que é Pai. Ele ama muito a todos e a cada um de nós. Deseja que vivamos como autênticos irmãos, amando-nos e ajudando-nos uns aos outros.

Todos continuavam em silêncio. O missionário continuou:

- Esta notícia do amor de Deus foi-nos comunicada pelo seu Filho Jesus Cristo. Ele passou pelo mundo fazendo o bem, amando e dando a vida por todos nós.

O missionário, depois de alguns momentos de silêncio, perguntou:

- Quereis aceitar esta Notícia do amor de Deus por cada um de nós?

Foi então que o chefe da povoação respondeu em nome de todos:

- Fique connosco uns dias e, se viver verdadeiramente o que nos quer ensinar, então voltaremos a escutá-lo.

O missionário entendeu a lição. Teria de entrar nas suas palhotas, vestir-se com a sua roupa, sentar-se à sua mesa, ajudá-los nas suas tarefas, curar os doentes, comer dos seus alimentos, estar com eles na alegria e na tristeza, na angústia e na esperança, ser um irmão entre irmãos.

E assim fez. Quando as pessoas o viram a amar de todo o coração e a servir com todas as forças, começaram a acreditar que Deus é amor e que a todos nos ama.

e) Àqueles que escutem e acolham a mensagem cristã, devemos convidá-los a vir à Igreja ou a regressarem se se tiverem afastado. Para isso, as Paróquias devem estar sempre disponíveis para acompanhar e educar todos aqueles que se interessam por Cristo.

f) As nossas comunidades devem oferecer sempre caminhos de amadurecimento na fé, durante o tempo que seja necessário, com um acompanhamento personalizado e adequado.

g) O objetivo da ação missionária é o de transfigurar o rosto da sociedade, rompendo as cadeias que a tantos mantêm oprimidos e promovendo lógicas inspiradas na justiça e na misericórdia.

Durante muitos anos, em Portugal e noutros países do mundo, a alegria deste anúncio fez-se através das chamadas Missões Populares. Talvez fosse a hora, depois de tudo quanto partilhei convosco, de retomar com outra roupagem o espírito destas missões. Chamar os afastados à Igreja responde ao desafio de uma Igreja em saída como lembra o Papa Francisco.

Acredito, pois, que se poderia fazer o seguinte caminho:

a) Preparar ao nível dos que estão em casa (na comunidade) um conjunto de discípulos missionários (Animadores Missionários), que não fossem tanto, cristãos praticantes, mas cristãos enamorados por Cristo e com vontade de incendiar, de «pegar fogo» naqueles com quem se irão cruzar.

b) Fazer um levantamento das zonas da paróquia de forma a conhecer as pessoas, o contexto, as realidades sociais, as vivências religiosas, etc. Ver em cada uma dessas zonas o lugar propício para os encontros de famílias. Se as zonas forem extensas e sendo possível, poderão criar-se vários núcleos.

c) Uma vez preparados os animadores missionários, estes deverão ser enviados a essas zonas para uma caminhada em modo catecumenal. Não deve haver, do meu ponto de vista, demasiada intromissão por parte do sacerdote, pois que muitas dessas pessoas afastaram-se da Igreja pelas razões que antes apresentei. O encontro e a participação do sacerdote deverá ser apenas com os Animadores Missionários.

d) Quando o grupo estiver preparado – respeitando os seus ritmos e tempos – então poderiam ser convidados a regressar à Casa Mãe, a Igreja Paroquial. E a recebê-los deve estar a Comunidade, fazendo a festa como nos lembra o Evangelho nas parábolas da misericórdia.

Tudo isto, para ser verdade, exequível e resultar, precisa da premissa inicial: eu padre, eu leigo, devo estar totalmente apaixonado por Cristo e não querer viver essa paixão de forma egoísta, mas permitindo que outros o possam também saborear.

Trabalhoso? Por certo será. Mas se continuarmos a deixar tudo como está, mais ano, menos ano, as nossas Igrejas estarão completamente vazias e perderemos o sentido profundo da nossa vida de fé.

## BIBLIOGRAFIA

- Andrade, D. R. (2006). *Reinventar a Paróquia? Sonhar em tempo de incertezas*. S. Paulo, Brasil: Loyola.
- C.-A. d. (2008). *Documento de Aparecida*. S. Paulo, Brasil: Paulus.
- Conferência Episcopal Portuguesa. (2017). *Carta Pastoral «Catequese: A alegria do encontro com Jesus Cristo»*. Lisboa: Conferência Episcopal Portuguesa.
- Fossion, A. (2013). *El anuncio y la propuesta de la fe hoy. Retos y posibilidades*. Obtido de [https://www.academia.edu/7323477/El\\_anuncio\\_y\\_la\\_propuesta\\_de\\_la\\_fe\\_hoy](https://www.academia.edu/7323477/El_anuncio_y_la_propuesta_de_la_fe_hoy)
- Papa Bento XVI. (24 de Abril de 2005). *Homilias*. Obtido de Vaticano: [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf\\_ben-xvi\\_hom\\_20050424\\_inizio-pontificato.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2005/documents/hf_ben-xvi_hom_20050424_inizio-pontificato.html)
- Papa Francisco. (2013). *Evangelii Gaudium, A Alegria do Evangelho*. Lisboa: Paulus.
- Papa Paulo VI. (2008). *Evangelho aos Homens de Hoje, Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*. Braga: Apostolado da Oração.
- Perea, J. m. (s.d.). Obtido de Pastoral Juvenil, Salesianos: [www.pastoraljuvenil.es/la-fe-fuente-de-alegria-y-esperanza/](http://www.pastoraljuvenil.es/la-fe-fuente-de-alegria-y-esperanza/)
- Suess, P. (2015). *Dicionário da Evangelii Gaudium*. Lisboa: Paulus.

## II – NA FAMÍLIA (Movimento Encontro Matrimonial)

LUÍSA E ANTÓNIO MARQUES DE CARVALHO

### **Introdução**

**TÓ:**

Boas tardes.

Queremos começar por agradecer ao Senhor Padre Joaquim Teixeira o convite para vos vir falar de Espiritualidade no contexto da Família.

A nossa intenção é desenvolver o seguinte:

- O sonho de Deus para nós: Matrimónio como vocação
- Matrimónio, centro da Família
- A Decisão de Amar / Matrimónio como Aliança
- Espiritualidade, caminho na imperfeição

**LUÍSA:**

Boa tarde a todos,

Queríamos dizer-vos brevemente quem somos:

Eu sou a Luísa casada com o António há 51 anos e a qualidade que mais apreciei no Tó nestes dias tem sido a sua ternura para comigo.

No Padre Rocha que faz connosco Equipa Eclesial desde 2014 apreciamos a sua inteligência e o seu amor por nós. E os três pertencemos ao Movimento World Wide Marriage Encounter (Encontro Matrimonial).

Eu e o Tó conhecemo-nos aos 12 anos de idade quando a minha família mudou de residência e, à saída da Missa, os nossos pais, que só se conheciam profissionalmente, apresentaram mutuamente as respetivas famílias.

**TÓ:**

Eu sou o António. Foi amor à primeira vista e passei a frequentar a casa da Luísa, até lhe pedir namoro quando fez 16 anos.

Naquela época, e nas nossas famílias, namoro era uma coisa séria, e queria dizer que nos queríamos conhecer melhor para ver se poderíamos tornar-nos noivos.

Isso aconteceu quando fizemos 21 anos e teve a solenidade de pedido entre as famílias, com uma festa para a qual convidámos a família e os amigos mais próximos.

Não sei se alguém faz isso hoje!!!

### **LUÍSA:**

Pediram-nos para falarmos sobre a espiritualidade na família, mas a família envolve um conjunto de relações e muitas emoções que se vão concretizando ao longo do dia e em que intervêm reacções diversas, seja entre os cônjuges, com os filhos, com os amigos, nas férias, na forma de gastarmos o nosso dinheiro, etc.

Assim eu começaria por partilhar que a Alegria do anúncio da Boa Nova do amor tem que começar em casa, **no casal**. No seu amor um ao outro, visível para os filhos, na família mais alargada, perante amigos e mesmo estranhos.

Temos que ser sinal no sentido de “vede como eles se amam”.

Mas vou começar por nós.

Namorámos muitos anos. Foi um namoro muito responsável, já que tínhamos que esperar bastantes anos pelo grande dia.

Também queríamos fazer parte do sonho do Vaticano II e fomo-nos oferecer na nossa Paróquia para ser catequistas, ambos com 17 anos. Claro que pertencíamos também a um grupo de jovens e vivemos o CPM.

Quando casamos, o nosso SIM foi assumido como um compromisso de amor para toda a nossa vida.

E vivemos os nossos primeiros anos de casados com um amor alegre. Esperávamos o fim do dia para um grande abraço, em que eu corria para a porta quando ouvia o carro chegar. Expressava assim o meu amor na linguagem do contacto físico, que hoje é muito usual, mas, naquele tempo, era muito contida.

### **TÓ:**

Casámos aos 23 anos e tivemos 3 filhos, 2 rapazes e 1 menina, e agora já temos 6 netos que vão dos 6 meses aos 29 anos.

Como dissemos, somos membros do Movimento Encontro Matrimonial desde 1983, pouco depois de ele ter chegado a Portugal. É um movimento católico, vocacionado para a relação de amor, em casal e dos sacerdotes e religiosos com a sua comunidade.

O Encontro Matrimonial celebrou 50 anos em 2018 e dedica-se a promover a relação conjugal e a relação dos sacerdotes e religiosas com as suas comunidades, ou seja, a viver a alegria do amor nas respetivas vocações. É, portanto, um resultado da abertura do Concílio Vaticano II, **propondo uma evangelização pelo testemunho.**

Quando o nosso Movimento Encontro Matrimonial foi convidado para participar numa reunião preparatória do Sínodo da Família pelo então presidente do Dicastério da Família, Monsenhor Paglia, uma das surpresas que tive foi dar-me conta que havia mais de uma centena de movimentos da família, dos quais 85 participaram ativamente na reunião em Roma.

No decorrer dos trabalhos Monsenhor Paglia revelou uma segunda surpresa: o Magistério da Igreja tinha mais de 1000 páginas escritas sobre a família, mas praticamente nada sobre a espiritualidade do amor conjugal.

O Sínodo procurou corrigir essa lacuna e, logo depois, a exortação apostólica “*Amoris Laetitia*” pôs o dedo na ferida.

*AL 315-316 (pg. 213)* – “...A espiritualidade do amor familiar é feita de milhares de gestos reais e concretos. ...e encarna-se na comunhão da família.”

### **LUÍSA:**

No início da nossa vida matrimonial era fácil expressar o nosso compromisso de amor em qualquer das linguagens em que é usual fazê-lo:

Palavras de confirmação das qualidades do outro,  
Organização de Tempos de qualidade,  
Dar e receber presentes,  
Contacto físico, ou  
Atos de serviço.

Mas após esse entusiasmo dos primeiros anos de comunhão familiar, muitos momentos passaram a ser banais e, a pouco e pouco achei que já não fazia sentido esta urgência de correr para a porta a abraçar o Tó, ou o confirmar-lhe o que mais nele me agradava ou a agradecer-lhe um qualquer apoio na lida da casa.



O tempo disponível passou a ser mais importante para os filhos e só depois para nós.

Dávamo-nos bem, mas eu já não punha o Tó em primeiro lugar na minha vida, e íamo-nos conformando com a rotina que chegou de mansinho e se instalou.

Um dia fomos convidados, por um sacerdote amigo, para viver um FDS do movimento católico Encontro Matrimonial, recém-chegado a Portugal.

E aí nesse FDS comecei a vislumbrar onde estávamos como pessoa e como casal, e a revigorar o nosso amor.

Um amor alegre, como tínhamos antes, era possível e reencontrámo-lo, recomeçando um estilo de vida dialogante, apoiando-nos naquilo que chamamos as três vias reais de presença:

- Dialogar
- Fazer amor
- Orar juntos

Descobrimos que amar o outro está nas nossas mãos; não é esperar que ele venha ao nosso encontro, mas é tomar diariamente a decisão de amar.

### **TÓ:**

Como já referimos antes,

*AL 315-316 (pg. 213)* – “...A espiritualidade do amor familiar é feita de milhares de gestos reais e concretos. ...e encarna-se na comunhão da família.”

Pode por isso afirmar-se que a vida diária é um caminho de realização e de santidade.

O que é, porém, inovador neste enunciado é afirmar que é uma vida partilhada, no casal e na família e não apenas uma senda individual. Essa era a tónica anterior ao Concílio Vaticano II, e que esse mesmo Concílio só muito prudentemente retificou, não acentuando o conceito de **relação** que está subjacente à constituição e manutenção da família.

Já a *AL* diz claramente que “a Trindade está presente no templo da comunhão matrimonial” (*AL 314*) revelando que esta espiritualidade se constrói em casal.

### **LUÍSA:**

O SONHO DE DEUS PARA NÓS

De que espiritualidade se trata?

Na *Lumen Gentium* 31 já podia ler-se que “a espiritualidade do casal tem a sua própria identidade na Igreja, isto é, resulta de viver o sonho de Deus para o homem e para a mulher, na vivência da sua **vocação**, tal como sucede com o amor célibe escolhido pelos sacerdotes e religiosos”.

E o sonho de Deus, ensinou-nos Jesus Cristo, baseia-se nos Conselhos Evangélicos de Pobreza, Obediência e Castidade.

Com eles podemos gerir bem os três instintos vitais (Ter, Poder e Sexualidade).

Foram esses Conselhos que inspiraram muita da vida consagrada.

### **TÓ:**

**Mas** a vida monástica, na Idade Média, forneceu um modelo de espiritualidade que parecia confinar-se ao afastamento do quotidiano, do mundo.

A vida do monge era o modelo para seguir Cristo: os monges eram os “espirituais”.

Os leigos eram os “carnais” e, para deixarem de ser **imperfeitos** tinham de procurar imitar, o mais possível, os que se afastavam do mundo, ou seja, ser o menos mundanos possível.

Pessoalmente custa-me aceitar que o Criador do Mundo tenha para mim, como projeto, que eu me afaste desse mundo, não participando na sua dinâmica.

(Ser Contemplativo é respeitoso para com o Criador, mas para mim, é pouco. Eu sou chamado a ser colaborador, a ser transformador)

Na sociedade líquida em que vivemos neste primeiro quartel do Século XXI, parar é morrer.

(O lema da minha cidade é: “Amadora, sempre em movimento”; agora até a rádio Renascença se diz “uma rádio em movimento”)

### **A SOCIEDADE LÍQUIDA** (Zygmunt Bauman)

Gostemos ou não, a sociedade atual, no mundo ocidental é:

- ***Ativista, mas instável, sem durabilidade*** (cultura do provisório, do descartável)
- ***Imediatista, mas descomprometida*** (narcisismo)
- ***Individualista, mas precisando de relações, de amar e se sentir amado***
- ***Relativista, mas sem empatia***

- *Visual e “transparente”, mas superficial*
- *Conectada, mas com fraco sentido de Comunidade* (Sem ser Pertença)
- *Positiva, mas incapaz de encarar as dificuldades* (sem Resiliência)

Estas características têm sempre duas faces: são positivas por um lado, mas negativas por outro.

Por exemplo, a afirmação do valor do indivíduo levou a maior respeito pelas pessoas, pelo seu valor intrínseco, teve como consequência maior igualdade, etc.

Hoje as autoridades nas sociedades ocidentais já não olham para o cidadão como carne para canhão ...

O outro lado da moeda é o exagero dos direitos e desprezo pelos deveres, uma competição exacerbada, ...

### **LUÍSA:**

Na sociedade líquida é dada prioridade à independência sobre a autonomia. Ambas têm em comum a noção de liberdade, mas na independência a liberdade está extremada e na autonomia a liberdade pessoal é negociada com a liberdade alheia.

O ideal seria viver relações de **interdependência**, com uma sã repartição do poder (isso exige partilha clara e franca de informação, de verdade e confiança, num projeto comum com objetivos concretos).

A autonomia adquire-se na maturação de um percurso que evolui da dependência (por ex. infantil) ou da independência (de estranhos que desejam entrar em relação), até à interdependência, por avanços e recuos, ou contradições, firmando, passo a passo, confiança para negociações dos equilíbrios da interdependência.

Neste mundo líquido as pessoas temem que as relações levem a perda da sacrossanta liberdade, mas temem também a solidão. Se fosse possível só viveriam o que na relação é agradável ou compensador e afastariam as contrariedades ou o sofrimento. Como não podem ter só um lado da relação, preferem não se comprometer e as relações pessoais são substituídas por conexões que se desligam mal ameaçam desilusão.

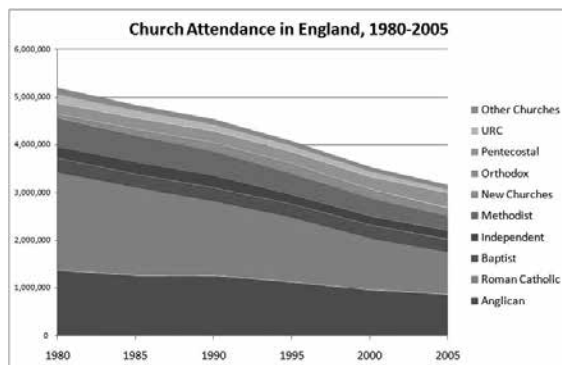
Não foi neste contexto que eu nasci e cresci, mas agora é assim, muito como resultado do pós-modernismo.

É uma sociedade cheia de ambiguidades, para não dizer contradições.

**TÓ:**

### **Declínio da prática religiosa (n.º 43)**

Escolhemos o caso do Reino Unido para ilustrar esse declínio, por ser bastante completo:



**LUÍSA:**

Não é caso para desesperar! Isto não é assim em todo o mundo. Estivemos por exemplo há uns anos em HO-CHI-MIN ou, como se dizia antigamente, Saigão, no Vietnã, onde os católicos são católicos, vivem a sua fé e espiritualidade com grande profundidade e sem medo do “ridículo”, como aqui chamaríamos se nos vissem todos os dias no largo da Igreja, lá no largo da Catedral, todos de joelhos a rezar o terço. Também é comum participarem na Eucaristia diária, antes de irem para o trabalho. As missas começam durante a semana às 06h00.

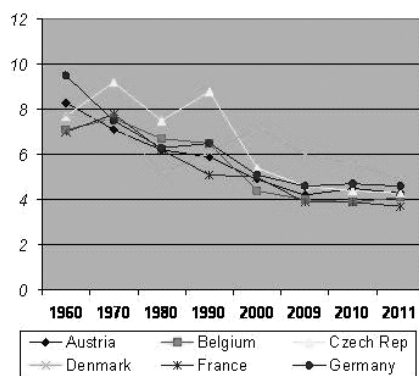
Uma outra nossa experiência foi em Singapura, há uns 4 anos. Foi semelhante. Uma fé incarnada, a Eucaristia é precedida de um encontro da comunidade para o pequeno almoço. (Aqui a ASAE, não permitiria). Muitos fazem questão de tomarem o pequeno almoço juntos no salão da igreja.

Momento de encontro da família e das famílias. As Igrejas estão cheias, os cânticos são muito bem cantados com muitos jovens nos coros. Também a oração antes das refeições não é feita só em casa em família: se forem ao restaurante fazem-no aí também. No mês de Maio o Rosário e a procissão de velas na noite do dia 12 também se faz com milhares de pessoas. Ainda este mês nos enviaram vídeos da celebração do milagre do Sol!

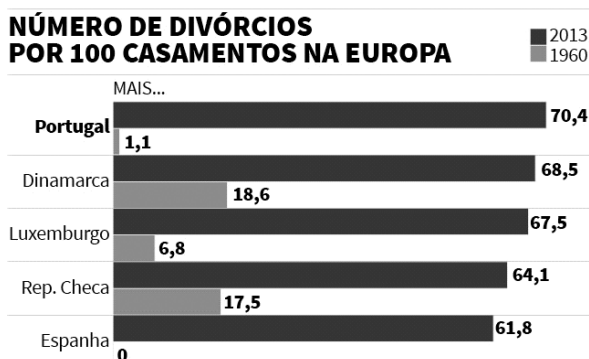
**TÓ:**

Porém **A SITUAÇÃO ATUAL DA FAMÍLIA** ainda está muito abalada e são muito poucos os que se abalançam a assumir compromissos duradouros e a casar-se, mesmo só pelo civil. Em 30 anos a taxa de casamentos em Portugal caiu para metade e o mesmo se passa por essa Europa.

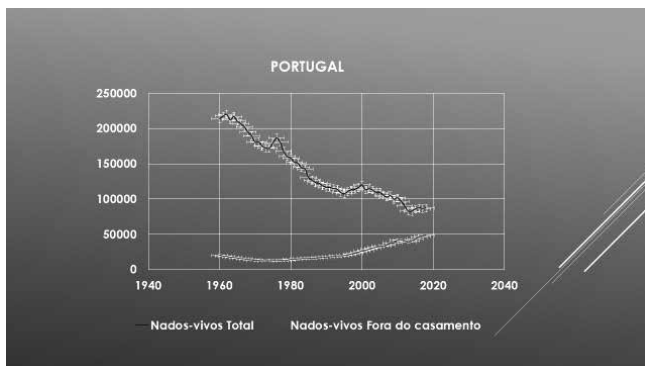
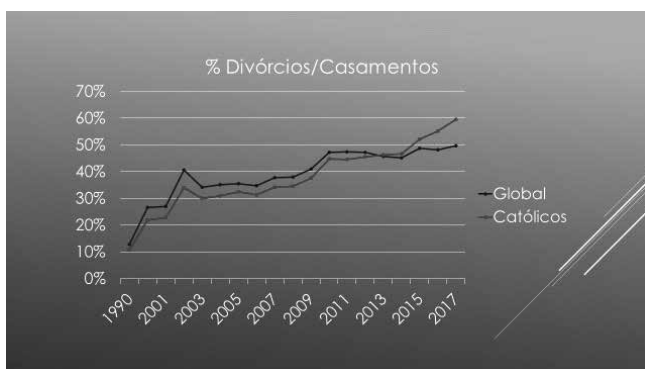
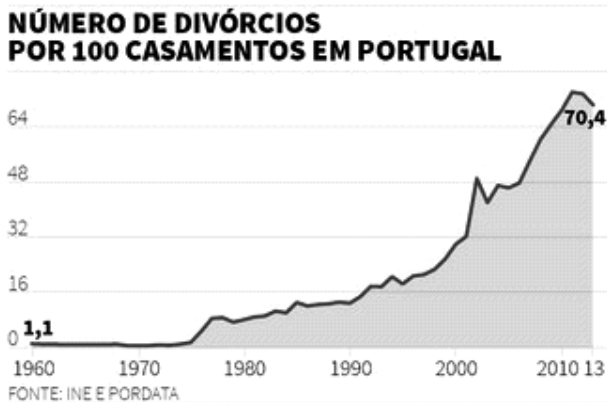
Em Portugal é talvez ainda pior:



A ligeireza de muitos enlaces tem consequência no aumento dos divórcios:



Conjugando a baixa taxa de casamentos e o aumento dos casamentos que acaba em divórcio, existe no nosso país um triste recorde de famílias desfeitas:



E não se afigura que os católicos sejam mais resilientes que os de outras confissões ou não-religiosos.

O panorama parece desolador se pensarmos nos filhos que não beneficiam de famílias completas:

### FAMÍLIAS MONOPARENTAIS

#### PORTUGAL

**1992      203.654**

**2016      436.375**

#### Filhos fora do Matrimónio

1960      20.221      11% dos nascituros

2016      45.972      56%

A elevada percentagem de filhos fora do matrimónio é devida essencialmente à redução brutal dos nascimentos totais e não tanto ao aumento dos nascimentos fora de qualquer união, a despeito do aumento das famílias monoparentais.

#### **LUÍSA:**

Porém, não é caso para nos deixarmos abater, pois, na Europa, apenas a Polónia tem maiores índices de prática religiosa entre jovens do que Portugal.

Na nossa Europa alguns países apresentam esmagadoras maiorias de pessoas que não se identificam com qualquer crença.

[Destacam-se, neste ponto, a República Checa, com 91%, a Estónia, com 80% e a Suécia, com 75%. No Reino Unido e em França, uma grande maioria dos jovens também não se identificam com qualquer religião: 70% e 64%, respetivamente.]

#### **Países católicos mais resistentes**

Ao olhar para estes números, fica claro que existem “duas europas” bastante diferentes e que essa diferença não se explica pela geografia.

Por um lado, há uma maioria de países muito fortemente secularizados, como os países escandinavos, da Europa de Leste (como República Checa e Estónia) e também na Europa Ocidental, como são os casos de

Espanha e de França. Por outro, uma minoria de países que vai resistindo a esta tendência. No grupo, inclui-se Portugal, Irlanda e, sobretudo, a Polónia, mas também a Lituânia, a Eslovénia e a Áustria. Nestes três casos, os índices de prática religiosa são muitíssimo menores do que o número de pessoas que se identifica como cristã.

Todos os países que ainda apresentam maiorias confortáveis de cristãos são tradicionalmente católicos.

Daí que sejam muitos e complexos os desafios para quem deseja ver o triunfo do Amor na vida quotidiana.

O Papa enuncia e aponta propostas Pastorais para vários desses desafios nos capítulos VI a IX da *Amoris Laetitia*, para os quais chamamos a vossa atenção.

**O principal risco é que numa sociedade líquida as instituições perdem força, dissolvem-se e...**

Diz o Papa:

• **AL32. ... «estamos conscientes da direção que vão tomando as mudanças antropológico-culturais, em razão das quais os indivíduos são menos apoiados do que no passado pelas estruturas sociais na sua vida afetiva e familiar»**

• **AL35. Como cristãos, não podemos renunciar a propor o matrimónio, (...); estaríamos a privar o mundo dos valores que podemos e devemos oferecer.**

• **AL36. Ao mesmo tempo devemos ser humildes e realistas, para reconhecer que às vezes a nossa maneira de apresentar as convicções cristãs (...) ajudaram a provocar aquilo de que hoje nos lamentamos, pelo que nos convém uma salutar reação de autocrítica.**

• **... muitas vezes apresentámos de tal maneira o matrimónio que o seu fim unitivo, o convite a crescer no amor e o ideal de ajuda mútua ficaram ofuscados por uma ênfase quase exclusiva no dever da procriação.**

• **AL 37. ...Temos dificuldade em apresentar o matrimónio mais como um caminho dinâmico de crescimento e realização do que como um fardo a carregar a vida inteira.**

• **AL 38. ... muitas vezes agimos na defensiva e gastámos as energias pastorais multiplicando os ataques ao mundo decadente, com pouca capacidade de propor e indicar caminhos de felicidade.**



• **AL 40. Correndo o risco de simplificar, poderemos dizer que vivemos numa cultura que impele os jovens a não formarem uma família.**

### **TÓ:**

No nosso Movimento Encontro Matrimonial pretendemos desafiar os jovens a acreditar no amor e na sua capacidade de serem felizes, como casados ou como consagrados ou sacerdotes, mas temos que reconhecer que de momento, não estamos a ganhar a batalha, pois os seminaristas escasseiam e os noivos também estão em extinção.

O que vemos na nossa sociedade ocidental....

Uma vida espiritual desligada da vida real, sob o pretexto da interioridade, não deve ser o nosso estilo de vida, pois, como aconselha a “*Evangelii Gaudium* (261)” a espiritualidade é dar espírito à nossa vida.

No nosso Movimento o que fazemos para reduzir a distância entre o sonho, o nosso ideal, e a vida real?

Propomos um caminho de reflexão e avaliação periódica do que se passa em nós, começando com um encontro connosco mesmos, com o nosso padrão de comportamento no que respeita à forma como acolhemos e escutamos o outro, como recebemos e reagimos às pressões do nosso quotidiano, quer externas quer internas, uma caminhada para progressivamente passar do medo à confiança e à abertura ao diálogo, à oração comum e a uma intimidade responsável.

E responsável quer dizer que nos cabe a nós assumir os compromissos necessários para converter os nossos anseios de felicidade em realidades, satisfazer as nossas necessidades de relação (amar e ser amado, ser pertença, ser válido e ser autónomo).

## **A ESPIRITUALIDADE DA CAMINHADA NA IMPERFEIÇÃO**

Diz a *Amoris Laetitia*:

AL 113 – “O Amor convive com a imperfeição”

Parece contraditório conjugar espiritualidade com imperfeição.

[Há uns anos atrás, procurando no site do Vaticano referências para esta conjugação do conceito de imperfeição com a espiritualidade matrimonial tive a desagradável surpresa de não encontrar indicadores que me guiassem, a despeito da abertura do Vaticano II]

Durante muito tempo associou-se de tal modo a espiritualidade com o objetivo da perfeição que, de tanto se fixar o olhar no objetivo não se vislumbrou muito bem o caminho, a não ser para nos recriminarmos pelas falhas e insuficiências.

A espiritualidade da caminhada na imperfeição é um caminho pessoal, mas também é comunitário. Tenho para mim que a salvação em isolamento é ilusão; é dar razão a Sartre quando afirma que o Inferno são os outros. Deus testemunha-nos todo o oposto, querendo-nos comunitários na caminhada para os Céus. E por isso é positivo participar em Movimentos que nos propõem revisão de vida, avaliação dos nossos sucessos e fracassos para aperfeiçoar a nossa decisão de amar, o nosso compromisso de relação eterna.

Esta caminhada é a dos pequenos passos da vida diária, com os outros, vivendo a nossa vocação, o nosso estilo de vida, matrimonial, consagrada, sacerdotal, etc.

E na nossa vida quotidiana temos que aprender a gerir os nossos dons e as nossas imperfeições ou insuficiências.

Aceitar a imperfeição não é encontrar desculpas para a preguiça ou conformismo, nem para as nossas imperfeições nem para as dos outros:

**AL 113 – “... é possível aceitar com simplicidade, que todos somos uma complexa combinação de luzes e sombras. O outro [...] ama-me como é e como pode, com os seus limites, mas o facto do seu amor ser imperfeito não significa que seja falso ou que não seja real.”**

### **LUÍSA:**

Temos que aprender a viver o dia-a-dia com as nossas diferenças.

Eu não sou o Tó, e o Tó não é a Luísa.

Somos dois seres diferentes, com histórias familiares diferentes.

Quando casámos já éramos diferentes, mas esperávamos que fosse o outro a mudar.

Tínhamos uma abertura grande, mas falávamos muitas vezes linguagens diferentes, ou seja, eu sou emotiva e romântica e o Tó era todo razão.

Então muitas vezes para não nos zangarmos deixávamos o nosso “diálogo” a meio e cada um ficava na sua. Eram sobretudo dois monólogos.

Agora sabemos que o nosso diálogo tem que ir até às raízes do que estamos a viver, sejam momentos de alegria, tão importantes para nós e a que dantes não dávamos a mesma importância por acharmos natural, sejam os de tristeza ou raiva esses sim deixavam marcas, mas sempre com o nosso sim presente, substituíamos pela tolerância.

Tolerância é bom ... mas não é viver em plenitude.

Viver o nosso sacramento com alegria, deixa os nossos filhos seguros. Eles sentem que há um teto onde se podem refugiar, os nossos braços e o nosso coração. Mas isto só se deu por termos vivido um FDS e continuarmos ligados a uma comunidade de amor que sabe escutar acolher onde quer que estejamos na nossa relação.

Esta segurança do amor do Tó por mim, leva-me a que eu seja também para o Tó um porto de abrigo onde ambos somos os pilares um do outro.

Em momentos de desilusão, como, por exemplo, quando um dos nossos filhos nos comunicou que se ia divorciar, ficámos os dois surpreendidos, chocados e a perguntarmo-nos onde tínhamos errado?

Quando pudemos os dois chorar e depois fomos capazes de ir os dois ao seu encontro dissemos-lhe que estávamos, tristes, mas que isso não diminuía o nosso amor de pais.

Abraçamo-nos e chorámos juntos, solidários nesse fracasso.

### **TÓ:**

Se repararmos no sentido de ser perfeito que o Evangelho nos transmite, damo-nos conta que é feito de ternura, compaixão, perdão e misericórdia.

Viver o caminho da imperfeição é viver uma espiritualidade de carência, de ser inacabado, incompleto.

Trata-se de um caminho de unidade na complementaridade, na entreadjudá, no companheirismo, no acolhimento, na tolerância.

Necessitamos de nos olhar a nós próprios e reconhecer o que nos falta, os domínios em que somos pobres (ou nos vamos empobrecendo e enriquecendo com a idade), em que estamos dececionados connosco mesmos, aquilo que nos faz sofrer e limita a nossa abertura aos outros; necessitamos revelar isso, com verdade e sem medo, a outros que fazem connosco a sua caminhada e, juntos, avançar.

**LUÍSA:**

Com o passar dos nossos 51 anos de casados, continuamos enamorados.

Refilamos um com o outro é certo, mas isso nunca pôs em questão sequer uma zanga.

Quando partilhamos diariamente o que vivemos, não deixamos “lixo” acumular-se. Pelo contrário muitas vezes aquilo que nos entristeceu nesse dia ao partilhá-lo damo-nos conta de como empolámos uma situação, ou uma palavra com um tom mais duro sem importância, mas que na altura me pareceu ofensiva.

Os sentimentos não se controlam, não são bons ou maus. O que é bom ou mau é o que fazemos com eles.

Tudo isto para vos dizer que ao longo dos anos tentamos sempre, umas vezes melhor, outras, pior, ser sinal do amor de Cristo, na nossa família, com os nossos amigos, na Comunidade.

Cabe a cada um de nós viver o nosso Sacramento com alegria. Senão como vamos dizer aos noivos e à gente nova que é bom ser casado.

Devemos viver o nosso sacramento como se fosse uma aventura: todos os dias são diferentes, mas devemos estar dispostos a fazer desta aventura um marco na nossa vida. Isso dá-nos juventude de espírito, faz-nos sentir vivos e felizes.

**TÓ:**

Da Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris Laetitia* – “O Deus Trindade é comunhão de amor; e a Família, o seu reflexo vivente.” (AL 11).

Na opinião do Professor Juan Ambrósio, da Universidade Católica, no que ao Matrimónio e Família diz respeito, existe um antes e um depois da *Amoris Laetitia*. Somos da mesma opinião.

A principal reflexão assenta na certeza de que o amor dos esposos se torna manifestação do amor de Cristo pela Igreja. É sacramento por ser sinal desse Amor no dia-adia. Particularmente perante os filhos.

- O Casamento é um precioso e feliz acontecimento

Na realidade, conhecemo-nos, cruzamo-nos uns com os outros (conectamos e desconectamos), mas raramente nos encontramos (ligação/relação).

Ora o *eu* do ser humano não é um *eu em si* que depois se modifica na presença do outro; é um *eu a acontecer* na medida em que se relaciona com o *tu*. A família é o lugar privilegiado do encontro. O *nós* não é simplesmente a soma do *eu* e do *tu*.

- O Casal e a Família são uma experiência de encontro.

Citando o Papa Francisco: “Por muito ferida que possa estar uma família, ela pode sempre crescer a partir do amor (AL 53). E continua citando a *Amoris Laetitia*: “Talvez a maior missão de um homem e uma mulher no amor seja esta: a de se tornarem um ao outro mais homem e mais mulher” (AL 221). A chave está na ternura, como gesto mais importante na vida de um casal e de uma família.

- Face à realidade, que atitudes e respostas?

Partindo da realidade, o caminho tem que estar centrado no bem que Deus quer para cada um de nós, isto é, olhando para o amor, a sexualidade, o casamento e a família como uma realidade boa da criação de Deus.

E este caminho está sinalizado:

acolher todos, acompanhar cada um, discernir cada situação e integrar a vida da comunidade. Só desta forma conseguimos adquirir que “O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja” (AL 31)

Muito obrigado pela vossa atenção.

## BIBLIOGRAFIA

Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*, *A Alegria do Evangelho*, Primeira exortação apostólica do Papa Francisco, Ed. Paulus, Lisboa, 2013.

Papa Francisco. (2016), *Amoris Laetitia*, *A Alegria do Amor*. Lisboa: Paulus.

Papa João Paulo II. (1981), *Familiaris Consortio*, *A Família Cristã*. Braga: A.O.

Ángel Lopez Cantero SF. (2017), *Matrimonio, corazón de la Familia*, Madrid: PPC Edit.

### III – NA ESCOLA

LÍGIA PEREIRA

#### INTRODUÇÃO

A família desde sempre foi e continuará a ser, mesmo que muitas vezes substituída, o núcleo fundamental da construção da identidade pessoal. Hoje olhamos para os rostos anónimos daqueles que por nós passam e vemos, muitas vezes, a tristeza no seu olhar. Os nossos jovens sofrem depressões constantes, crises de identidade, numa procura incessante por algo que nem sabem bem identificar. Até quando? A procura não cansa, cansa é o não encontrar respostas para construir um caminho que deve ser sentido como nosso, de cada um e parte do de todos.

Vivemos numa sociedade que aspira ser mais humanizada e humanizante, mas não é por casualidade que nos sentimos, várias vezes, perdidos no seio desta comunidade que se diz global e nos incita a ser globais. O Homem vive, hoje, na verdade, uma mudança profunda, que é vivida e operada no centro da mesma sociedade. Mas, sendo o ser humano um ser sempre em relação, relacionamo-nos com tudo e com todos, fazendo com que a relação pessoal e social seja atingida pelas constantes alterações e novidades próprias das sociedades *globalizadas*. Em circunstâncias de incerteza e variedade de escolha, “as noções de confiança e de risco têm uma aplicação especial”<sup>1</sup>.

Ouso dizer que vivemos numa cultura de risco. Não no sentido de arriscado, mas no sentido de correr riscos, tirar consequências não desejadas, mas já planeadas.

“O agravamento do risco social na contemporaneidade relaciona-se com a emergência de novos fatores de incerteza e de imprevisibilidade que reduzem inelutavelmente a capacidade de resposta no quadro de sistemas

<sup>1</sup> Anthony GIDDENS, *Modernidade e Identidade Pessoal*, ed. Celta, Lisboa 2001, 3.

institucionalizados”<sup>2</sup>. As sociedades de risco, como Beck<sup>3</sup> as classificou, distinguem-se precisamente pela presença crescente de consequências não esperadas, nem desejadas, do processo de modernização e pela generalização da insegurança.

Esta sociedade de risco gera desigualdades sociais, toleradas ou intoleráveis, que nos levam à reflexão sobre a insegurança atual e a incerteza do futuro. Bauman considerou estas desigualdades um registo estrutural no cepticismo, construído pela edificação da modernidade, sobre a capacidade de construção e de reconstrução das identidades sociais<sup>4</sup>. O risco está, não só associado a questões consequenciais da globalização ao nível do ambiente, mas também à desagregação de grupos e práticas sociais que eram estáveis e unificadas. Esta desagregação levou ao aparecimento de novas comunidades, novos comunitarismos, grupos quase tribais<sup>5</sup>.

Com o processo constante de personalização, o individualismo sofre um *aggiornamento* que se designa como narcísico<sup>6</sup>. Estamos perante uma sociedade moderna que foi invadida pela produção, pela revolução e pela expressão<sup>7</sup>. Duas tendências contrárias trabalham na sociedade. Uma excita, fomenta os prazeres imediatos. O hedonismo exprime, assim, e intensifica a cultura individualista do presente, desqualifica o valor do trabalho, contribui para a dessocialização, destrói e marginaliza dando desvantagem às minorias étnicas das grandes metrópoles. A outra, privilegia a gestão “racional” do tempo e do corpo, o profissionalismo em todas as coisas, a obsessão do excelente e da qualidade, da santidade e da higiene. O hedonismo aqui associa-se à informação multiserviços, a autoprodução narcísica higiénica e desportiva, à organização racional e do prazer<sup>8</sup>.

## 1. Individualismo e Relação Social

Assistimos a um processo de desestruturação e de reestruturação das relações sociais. A relação pessoa/grupo tem vindo a debilitar-se, o que

<sup>2</sup> Pedro HESPANHA, *Mal-Estar, risco social e políticas sociais*, in Boaventura SOUSA SANTOS, *Globalização. Fatalidade ou Utopia?*, ed. Afrontamento, Porto 2001, 165.

<sup>3</sup> Cf. Ulrich BECK, *Risk Society. Towards a New Modernity*, “Sage”, Londres 1992.

<sup>4</sup> Cf. Zygmunt BAUMAN, *Intimations of Postmodernity*, Londres, Sage.

<sup>5</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>6</sup> Cf. Gilles LIPOVETSKY, *A era do Vazio*, Relógio d’Água, Lisboa 1989, 13.

<sup>7</sup> Cf. *Ibidem*, 15.

<sup>8</sup> Cf. Gilles LIPOVETSKY, *Le Crépuscule du devoir*, ed. Gallimard, Paris 198,71.

leva a uma perda da subjetividade, enquanto dimensão social do homem. O homem, com o esvaziamento do transcendente e de uma ordem de valores objetiva, sente-se, muitas vezes, habitando *um vazio*. “Num sistema organizado segundo o princípio do isolamento ‘suave’, os ideais e valores públicos não podem deixar de declinar, enquanto permanece apenas a demanda do ego e do seu interesse próprio, o êxtase da libertação pessoal, a obsessão do corpo e do sexo”<sup>9</sup>.

O homem dos nossos dias é vulnerável. Encontra-se constantemente em busca de si próprio, obcecado por si mesmo, frágil a qualquer obstáculo externo. Não é de admirar que o número de depressões e esgotamentos nervosos tenha vindo a aumentar. O ser humano encontra-se sozinho, preso na rotina do dia-a-dia, da luta por um emprego estável e quando pára, depara-se com uma nova realidade: está sozinho, desenvolveu o egoísmo e não sabe para onde ir.

Porém, devemos recuar um pouco e refletir nas origens deste individualismo e nos fenómenos das massas. “No processo de libertação, por que passou a sociedade nos tempos modernos, o distanciamento em relação ao meio ambiente e o desenvolvimento da autonomia pessoal aparecem simultaneamente como negação de opressões do passado e como afirmação de uma nova forma de ser e estar no mundo”<sup>10</sup>.

Ao longo dos anos assistimos a uma diminuição dos grupos de apoio, o que favorece a sensação de vazio e solidão, mas ao mesmo tempo favorece, também, o sentimento individual de libertação em relação à consciência coletiva. Estamos perante um processo de desestruturação e reestruturação das relações sociais.

Uma relação social que se vem revelando neutra e vazia, convivendo com uma cultura media/mediática. A sociedade favorece, desta forma, relações muito “coloridas” e “agradáveis”, narcísicas, que favorecem a vontade de se viver só, indiferente aos outros<sup>11</sup>.

Não causa, assim, espanto algum, que as relações sociais se vivam de forma aparente, superficial, onde mais do que relacionar-se interessa consumir, viver intensamente os tempos livres e afirmar-se pessoalmente.

<sup>9</sup> Gilles LIPOVETSKY, *A era do Vazio*, Relógio d'Água, Lisboa 1989, 41.

<sup>10</sup> António TEIXEIRA FERNANDES, *Para uma sociologia da cultura*, ed. Campo das Letras, Porto 1999, 37.

<sup>11</sup> Cf. Christopher LASH, *Le complexe de narcissisme*, Robert Laffont, Paris 1980.



As “relações humanas, públicas e privadas, tornaram-se relações de dominação, relações conflituais, assentes na sedução fria e na intimidação”<sup>12</sup>.

Esta massificação constante é naturalmente acompanhada pela relativização das culturas.

Não podemos dizer que tudo se esvazia, mas sim que a relação privada tenta colmatar a relação social, não com afetividade pura, mas com investimento no reconhecimento íntimo, não tendo como objetivo um estatuto social, mas sim o agradar aos outros, ser aceite, querido e desejado. O espaço privado “perde as suas amarras convencionais e torna-se uma dependência narcísica onde cada um não descobre mais do que aquilo que ‘deseja’: o narcisismo não significa a forclusão de outrém, designa a transcrição progressiva das realidades individuais e sociais no código da subjetividade”<sup>13</sup>.

Para Goffman<sup>14</sup> mais do que falar em subjetividade, deve falar-se em subjetividades, devido à participação do indivíduo em cada situação que só apela a uma ou a algumas subjetividades concretas.

Vivemos neste mundo sonoro e o som tenta neutralizar o mundo, bloqueá-lo aos sons dos indivíduos, onde cada um se fecha em si próprio, descarregando as suas forças e frustrações no som da música, dançando e saltando, numa tentativa desenfreada de esquecer os próprios problemas, aos outros e a si próprio.

### 1.1. *O sujeito contemporâneo*

O sujeito de hoje é um sujeito desestabilizado. O sujeito contemporâneo vive uma constante personalização, convertido ao seu narcisismo, vivendo numa indiferença constante em relação aos outros, feita de curiosidade e tolerância. A indiferença revela-se na medida em que “todos os gostos, todos os comportamentos, podem coabitar sem se excluírem, tudo pode ser escolhido conforme o gosto, tanto o mais operativo como o mais esotérico (...), num tempo sem referências estáveis, sem coordenadas principais... A indiferença pura designa a apoteose do temporário e do sincretismo individualista”<sup>15</sup>.

<sup>12</sup> Gilles LIPOVETSKY, *A era do Vazio*, Relógio d'Água, 64-65.

<sup>13</sup> *Ibidem*, 67.

<sup>14</sup> Erving GOFFMAN, “On face work. An analysis of ritual elements in social interaction”, in *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*, Nova Iorque, Pantheon Books, 5-46.

<sup>15</sup> Gilles LIPOVETSKY, *A era do Vazio*, 39.

Esta apatia, à qual lhe podemos juntar a indiferença é uma nova forma necessária à globalização económica, para um bom funcionamento do capitalismo moderno. Investem e entram no mercado sem resistências, favorecidos por esta indiferença apática. “A indiferença não se identifica com a ausência de motivação, identifica-se com a pouca motivação (...). O homem indiferente não se apega a nada, não tem a certeza absoluta, está preparado para tudo e as suas opiniões são susceptíveis de modificações rápidas”<sup>16</sup>.

Estamos perante um sujeito cuja personalidade tende a organizar-se a partir do consumo, não tendo, assim, princípio de integração. Encontramos “cada vez mais privados de espaço e de tempo socialmente definidos. A televisão torna o mais longínquo muito próximo e a ideia de uma história, que era a de uma nação ou de uma coletividade territorial é substituído (...) pela ideia de uma memória, quer individual quer comunitária”<sup>17</sup>.

O que hoje mais ameaça o sujeito é a sociedade de massas em que vivemos, onde não há referências a si mesmo, “onde é um ser de desejo e rutura com todo e qualquer princípio de realidade, em busca de uma libertação de pulsão, ou seja, impessoal”<sup>18</sup>. O sujeito é definido de forma dupla: “como uma imagem composta a partir das implicações expressivas dos acontecimentos em que participa, é como uma espécie de jogador num jogo de ritual em que se adapta às contingências da situação (...). A pessoa, o sujeito, é um constructo, construído não das propensões psíquicas internas mas a partir das regras morais que lhe são inculcadas do exterior”<sup>19</sup>.

O sujeito tem medo de envelhecer e de morrer, “o desinteresse pelas gerações futuras intensifica a angústia da morte, enquanto a degradação das condições de existência das pessoas idosas e a necessidade permanente de valorização, de se ser admirado pela beleza, pelo encanto, pela celebridade tornam a perspectiva de envelhecimento intolerável”<sup>20</sup>. Vive anestesiado pelo sistema, tentando lutar pela libertação da força dos mercados ou impérios, pelo encerramento das comunidades.

O sujeito não é uma forma da razão. Deveria ser uma presença da técnica, da memória, de solidariedade, da liberdade, mas aparece-nos como

<sup>16</sup> *Ibidem*, 42.

<sup>17</sup> Alain TOURAINE, *Iguais e Diferentes. Poderemos Viver Juntos?*, Instituto Piaget, Lisboa 1998, 80.

<sup>18</sup> *Ibidem*, 81.

<sup>19</sup> José Manuel OLIVEIRA MENDES, “O Desafio das Identidades”, in Boaventura SOUSA SANTOS, *Globalização. Fatalidade ou Utopia?*, ed. Afrontamento, Porto 2001, 493.

<sup>20</sup> Gilles LIPOVETSKY, *A era do Vazio*, 354-357.

vulnerável, mediático e mediatizado, revelando entre as suas contradições internas e externas, formas de violência.

## 1.2. *O Jovem e a Família*

Hoje tende-se a falar em demasia de “crise da família”. Talvez esta “crise na família” se identifique mais com a “crise da casa patriarcal”. “Com o seu desaparecimento deixou de haver o lugar da reunião das várias gerações e isso retira-nos da consciência da história como realidade vivida, na qual estamos integrados e sem a qual não somos o que somos”<sup>21</sup>. Não podemos deixar de dizer que a socio-emocionalidade, quer nos filhos, quer nas mães/pais, tem ganho valor como importância para a forma de encarar a vida e viver a vida. As competências para que a criança viva de forma adaptada, bem sucedida e feliz, quer com os outros, quer consigo mesmo, têm os seus alicerces na relação estabelecida entre ela e os pais.

“Uma das áreas em que tem sido estudada a influência e importância dos pais e da relação pais-prole no adequado desenvolvimento socio-emocional tem sido a auto-estima. Entendida como a percepção e valoração que o sujeito tem de si próprio - daquilo que é e que faz - a auto estima é uma espécie de filtro interno que interpreta, aprovando ou desaprovando, as características e competências pessoais”<sup>22</sup>. O grau de consideração por si próprio, o gostar ou não de si, têm evidenciado exercer uma grande influência na forma como o sujeito se comporta e reage aos acontecimentos da vida. A auto-estima positiva pode ser para as crianças e jovens, fatores de proteção perante adversidades e de evitamento ou redução de desadaptações.

Não nos restam dúvidas, que a “família constitui o primeiro lugar de toda e qualquer educação e assegura, por isso, a ligação entre o afetivo e o cognitivo, assim como a transmissão dos valores e das normas. As suas relações com o sistema educativo são, por vezes, tidas como relações de antagonismo: em alguns países em desenvolvimento, os saberes transmitidos pela escola podem opor-se aos valores tradicionais da família; acontece também que as famílias mais desfavorecidas encaram, muitas vezes, a instituição escolar como um mundo estranho de que não compreendem nem os códigos nem as práticas. Um diálogo verdadeiro entre pais e professores

<sup>21</sup> ALÇADA BAPTISTA, *A pesca à linha. Algumas memórias*, ed. Presença, Lisboa 1998, 12.

<sup>22</sup> Helena MACHADO- Helena REBELO PINTO, *Colóquio. Família. Contributos da Psicologia e das Ciências da Educação*. Actas, Faculd. Psicologia e Ciências da Educação, Universidade Lisboa 1997, 137.

é, pois, indispensável, porque o desenvolvimento harmonioso das crianças implica uma complementaridade entre educação escolar e educação familiar. Diga-se, a propósito, que as experiências de educação pré-escolar dirigidas a populações desfavorecidas mostraram que a sua eficácia deveu-se muito ao facto das famílias terem passado a conhecer melhor e a respeitar mais o sistema escolar” (Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 1996,111).

### 1.3. *O Jovem e a Escola*

Durante a fase de aumento do nível de vida que a sociedade atravessou após a 2ª Guerra Mundial, puseram-se grandes esperanças nas possibilidades que a escola tinha para melhorar as condições de vida. Os estabelecimentos de ensino multiplicaram-se e o ensino secundário tornou-se universal.

A escola deve desempenhar um papel importante na educação social da juventude, incutir-lhe espírito de cooperação e de compreensão mútua e fixá-la numa sociedade cada vez mais igualitária. Mas, com o tempo, viu-se que a teoria e a prática não se adaptavam. Nos nossos dias a escola, em particular, a escola secundária, frequentada por todos, tornou-se uma instituição agitada, alvo de grande descontentamento e de muitas críticas. Vários indicadores objetivos como o absentismo, o vandalismo, a indisciplina e violência, o abandono no decurso dos estudos e a rotação do pessoal docente, denunciam um certo mal-estar. Muitas destas dificuldades das escolas atuais “resultam de uma deficiente comunicação entre os seus intervenientes, de uma permanente procura de um culpado ou ainda do achar que não vale a pena, porque já se tentou e não se conseguiu”<sup>23</sup>. Não esquecendo ainda que tudo se tem vindo, a este nível, a agravar, não só pelas próprias mudanças que temos vindo a abordar, como a outras questões internas da vida das escolas, nomeadamente, as direções das escolas não serem eleitas pelos seus pares e demais elementos da comunidade educativa. Mas, este seria um outro assunto importante a ter em conta.

Por tudo isto, a análise sociológica tem demonstrado que o sistema de ensino, além de muitas funções, cumpre também uma função de integração social, nomeadamente através da inclusão generalizada de geradores de sentido que, no conjunto, constituem formação moral e cívica tendencialmente ajustada à aceitação conformista do sistema de papéis sociais e das

<sup>23</sup> Daniel SAMPAIO, *Verdade ou Mentira?*, NM 288, no dia 30.11.97.

desigualdades de classe instituídas<sup>24</sup>. “A escola não pode ser um lugar de ninguém, mas um espaço de procura de sentidos e de corajosa vivência de liberdade e da solidariedade”<sup>25</sup>.

Para ser homem não basta nascer, é necessário também aprender. A genética predispõe-nos para sermos humanos mas só por meio da educação e da convivência social conseguimos efetivamente sê-lo. A primeira coisa que a educação transmite a cada um dos seres pensantes é que não somos únicos<sup>26</sup>.

Conscientes disto e da importância que tem a escola nas suas vidas, que muitas vezes supera a dada à família, estão os nossos jovens quando ao falar da escola reivindicam mais atenção com o ambiente escolar e ambiental, denunciam o seu comportamento não correto e chamam a atenção para quem os ensina, ou deixa aprender.

## 2. Testemunho: onde se situa?

Após esta contextualização do ambiente em que pretendemos desenvolver o nosso testemunho, precisamos reunir algumas ideias concretas.

Na verdade, o momento atual, no qual se situa necessariamente a Escola e a fé cristã, é assumidamente secularizada, fragmentada, pulverizada e policêntrica. É, enfim, uma cultura que vive *etsi Deus non daretur* (como se Deus não existisse), “simultaneamente poderosa e débil, capaz do melhor e do pior” (*Gaudium et Spes*, nº9). Numa situação como esta, de “mal-estar” e não dotada de ouvidos para o religioso (Max Weber), Deus já não transparece como luz que ilumina, razão que fundamenta a realidade, a história e a existência pessoal de cada homem e mulher. Expropriadora da organização teológica e pulverizadora da fé, a cultura atual relegou para um plano marginal a esperança dos cristãos.

Vivemos uma fase em que a importância da família atravessa uma crise cultural profunda; somos assolados pelos Desafios da inculturação da fé; pelos Desafios da cultura urbana; pela Interculturalidade; pelo constante desafio do lugar do religioso. E onde vão parar todos estes desafios que revelam profundas crises de existência, de cultura e de identidade? À Escola.

<sup>24</sup> Cf. STOER, *Educação, Ciências Sociais e Realidade Portuguesa. Escolarização, relação com o trabalho e práticas sociais*, ed. Afrontamento, Porto 1991, 26.

<sup>25</sup> OLIVEIRA MARTINS, *Escola de Cidadãos*, 27.

<sup>26</sup> Fernando SAVATER, *O Valor de Educar*, ed. Presença, Lisboa 1997, 33.

É neste contexto de crise (no sentido que E. Morin lhe atribui, ou seja, crise significa decisão; a crise é um momento decisivo), somos chamados a “coproduzir uma cultura que diz respeito a toda a humanidade” (E. Morin) e que crie, cada vez mais humanidade, já que é essa a principal função da cultura, e consequentemente, da educação que é o ato de transmitir cultura.

Não obstante, o que temos feito nós? O que têm feito os intelectuais? O que têm feito aqueles que têm responsabilidades religiosas, culturais, políticas, sociais, educativas, etc? Esta é a pergunta que emerge sobretudo quando a perplexidade nos persegue perante casos de corrupção, crises de valores, atentados contra a vida humana e a natureza, violência, abusos contra menores, sucessos desconcertantes, entre outros. Uma questão que gera outras questões, tais como: Que tipo de intelectuais desejamos nos dias de hoje? Que tipo de pessoas estamos a formar nas nossas salas de aulas? Que tipo de intervenção temos nós próprios na área que temos ao nosso alcance.

Quando lançamos um olhar ao passado, é-nos fácil definir um intelectual ou uma pessoa com intervenção pública capaz de influenciar a cultura; apontaríamos sem dificuldade grandes teóricos das ciências e estudiosos das letras, das artes, do saber em geral. Atualmente é muito difusa a imagem deste intelectual e, por isso, a diferenciação em relação aos “pseudo-intelectuais”. E porquê?

Alguns intelectuais abstêm-se de manifestar, com frequência, a sua opinião para além de um círculo escolhido e imediato, ou então, simplesmente calam-se; outros, pelo contrário, pecam por excesso e transformam-se em “intelectuais orgânicos ou alienados” ao serviço de determinadas ideologias. E porque se calam? E porque nos calamos nós?

Em geral, existe desinteresse pelos temas que teoricamente são colocados pelos professores; os recetores/alunos interessam-se mais por questões tecnológicas e, sobretudo, hedonistas; e, além disso, a racionalidade, que é a esfera da atuação, encontra-se em decadência. Em consequência, percebe-se uma situação de crise no que diz respeito à nossa missão; o mundo moderno coloca um cúmulo de problemas de ordem política, económica, ética e tecnológica, aos quais não sabemos ou não queremos dar resposta oportuna.

Outra das causas deste “descrédito” pode ser encontrada na circunstância de que a inteligência está demasiado unida a dogmas ou ideologias, com a arma de compromisso político, ideológico ou religioso. Por essa

razão, muitos intelectuais, muitos professores e muitos cristãos, confundiram, nos nossos dias, a propriedade profética com a prioridade promocional ideológica que, geralmente, serve de apoio ao poder.

Curiosamente, de entre todos os produtores e transmissores de saber os que mais se isolam são os católicos. Até há pouco tempo, contavam com um auditório disposto a escutá-los: os crentes. Hoje, porém, falta-lhes crédito e dão-se conta de que não se confia já na possibilidade de clarificação que procede da religião.

É precisamente quando a realidade se manifesta mais complexa, incompreensível e confusa, que a responsabilidade se intensifica: a racionalidade, a consciência ou a inteligência só se renovam no exercício ativo daqueles que, sendo responsáveis, e com responsabilidade, a sabem despertar naqueles que se mostram insensíveis às suas interrogações, porque se ficam pela informação, que existe em excesso, não se elevando ao pensamento lógico, crítico e ético.

Urge preservar, portanto, a esfera da missão *sonhar alto o sonho de todos*.

E para assim se sonhar, educar implica o ato de convidar. Um convite tem um aspeto mágico; coloca uma nova possibilidade na mão daquele que o recebe. Surge como algo novo que tendo sentido para mim próprio poderá abrir uma oportunidade.

Quando aceitamos ou não um convite, abrimos e fechamos algumas possibilidades, tomamos uma decisão numa ou outra direção. Um convite é como aquelas placas na encruzilhada das estradas, indicam possíveis direções na nossa jornada. E ninguém mais que nós vai escolher a direção a tomar.

Ora, a beleza do convite está precisamente na liberdade que ele gera.

Se um convite não obriga a ação de aceitá-lo, certamente obriga o convidado a tomar uma posição. Convidar não é uma ação inocente, é um ato direcionador e modificador do mundo.

A arte de convidar é a arte de aprender a abrir possibilidades. Convidar é a primeira materialização do fazer bem para aquele que recebe bem. E esta arte está relacionada com encontrar o ponto ótimo entre a possibilidade direcionada e a liberdade de escolha. A Arte de convidar é intrínseca ao ato de educar.

#### 4. Onde está a Alegria do Anúncio que fazemos na Escola?

A forma como fazemos o *Anúncio* revela, sem sombra de dúvida, a alegria ou não contida nesse ato.

Assim sendo, revelamos essa alegria como educadores, em atitudes e comportamentos. Por exemplo, quando inspiramos confiança no conhecimento e compreensão dos outros; pela proximidade que revelamos com os nossos alunos e comunidade educativa; mostrando em cada gesto que transportamos em nós algo maravilhoso que se chama: sensibilidade humana.

Conseguimos com esta sensibilidade e relação pessoal facilitar o desenvolvimento integral dos nossos alunos, que por consequência a transportarão para as suas famílias. É o testemunho de alegria no saber acolher, na atitude dialogante, na relação, na forma como partilhamos conhecimento com alunos e colegas professores. Um testemunho que nos faz aparecer, naturalmente, como mediadores críticos em toda a ação educativa.

A Alegria do testemunho está na responsabilidade que damos ao próprio testemunho, como profissionais, mas também como testemunho de uma autêntica vivência cristã. Somos pessoas de Esperança, de maturidade afetiva e psicológica, conscientes de uma vocação e missão que nos torna uma presença viva d'Aquele a quem testemunhamos?!

E como nos encontramos num ambiente de diálogo específico, entre católicos com responsabilidades diversas dentro da Igreja, relembro que o conhecimento acerca das religiões e crenças constitui uma componente essencial de uma educação com qualidade. É muito importante para a formação integral da pessoa, que esta entenda que este conhecimento favorece a nossa compreensão sobre grande parte da história, da literatura e da arte; é útil para ampliar os nossos horizontes culturais e ajuda-nos a ter uma visão mais profunda da complexidade do passado e do presente. E agora, questiono eu a mim e a todos vós: temos contribuído para que a disciplina que o sistema público de ensino nos tem deixado lecionar, a Educação Moral e Religiosa Católica, se enraíze, por mérito próprio nas nossas escolas (quando digo nossas escolas, refiro-me a escolas públicas e católicas)? Temos sido o suficientemente responsáveis por fazer transparecer a diferença entre esta disciplina e a catequese que deve ser ministrada nas nossas paróquias? Temos ajudado na compreensão da sociedade em relação ao riquíssimo programa da disciplina e à formação dos professores que a ministram?



Refletimos a nossa fonte de espiritualidade, acompanhando os mudanças próprias dos tempos? Sem medos, nem receios, sendo profissionais ativos, atuais e testemunhas de fé viva. Ou vivemos uma “espiritualidade fast-food”?!

Concluiria, a minha participação nesta mesa, com o Papa Francisco:

**“Não devemos ser cristãos aguados que esquecem a alegria do Testemunho”.**

## BIBLIOGRAFIA

- ALÇADA BAPTISTA, *A pesca à linha. Algumas memórias*, ed. Presença, Lisboa 1998.
- AA.VV, *EDUCAÇÃO UM TESOURO A DESCOBRIR* Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI CORTEZ UNESCO MEC Ministério da Educação e do Desporto, 1996.
- BAUMAN, Zygmunt, *Intimations of Postmodernity*, Londres, Sage.
- BECK, Ulrich, *Risk Society. Towards a New Modernity*, “Sage”, Londres 1992.
- GIDDENS, Anthony, *Modernidade e Identidade Pessoal*, ed. Celta, Lisboa 2001.
- GOFFMAN, Erving, “On face work. An analysis of ritual elements in social interaction”, in *Interaction Ritual: essays on face-to-face behavior*, Nova Iorque, Pantheon Books, 5-46.
- HESPAÑA, Pedro, *Mal-Estar, risco social e políticas sociais*, in Boaventura SOUSA SANTOS, *Globalização. Fatalidade ou Utopia?*, ed. Afrontamento, Porto 2001.
- LASH, Christopher, *Le complexe de narcissisme*, Robert Laffont, Paris 1980.
- LIPOVETSKY, Gilles, *A era do Vazio*, Relógio d’Água, Lisboa 1989.
- LIPOVETSKY, Gilles, *Le Crépuscule du devoir*, ed. Gallimard, Paris 198.
- MACHADO, Helena- Helena REBELO PINTO, *Colóquio. Família. Contributos da Psicologia e das Ciências da Educação*. Actas, Faculd. Psicologia e Ciências da Educação, Universidade Lisboa 1997.
- OLIVEIRA MARTINS, *Escola de Cidadãos*, Lisboa 1992.
- OLIVEIRA MENDES, José Manuel, “O Desafio das Identidades”, in Boaventura SOUSA SANTOS, *Globalização. Fatalidade ou Utopia?*, ed. Afrontamento, Porto 2001.
- SAMPAIO, Daniel, *Verdade ou Mentira?*, NM 288, no dia 30.11.97.
- SAVATER, Fernando, *O Valor de Educar*, ed. Presença, Lisboa 1997.
- STOER, *Educação, Ciências Sociais e Realidade Portuguesa. Escolarização, relação com o trabalho e práticas sociais*, ed. Afrontamento, Porto 1991.
- TEIXEIRA FERNANDES, António, *Para uma sociologia da cultura*, ed. Campo das Letras, Porto 1999.
- TOURAINÉ, Alain, *Iguais e Diferentes. Poderemos Viver Juntos?*, Instituto Piaget, Lisboa 1998.

# Revista de Espiritualidade

Ano XXVIII – Nº 109-110 – Janeiro | Junho 2020

PORTUGAL, Alpoim Alves

*«As fontes de alegria»*

NEVES, Luís César das

*As Bem-aventuranças na actualidade*

SOUSA, Manuel José Rodrigues de

*A alegria gerada pela palavra.*

*A visitação de Maria*

DUARTE, Alexandre Freire

*A experiência pascal do encontro:*

*Fonte da alegria cristã*

MARIÑO, Maria José

*A alegria em situações limite*

*ou o limite como lugar de graça*

SANTOS, Paulo dos

*A experiência fundante de amar e ser amado*

REGO, João Ricardo Costa

*A beleza contemplada*

*pelo olhar de S. João da Cruz*

PAINEL – A ALEGRIA DO ANÚNCIO

SANTOS, Manuel António da Rocha Fontes

*Nas comunidades cristãs*

CARVALHO, Luísa e António Marques de

*Na família*

PEREIRA, Lúgia

*Na escola*



0872 2366